

ANAIS DA

II JORNADA NORTE-NORDESTE DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL & II COLÓQUIO "MARIELLE FRANÇO" DE DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADE

19 E 20 DE NOVEMBRO DE 2020



©2020 dos autores

A reprodução ou transmissão desta obra, ou parte dela, por qualquer meio, com propósitos de lucro e sem prévia autorização dos editores, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Direitos Reservados desta edição
PPGEP IFRN

Revisão
Ilane Ferreira Cavalcante

Catálogoção
Jéssica Souza Martins – CRB 15/913

Projeto Gráfico e Diagramação
Elizama das Chagas Lemos
Rosemary Pessoa Borges de Almeida

CDU 305+377 (811/813)

J82a Jornada Norte-Nordeste de gênero e sexualidade na Educação Profissional e Colóquio Marielle Franco de direitos humanos e diversidade (2. : 2020 : Natal, RN).

Anais da II Jornada Norte-Nordeste de gênero e sexualidade na Educação Profissional e II Colóquio Marielle Franco de direitos humanos e diversidade, 19 e 20 de novembro de 2020, Natal, Brasil [recurso eletrônico. / Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte. — Natal, RN: IFRN, 2020.

154 p.

ISBN 978 65 992308 1 3

1. Gênero e Sexualidade — Congresso. 2. Direitos humanos — Congresso. 3. Educação Profissional — Congresso. 4. Norte-Nordeste — Congresso. I. Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte. II. Título.

Comitê Científico

Ana Cristina Pereira (IFRN)
Ana Paula Palheta (IFPA)
Bárbara Casseb (IFPA)
Breno Alencar (IFPA)
Creusa Lélis (IFRN)
Daiany Ferreira Dantas (UERN)
Edson Lima (FPS)
Elizama das Chagas Lemos (IFRN)
Emy Falcão Maia Neto (SEEC/RN)
Flávio Ferreira (IFRN)
Francinaide de Lima Silva Nascimento (IFRN)
Hericley Serejo Santos (IFPA)
Ilane Ferreira Cavalcante (IFRN)
Katia Bárbara (IFPA)
Kirla Anderson (IFPA)
Mírian Rique de Souza Brito Dias (FPS)
Paula Chaves (IFRN)
Priscila Magalhães (IFPA)
Rosemary Pessoa Borges de Almeida (IFRN)
Rossana C. Rameh-de-Albuquerque (FPS)
Thulho Siqueira (IFRN)
Tiago Veloso (IFPA)

Comissão Organizadora

Avelino A. de Lima Neto (IFRN)
Maria da Conceição Rodrigues (IFPA)
Natália Conceição Silva Barros Cavalcanti (IFPA)
Rossana C. Rameh-de-Albuquerque (IFPE/FPS)

Comissão Técnica

Alanderson Nascimento (IFRN)
Ana Kamilly de Souza Sampaio (IFRN)
Ana Liziane Araújo da Paz (UFRN)
Antonio Leoni dos Santos Junior (IFRN)
Carolina Xavier (IFRN)

Daniel de Oliveira Quaresma (IFPE)
Elizama das Chagas Lemos (IFRN)
Ilane Ferreira Cavalcante (IFRN)
Jéssica Souza Martins (IFRN)
Marco Eugênio (IFPE)
Maria Clara do Nascimento (IFRN)
Marlus Barbosa De Souza (IFPE)
Rosemary Pessoa Borges de Almeida (IFRN)

Comissão de Comunicações Orais e Secretaria

Ana Cristina Costa (UFRN)
Ana Kamily de Souza Sampaio (IFRN)
Ana Liziane Araújo da Paz (UFRN)
Ana Paula (IFPA)
Carolina Xavier (IFRN)
Flúvio Pacheco (IFPA)
Francinaide de Lima Silva Nascimento (IFRN)
Hericley Serejo Santos (IFPA)
Hortência Fonseca (IFRN)
Ilane Ferreira Cavalcante (IFRN)
João Porto (FPS)
Júlio César Rolim (IFPB)
Larissa Souza (IFRN)
Luciana Cristina Amaral Ferreira (FPS)
Maria Carolina Xavier da Costa (IFRN)
Maria Clara do Nascimento (IFRN)
Marlus Barbosa De Souza (IFPE)
Mírian Rique de Souza Brito Dias (FPS)
Priscila Tiziana Seabra Marques da Silva (IFRN)
Rhayara Lira (IFRN)
Robério Maia (UFRN)
Thiago José Ferreira (IFRN)
Tiago Veloso (IFPA)

Organização dos Anais

Elizama das Chagas Lemos
Francinaide de Lima Silva Nascimento
Ilane Ferreira Cavalcante
Jessica Souza Martins
Rosemary Pessoa Borges de Almeida

APRESENTAÇÃO	10
ST 01 – POVOS INDÍGENAS, GÊNEROS E INTERCULTURALIDADES	12
CORPOS AMERÍNDIOS: (TRANS)FORMAÇÕES HUMANAS, ALIANÇAS, E (R)EXISTÊNCIA	14
ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DA RELAÇÃO DENTISTA-PACIENTE INDÍGENA: uma revisão integrativa	16
PERCURSO FORMATIVO DE PROFESSORAS INDÍGENAS: DAS ALDEIAS À UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA	17
POLÍTICAS COLONIAIS E VULNERABILIDADES DOS POVOS INDÍGENAS BRASILEIROS NO ENFRENTAMENTO A COVID 19	19
VIOLÊNCIA NA HISTÓRIA DO BRASIL 'PANDÊMICO': QUE QUEIMA/DESMATA A NATUREZA E FERE OS POVOS INDÍGENAS - DO LUTO À LUTA	21
AÇÕES AFIRMATIVAS DE MATRICIAMENTO EM TERRITÓRIO TRADICIONAL: TRAÇANDO CAMINHOS PARA O CUIDADO INTERCULTURAL	23
FEMINISMO DECOLONIAL INDÍGENA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA CURRÍCULOS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA BRASILEIRA	25
O PROTAGONISMO FEMININO INDÍGENA NOS ESPAÇOS SOCIAIS	27
FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM TERRAS INDÍGENAS: UMA EXPERIÊNCIA INTERCULTURAL	29
“SER MULHER INDÍGENA”: GÊNERO E PODER NA LUTA DO POVO TENETE HAR- TEMBÉ PELO DIREITO AO TERRITÓRIO	31
ENTRE SABERES E SIGNIFICADOS: CONSTRUINDO E RESSIGNIFICANDO SABERES E CONHECIMENTOS EM GÊNERO, ETNIA, RAÇA E SEXUALIDADE COM MULHERES INDÍGENAS E QUILOMBOLAS DO RN	33
A MULHER INDÍGENA KAINGANG RETRATADA EM MÍDIA IMPRESSA 1990-2010: O CONSERVADORISMO RELACIONADO AS QUESTÕES DE GÊNERO	35
ST 02 – PRÁTICAS EDUCATIVAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PARA A DIVERSIDADE	37
IDEOLOGIA DE GÊNERO PARA QUEM ESTUDA GÊNERO: UMA DISCIPLINA GÊNERO E MÍDIA COMO PARTE DO CURRÍCULO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL	39

PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE E EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA ALDEIA SÃO PEDRO E PITÁWÀ, POVO TEMBÉ	41
DA LAGARTA À BORBOLETA: SOBRE A CENA “TRANSFOBIA” DO ESPETÁCULO FRAGMENTOS DA DOR, ENCENADO PELO GRUPO ANDALUZ DE TEATRO DO IFRN/MO E A (DES)CONSTRUÇÃO DO SUJEITO TRANS	43
FORMAÇÃO DOCENTE: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A DIVERSIDADE	45
CONFISSÕES DE ADOLESCENTE: UMA PROPOSTA DE (DES)CONSTRUÇÃO DE FEMINILIDADES NA ESCOLA, EM MEIO À PANDEMIA	47
CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA A FORMAÇÃO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	49
PRÁTICAS EDUCATIVAS EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO PRODUTO EDUCACIONAL	51
INSPIRAÇÃO NA ABORDAGEM DE PESQUISA E ENSINO SOCIOPOÉTICA: UM CAMINHO PARA EDUCAR E APRENDER COM OUTRAS, OUTROS E OUTRES	53
IGUALDADE E RESPEITO: COMO A LITERATURA PODE CONTRIBUIR NAS DISCUSSÕES DE GÊNERO EM SALA DE AULA	55
ST 03 – MULHERES, RACISMO E POBREZA: AS DESIGUALDADES DE RAÇA E GÊNERO NO BRASIL DA PANDEMIA DA COVID-19	58
ENTRE FLORESTAS E MULHERES: VIOLÊNCIAS QUE SE CONECTAM	60
A EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA DE CONSTRUÇÃO DA CARTILHA DE COMBATE ÀS PRÁTICAS DE RACISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA	62
VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19: REFLEXÕES SOBRE A INTERSECCIONALIDADE E A VULNERABILIDADE DA MULHER NO ESTADO DO MARANHÃO	63
VIOLÊNCIA EM RELAÇÕES PATRIARCAIS DE SEXO EM MOSSORÓ/RN - ASSESSORIA JURÍDICA POPULAR, TEATRO DO OPRIMIDO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA DE EXTENSÃO “DESCONSTRUINDO AMÉLIA”	65
COMBATE ÀS PRÁTICAS DE RACISMO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO POPULAR NO SEMIÁRIDO NORDESTINO EM TEMPOS DE PANDEMIA	67
A VIOLÊNCIA SEXUAL EM NOTÍCIAS JORNALÍSTICAS: CORPO, MULHERES E CLASSE SOCIAL	69

MULHERES PRETAS QUILOMBOLAS E RESISTÊNCIA: ENFRENTAMENTOS DE MÚLTIPLAS VIOLÊNCIAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID -19 71

ST 04 – MEMÓRIAS DAS MINORIAS POLÍTICAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL 73

ESTADO DA ARTE SOBRE A POLÍTICA EDUCACIONAL PROFISSIONAL NA CIDADE FABRIL DE RIO TINTO-PB (1944-1984) 75

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ESTADUAL DO RN E SUAS RELAÇÕES COM AS SUBJETIVAÇÕES DAS ESTUDANTES: UM ESTADO DA ARTE 77

O CORPO E A FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL 79

MAGISTÉRIO FEMININO NA ESCOLA DE APRENDIZES E ARTÍFICES DO RIO GRANDE DO NORTE 81

FORMAR PARA O CUIDADO: A FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL E O ENSINO INTEGRADO EM SAÚDE 83

VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: REFLEXÕES SOBRE O ESTADO DO CONHECIMENTO 85

“TRISTE, LOUCA OU MÁ”: REFLEXÕES EM TORNO DE MULHERES TRANSGRESSORAS NA PÓS-GRADUAÇÃO 87

MEMÓRIAS DO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE EM NARRATIVAS DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA 89

AS (DES)ORDENS DOS DISCURSOS MASCULINOS: REFLEXÕES ACERCA DOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DE HOMENS PROFESSORES DA EJA 91

MEU FUÁ TEM PODER: CORPOS NEGROS NA LUTA ANTIRRACISTA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO (IFPA-CAMPUS BELÉM) 99

PERCEPÇÃO DE GRADUANDOS USUÁRIOS DE MACONHA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O USO DA DROGA E SEU DESEMPENHO ACADÊMICO 100

DO ASSENTAMENTO AO SONHO: A HISTÓRIA SOBRE COMO UMA MULHER DO CAMPO PODE GANHAR O MUNDO POR MEIO DA EDUCAÇÃO 102

ST 05 – NÚCLEOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: ESTRATÉGIAS E RESISTÊNCIAS 104

LINGUAGEM E DISCURSO: A EXPERIÊNCIA DO NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, APRENDIZAGENS E SABERES – NEGRAS (2015-2020) 106

E SE MARIE CURIE FOSSE NEGRA?	107
POLÍTICAS DE INCLUSÃO E DIVERSIDADE NO INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE	109
PERFORMANCES E POÉTICAS DO CORPO EM TEMPOS DE PANDEMIA	111
ESTUDO DE RELAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO À ESTEREÓTIPOS	113
UMA NARRATIVA HISTORIOGRÁFICA SOBRE O NÚCLEO DE GÊNERO E DIVERSIDADE DO IFPE CAMPUS BELO JARDIM	115
“MULHERES SELVAGENS”: REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS DE SOFRIMENTO DE ESTUDANTES CAMPESINAS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO	117
CURRÍCULO, GÊNERO E ESCOLA: A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	119
DAS FOLHAS AO CORPO: POSSIBILIDADES DE UM OLHAR PARA SI	121
DIÁLOGOS (IN) FORMATIVOS EM EDUCAÇÃO, GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE - A EXPERIÊNCIA NO NEGEDI IFRN NA PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO NA ESCOLA	123
AS SEXUALIDADES DISSIDENTES E A FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	125
ST 06 – MUNDO DO TRABALHO, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E IDENTIDADE DE GÊNERO	127
A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: VOZES DE PÓS- GRADUANDOS	129
EMPREGADAS DOMÉSTICAS NAS PÁGINAS DE UM JORNAL POTIGUAR: UMA HISTÓRIA DA SUSPEIÇÃO	131
MULHER, MÃE E PROFISSIONAL: UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE OS DESAFIOS DA REINSCRIÇÃO DE MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO APÓS TER FILHOS	133
O “OLHAR” DE FUTURAS PROFESSORAS E PROFESSORES EM EXERCÍCIO SOBRE A DOCÊNCIA DE HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	135
DIFUNDINDO O IDEAL, MARGINALIZANDO O REAL: MULHERES EM PROPAGANDAS DE JORNAIS NA METADE DO SÉCULO XX	136
VIVENDO A PANDEMIA NA DOCÊNCIA: VOZES MULHERES NO IFRN	138

CORPO E FORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE MULHERES PERIFÉRICAS UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	140
FERIDAS NA MEMÓRIA, RELATOS DE ESTIGMATIZAÇÃO HETERONORMATIVAS NO AMAPÁ	142
O DIREITO E O ASSÉDIO MORAL NAS RELAÇÕES ESTUDANTIS DOS ALUNOS DO IFRN CAMPUS JOÃO CÂMARA	143
“MULHERES ESCANDALOSAS”: MULHERES POBRES E EMPREGADAS DOMÉSTICAS NA FALA DOS OUTROS	145
COMO CONSEGUIR UM EMPREGO? DILEMAS ENCONTRADOS PELA POPULAÇÃO LGBTQI+	147
MUNDOS DO TRABALHO: RELAÇÕES DE GÊNERO E AFETOS NO COTIDIANO DOS CANDANGOS DE MOTOR DE AGAVE (CUBATI/PB)	149
EDUCAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE CORPORATIVO	150
QUEM É MARIELLE FRANCO? UMA PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO DAS IMAGENS CONSTRUÍDAS PELOS DISCURSOS MIDIÁTICOS	152
A DIMENSÃO DE GÊNERO NA IMPLEMENTAÇÃO DO ENSINO REMOTO: PERSPECTIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS NO PERCURSO DE TRÊS PROFESSORES	154

APRESENTAÇÃO

A II Jornada Norte-Nordeste de Gênero e Sexualidade na Educação Profissional e o II Colóquio Marielle Franco de Direitos Humanos & Diversidade convocam pesquisadorxs, estudantes, técnicos, membros de movimentos sociais e demais interessados a sentir e pensar os Corpos interseccionais em luto e em luta.

A II Jornada se insere no contexto das atividades de um projeto de pesquisa interinstitucional, coordenado pelo IFRN, com a participação de pesquisadores, estudantes, técnicos, grupos de pesquisa e programas de pós-graduação do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), do Instituto Federal do Pará (IFPA), da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), da Universidade de Montpellier (França) e da Universidade JeanMonnet/Saint Étienne (França). O projeto é financiado pelo edital universal do CNPq e se intitula *Corpo, gênero e sexualidade na Educação Profissional: cenários epistemológicos e subjetivos*. A investigação explora lacunas do campo da Educação Profissional e Tecnológica. Tanto a produção do conhecimento da área sobre as temáticas em questão, quanto as práticas pedagógicas desenvolvidas nas instituições de formação profissional apontam para uma invisibilidade concernente às situações de vulnerabilidade e sofrimento envolvendo estudantes mulheres e/ou LGBT+. Disso decorre a relevância de pautarmos essa temática em tempos de pandemia, criando modos de resistir às tentativas de apagamento da memória desses sujeitos em luto e em luta.

A primeira edição da Jornada aconteceu em novembro de 2019, no Campus Belém, do IFPA e teve como tema Potências do corpo e mal-estar contemporâneo na Educação Profissional. Sob a coordenação da Profa. Natália Conceição Silva Barros Cavalcanti (IFPA/ ProfEPT), o evento contou com a colaboração de outros pesquisadores e estudantes do GICEP - Grupos de Estudos e Pesquisas em Cultura, Educação e Política.

O II Colóquio Marielle Franco de Direitos Humanos e Diversidade, que teve sua primeira edição em 2018, no Campus Belém do IFPA, situa-se na continuidade do debate sobre a conquista e o reconhecimento de direitos, sobre o respeito às diversidades culturais, de gênero e etnicorraciais no âmbito do IFPA. O Colóquio também problematiza a fragilização da democracia no Brasil em contexto pandêmico e suas implicações para as populações mais vulneráveis, refletindo sobre o papel estratégico da formação de professores e da Educação Profissional e Tecnológica enquanto atores e espaços de resistência.

A segunda edição de ambos os eventos, em contexto pandêmico e de crise humanitária, acontece completamente *on line* nos dias 19 e 20 de novembro de 2020. Nessa nova versão, o evento reúne pesquisadores dos grupos de pesquisa Observatório da Diversidade e Multirreferencialidade, educação e linguagem, ambos do IFRN, além de contar com a colaboração de professores e estudantes de graduação e pós-graduação das instituições envolvidas.

O evento se constitui de seis Simpósios Temáticos (ST) que reúnem as principais questões ligadas à temática geral: ST1 – Povos indígenas, gêneros e interculturalidades; ST2-Práticas educativas e formação de professoras/es da educação profissional para a diversidade; ST3- Mulheres, racismo e pobreza: as desigualdades de raça e gênero no Brasil da pandemia da Covid-19; ST4 – Memórias das minorias políticas na educação profissional; ST5 – Núcleos de gênero e diversidade na educação profissional: estratégias e resistências; ST6 – Mundo do trabalho, educação profissional e identidade de gênero.

As discussões pretendem ampliar a abrangência dos estudos na área da educação profissional, além de demarcar caminhos investigativos desenvolvidos ou em desenvolvimento no âmbito temático do evento, contribuindo para as discussões de gênero, etnia e sexualidade e suas interseccionalidades.

Equipe organizadora

1.

ST 01 – POVOS INDÍGENAS, GÊNEROS E INTERCULTURALIDADES

COORDENAÇÃO

Jane Felipe Beltrão (UFPA)

E-mail: janebeltrao@gmail.com

Paula Faustino Sampaio (UFR/UFGRD)

E-mail: paulafaustinosampaio@hotmail.com

APRESENTAÇÃO DO SIMPÓSIO TEMÁTICO

A situação colonial e as colonialidades violam sistematicamente os direitos dos povos indígenas, na América Latina e Caribe, há cinco séculos. O fato produz lutas políticas empreendidas pelos coletivos indígenas para se construir como sujeitos históricos, na/em defesa de seus direitos. A luta e a agência dos povos indígenas no Brasil é o foco do Simpósio que se propõe, na expectativa de refletir como o bom combate travado pelos povos indígenas em busca do “bem viver” é atravessado por questões que dizem a gêneros que correspondem às mulheridades, às masculinidades e às pessoas LBGTQIA+, pois na defesa dos territórios os corpos de sujeitos de luta foram e são violados

por serem etnicamente diferenciados e considerados pouco importantes e não dignos de luto, dada a escassez e mesmo inexistência de relações interculturais. Abriga-se na proposta discussões relativas ao feminismo comunitário; discussões de gêneros e reflexões sobre interculturalidades.

Palavras-chave: Povos indígenas; Direitos étnicos, Gêneros, Interculturalidades.

CORPOS AMERÍNDIOS: (TRANS)FORMAÇÕES HUMANAS, ALIANÇAS, E (R)EXISTÊNCIA

Jimmy Davison Emídio Cavalcanti – jimmy.davison@ead.ifpe.edu.br (IFPE)

Os povos indígenas das terras que foram nomeadas América têm existido há mais de quinhentos anos em resistência às devastadoras intrusões de povos europeus, em suas faces religiosa, econômica, epistemológica [e] política. Por meio de diversas práticas enraizadas em seus pensamentos, que, em diversos aspectos, distinguem-se do pensamento ocidental (VIVEIROS DE CASTRO, 2018), têm podido defender seus mundos, recusando-se a se submeterem a uma lógica que devora tudo, terra, pedras, árvores, gentes, e fortalecer seus modos de vida. Os ameríndios têm, portanto, um potencial com o qual podemos fazer alianças para reexistirmos em tantas outras lutas que se foram configurando ao longo do período que se sucede à intrusão das “gentes da mercadoria” nestas terras (KOPENAWA; ALBERT, 2015). Lutas que precisam serem travadas inclusive no campo da “formação humana”, onde o racismo, enquanto uma das faces do poder colonizador, habita, caça, captura, e devora o Ouro (GALLO, 2014); indígenas, mulheres, negros e negras, pessoas com deficiência, pessoas LGBTQIA+, para citar alguns. Diante desse potencial selvagem de aliança, o presente ensaio inscreve-se em mundos indígenas, com o objetivo de apontar contribuições do pensamento ameríndio para pensar a (trans)formação humana com as lutas de coletivos minoritários, dando ouvidos a lições vindas dos povos das florestas. Toma o conceito ameríndio de corpo, no multinaturalismo perspectivista do antropólogo americanista Eduardo Viveiros de Castro (2018), como perspectiva a partir da qual olhar e discutir narrativas míticas e práticas do povo Yanomami, evidenciando a potência de transformação dos corpos que se potencializa nos encontros entre agentes cósmicos heterogêneos. Metodologicamente, o trabalho conduz-se como um gesto ensaísta especulativo, de modo a não pretender estabelecer soluções, mas apenas por em movimento um pensar com o outro. Do ponto de vista do corpo ameríndio, pode-se ver a aliança entre heterogêneos como modo de reexistência frente a forças de captura e devoração do Outro. Aliança como um modo de compor com a alteridade, que, como nos ensinam os ameríndios, não se restringe a uma diversidade de pessoas nos limites do conceito moderno de Humano. Ela implica uma heterogeneidade que inclui outras tantas humanidades, agentes sociais

cósmicos, como os xapiri, e assim dá a possibilidade de pensar em (trans)formações humanas.

Palavras-chave: Corpo ameríndio; Aliança entre heterogêneos; Formação humana; Yanomami; Transformações.

ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DA RELAÇÃO DENTISTA-PACIENTE INDÍGENA: uma revisão integrativa

Diogo Gomes Brandão - diogo.brandão2009@hotmail.com (UFAL)

Christiano Batista dos Santos - christianobds@gmail.com (UFAL)

Introdução: Os reptos no atendimento odontológico direcionados as comunidades indígenas são inúmeros, envolvendo desde a estrutura física mínima necessária para atendimentos mais especializados, até os aspectos culturais, geográficos e principalmente linguísticos. **Objetivo:** analisar estudos sobre a relação profissional- paciente indígena, devido à diversidade das cultural envolvidas, afim de refletir sobre os avanços e entraves que os profissionais de saúde, em especial os cirurgiões-dentistas enfrentam quando estão imersos neste ambiente transcultural. **Metodologia:** Trata-se de estudo de revisão integrativa, os artigos compilados neste estudo foram selecionados por meio das bases de dados: PubMed, Lilacs e Scielo. O levantamento limitou-se aos artigos publicados nos idiomas inglês e português, entre os anos de 2010 a 2020. **Resultados e discussões:** Observou-se que o paciente indígena traz consigo sua própria interpretação do mundo que o cerca, da vida e da morte, das causas espirituais sobre as enfermidades, que corroboram para uma percepção particular do contexto saúde- doença, portanto é imprescindível promover uma reflexão acerca da formação e conduta destes profissionais, onde possam ser capazes de intervir simultaneamente na saúde integral dos indivíduos e coletividades. **Conclusão:** Contudo, é necessário que os profissionais de saúde obtenham uma mínima compreensão antropológica da cultura das comunidades em que atuam, desta forma terão subsídios mais efetivos para o bom desempenho de seu trabalho, resultando num atendimento mais assertivo, menos impositivo e etnocêntrico.

Palavras-chave: Saúde Bucal. Saberes Tradicionais. Saúde de Populações Indígenas.

PERCURSO FORMATIVO DE PROFESSORAS INDÍGENAS: DAS ALDEIAS À UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Carma Maria Martini - carmamartini@unir.br (Universidade Federal de Rondônia e Universidade Estadual de Maringá)

Eliane Rose Maio - elianerosemaio@yahoo.com.br (Universidade Estadual de Maringá)

O presente trabalho tem como objetivo descrever a trajetória formativa de professoras indígenas, estudantes da Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), campus de Ji-Paraná. Trata-se de um recorte da pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM) – DINTER UEM/UNIR. É uma pesquisa qualitativa embasada teoricamente em autores/as das áreas dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero. A população da pesquisa compreendeu as estudantes matriculadas na Licenciatura em Educação Básica Intercultural da UNIR no segundo semestre de 2018. Da qual, selecionamos uma amostra de cinco colaboradoras, com base nos seguintes critérios: ser professora; estar no ciclo específico do curso; ter interesse e disponibilidade em participar do estudo. Realizamos a pesquisa de campo em novembro de 2018 e utilizamos o questionário e a entrevista semiestruturada como instrumentos para a produção de dados. Na interpretação e análise do material gerado, recorreremos a estratégias da Análise Categoria Temática, uma modalidade da Análise de Conteúdo. As colaboradoras são de cinco diferentes etnias: Tupari, Arara, Oro Waran Xijein, Jabuti e Sabanê. Residem em cinco Terras Indígenas de Rondônia: Rio Branco, Igarapé Lourdes, Sagarana, Rio Guaporé e Parque Indígena Apurinã. A idade varia entre 28 a 48 anos, três são solteiras e duas vivem em união estável. Nos anos Iniciais do Ensino Fundamental, quatro delas estudaram em escolas indígenas e uma em escola não indígena; nos anos finais, duas estudaram em escolas indígenas – sendo uma por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), duas em escolas não indígenas e uma não concluiu – cursou apenas até o sexto ano em uma escola indígena. No Ensino Médio, quatro delas, inclusive a que não concluiu o Ensino Fundamental, participaram do Projeto Açaí de Magistério Indígena e uma frequentou a EJA. Ingressaram na Licenciatura Intercultural por meio de vestibular específico e atuam nas escolas de suas comunidades

– quatro concursadas e uma com contrato temporário –nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com um tempo médio de experiência de 6,1 anos. Elas encontraram diversos obstáculos durante o processo de formação, como: a ausência de escolas ou etapas de ensino nas aldeias em que residiam, retardando o início dos estudos ou ocasionando interrupção; dificuldade de se inserir nas escolas não indígenas por questões culturais e linguísticas, o que provocou reprovações e desistências; e, questões culturais e de gênero. Geralmente o espaço de atuação da mulher indígena é o privado, cabe a ela a responsabilidade de cuidar da família e da casa, o que muitas vezes a impossibilita de dar prosseguimento aos estudos. No Ensino Superior a situação se agrava, pois, além das questões já citadas, existe o fato das políticas públicas de acesso e permanência não darem conta de atender a demanda dos povos indígenas.

Palavras-chave: Docentes indígenas. Mulheres indígenas. Gênero.

POLÍTICAS COLONIAIS E VULNERABILIDADES DOS POVOS INDÍGENAS BRASILEIROS NO ENFRENTAMENTO A COVID 19

Valquiria Farias Bezerra Barbosa - valquiria@pesqueira.ifpe.edu.br
(Instituto Federal de Pernambuco Campus Pesqueira)

Sandra Noemi Cucurullo de Caponi - sandracaponi@gmail.com
(Universidade Federal de Santa Catarina)

Mayara Inês Feitoza dos Santos Xukuru - mayaraines0@gmail.com
(Instituto Federal de Pernambuco Campus Pesqueira)

Pedro Camilo Calado da Silva - pedrocamilocalado@gmail.com (Instituto Federal de Pernambuco Campus Pesqueira)

Objetivo: Discutir as condições de produção de vulnerabilidade dos povos indígenas no Brasil no enfrentamento da COVID-19. Metodologia: Inicia-se essa reflexão teórica com uma visão geral dos processos de negação de direitos que se intensificaram no governo Bolsonaro. Por fim, discute-se a vulnerabilização dos indígenas no enfrentamento da COVID-19. Resultados: Para os indígenas, o direito de habitar a “Mãe Terra” garante que suas cosmologias, cosmovisões e sabedorias possam ser preservadas e contribuam para a superação da crise civilizatória ocidental. Desde o início do governo Bolsonaro foi ampliado o desmatamento e as queimadas da floresta amazônica e do pantanal, sem que houvesse uma pronta ação governamental; proliferaram-se invasões e crimes cometidos por madeireiros, garimpeiros e grileiros em Terras Indígenas (TI), assassinatos e criminalização de lideranças, assim como estagnaram processos de demarcação de TI. A Medida Provisória 910 que legaliza a grilagem e expõe os indígenas ao risco de contaminação pelo novo coronavírus e o Projeto de Lei 191, que pretende abrir TI à exploração de recursos naturais contrariam o direito originário sobre suas terras legitimado no artigo 231 da Carta Magna de 1988. Desde o mês de março, as autoridades sanitárias e indigenistas alertaram o governo federal sobre a inexistência de medidas de combate ao avanço da contaminação em territórios tradicionais nos planos de contingência. No mês de maio, constatou-se a entrada do vírus em comunidades tradicionais do norte ao sul do país, resultando na morte de muitos indígenas, grandes lideranças e detentores de conhecimento tradicional.

Em consequência, os indígenas foram expostos a condições ampliadas de vulnerabilidade e desigualdade social, a negação da equidade no acesso aos sistemas de saúde e a informações, às medidas preventivas e de proteção social, entre outros. O aprofundamento das condições de vulnerabilidade dos povos indígenas no enfrentamento à COVID-19 revelou que os corpos indígenas são sempre, em conjunto aos corpos racializados e sexualizados, os mais vulneráveis à epidemia, pois são corpos permanentemente vulneráveis por suas condições de vida social e policamente impostas e pela discriminação a que são historicamente sujeitos. Estão mais expostos à propagação do vírus e se encontram onde os cuidados de saúde têm dificuldade de chegar, executam tarefas que envolvem mais riscos, em condições de vida e laborais que não lhes asseguram a possibilidade de proteção. Conclusão: As múltiplas vulnerabilidades relacionadas aos contextos socio históricos e culturais dos povos originários, no Brasil, são aprofundadas por um colonialismo persistente e autoritário. O estudo contribui para a compreensão das implicações da ausência de condições equitativas de proteção contra o coronavírus para a alta mortalidade de indígenas por COVID-19 no Brasil.

Palavras-chave: Saúde de Populações Indígenas; Vulnerabilidade em Saúde; Povos Indígenas; Colonialismo; Coronavírus.

VIOLÊNCIA NA HISTÓRIA DO BRASIL 'PANDÊMICO': QUE QUEIMA/ DESMATA A NATUREZA E FERRE OS POVOS INDÍGENAS - DO LUTO À LUTA

Guilherme Matos de Oliveira - ggui995@gmail.com (UESB)

João Carlos Santos Campos - joaoocarlossantoscampos@yahoo.com.br
(UESB)

Este texto objetiva discutir os rebatimentos da violência histórica fomentada pela lógica colonizadora no território brasileiro, que desde o século XVI vem sendo contrária à reprodução da vida, do trabalho e da cultura socializada na terra dos/pelos povos indígenas, ao passo que ante às investidas de repressão, estabelecidas uma vez mais na pandemia do Covid-19, devemos lutar em defesa desses povos e do bem comum em uma totalidade social. Diante disso, para respaldarmos nossas reflexões utilizamos como procedimento metodológico a leitura de textos, artigos e livros científicos, bem como de textos e dados de sites da internet que tratam sobre a temática em questão, elucidando principalmente os dilemas hodiernos vividos pelos povos indígenas em nosso país, à medida que essas informações nos auxiliam no presente debate. Observa-se que a invasão europeia em terras brasileiras, desde 1500, vem atingindo os povos indígenas, estes que historicamente se relacionam com a natureza, com a terra, e nela constituíram modos próprios de vida, de trabalho coletivo, de cultura, etc. que vão de encontro à um processo “civilizatório” de colonização que se efetiva, dentre outras investidas, por meio da violência ideológica/repressiva dos colonizadores, estes que devastaram a natureza indígena sob a base da violação de corpos pelo estupro e pela dizimação sangrenta, do desmatamento da floresta nativa e usurpando dos recursos desta para satisfazerem seus interesses mercantis. Passados cinco séculos, essa triste situação – mesmo que com novos conteúdos – se perpetua, ao tempo em que homens e mulheres indígenas são para muitas pessoas personagens “exóticos”, como se estes estivessem fora da realidade concreta. Contrários a este pensamento, entendemos que os indígenas são sujeitos que historicamente compõem o território brasileiro, mas ao viverem nas suas particularidades se distinguem, no tempo e no espaço, da sociedade capitalista dita ‘moderna’ que continua a invadir, queimar e desmatar as matas, a agredir todo um ecossistema e a tentar ferir/matar/

violar a vida e os costumes da mediação ontológica dos povos indígenas com a natureza, ao ponto de nesse contexto violento estes povos serem contaminados com o novo coronavírus. Dessa maneira concluímos que, por meio de palavras e ações, devemos nos colocar ao lado dos indígenas reconhecendo-os enquanto sujeitos históricos que, nas suas trincheiras, são guardiões dos recursos naturais e de tradições seminais com a terra, relação esta de resistência à um Brasil 'Pandêmico' constituído há muito tempo por inúmeros sujeitos sociais que não se reconhecem enquanto natureza e se sucumbem cotidianamente. Torna-se necessário então construir uma sociabilidade intercultural em nosso país e no mundo, superando o luto na luta contra a violência, prezando pelo respeito e pelo bem comum da humanidade na sua diversidade biológica, social e cultural.

Palavras-chave: Cultura. Natureza. Povos Indígenas. Território Brasileiro. Violência.

AÇÕES AFIRMATIVAS DE MATRICIAMENTO EM TERRITÓRIO TRADICIONAL: TRAÇANDO CAMINHOS PARA O CUIDADO INTERCULTURAL

Mayara Ines Feitoza dos Santos - mayaraines0@gmail.com (Instituto Federal de Pernambuco- Campus Pesqueira IFPE)

Pedro Camilo Calado da Silva - pedrocamilocalado@gmail.com (Instituto Federal de Pernambuco- Campus Pesqueira IFPE)

Valquiria Farias Bezerra Barbosa - valquiria@pesqueira.ifpe.edu.br (Instituto Federal de Pernambuco- Campus Pesqueira IFPE)

Objetivo: Caracterizar as ações afirmativas de apoio matricial entre a equipe do Centro de Apoio Psicossocial (CAPS) II e a Equipe Multiprofissional de Saúde Indígena (EMSI) do Polo Base Xukuru do Ororubá, Pesqueira, PE. Metodologia: Estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa desenvolvido através de entrevista em profundidade com profissional do CAPS II responsável pelo apoio matricial junto à EMSI do Polo Base situado no território tradicional Xukuru, Pesqueira, PE. A análise se deu pelo método da narrativa. O protocolo de pesquisa foi aprovado por comitê de ética através do parecer nº1803905. Resultado: Matriciamento ou Apoio Matricial constitui-se como prática de cooperação entre uma equipe de atenção básica e uma equipe especializada. Suas referências de apoio setoriais e intersetoriais potencializam a oferta dos cuidados primários em sua complexidade. Conforme a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (2002), no contexto estudado, os serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) atendem às demandas não solucionadas no polo base, a exemplo do atendimento especializado aos indígenas com transtorno mental, em complementariedade ao Sistema de Atenção à Saúde Indígena (SASI). A principal estratégia de apoio matricial se dá por meio de articulação entre a psicóloga do CAPS II e a EMSI do polo base de saúde. O atendimento aos usuários indígenas inicia-se com a visita da psicóloga ao território, para conhecer a sua realidade e interagir com os profissionais enfermeiros, médicos, psicólogos, técnicos de enfermagem e assistente social. Para dar continuidade a EMSI visita o CAPS para uma visão integral do processo saúde-adoecimento e terapêutico. As práticas de apoio matricial identificadas foram: interconsulta, consulta conjunta de

saúde mental e visitas domiciliares. Essa articulação proporciona atendimento individualizado e respeito à pluralidade étnica e cultural. As dificuldades evidenciadas foram: a escassez de profissionais do CAPS envolvidos no apoio matricial, lacunas de conhecimentos sobre o apoio matricial e falta de oportunidades de capacitação. Conclusão: O apoio matricial é de imprescindível importância na abordagem do sofrimento psíquico dos indígenas, de acordo com os pressupostos da clínica ampliada, assim como na oferta do cuidado intercultural, na construção da equidade étnica e na efetivação da saúde diferenciada. Faz necessário inserção da temática da interculturalidade nas ações de educação permanente municipais e ampliação da articulação intersetorial para eficácia do matriciamento em saúde mental.

Palavras-chave: Saúde de Populações Indígenas. Medicina Tradicional. Saúde Mental. Apoio Matricial.

FEMINISMO DECOLONIAL INDÍGENA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA CURRÍCULOS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA BRASILEIRA

Claudionor Renato da Silva - rclaudionor@ufg.br (Universidade Federal de Jataí)

O presente estudo pretende discorrer sobre o feminismo decolonial (FD), como teoria latino-americana e caribenha, para se pensar políticas para meninas e mulheres indígenas, em seu acesso, permanência e finalização em cursos na modalidade da formação Educacional Profissional e Tecnológica (EPT). A metodologia do estudo é bibliográfica, partindo da teoria do FD, historicidade e legislações da EPT e pesquisas publicadas em artigos que abordem a formação de mulheres indígenas na EPT brasileira. A problemática que orienta o estudo, parte da seguinte pergunta: quais os contributos do FD para o currículo da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil, considerando a Lei 11.892/2008? Objetiva-se, apontar ausências, presenças, aproximações e distanciamentos entre o que preconiza o “feminismo decolonial indígena”, enquanto teoria e luta política, enquanto pressupostos e encaminhamentos. O resultado indica que para uma discussão sobre gênero (mulher indígena) na Educação Profissional brasileira, que fale sobre meninas e mulheres indígenas é imprescindível que, no mínimo, os povos e nações indígenas possam ser mencionados nos projetos dos cursos e a temática da formação, em seus componentes curriculares, subsidiados pela etnografia e a etnohistória indígena e, portanto, atrelem à formação profissional e tecnológica, os temas indígenas e de gênero, portanto, que falem das meninas e mulheres indígenas. Conclui-se o presente estudo, que, em se tratando desta problemática, será preciso um olhar mais detalhado à política de instituição da Educação Profissional avançando para os Projetos Políticos de Cursos a fim de se diagnosticar, nem que seja, nas entrelinhas a presença destes elementos: referenciais do FD – um feminismo decolonial indígena – com foco nas meninas e mulheres. Será preciso ainda, investigações bibliográficas, em estudos já realizados, sobre o tema, em realidades locais de cada estado brasileiro e cada comunidade, povo e nação indígena para análises que possam identificar a perspectiva “feminista decolonial indígena”. Num estágio mais avançado e amplo de pesquisa, práticas investigativas etnográficas, biográficas com meninas e mulheres presentes nestes cursos de

Educação Profissional e Tecnológica que aproxime a formação da realidade dos povos e nações indígenas brasileiros ao currículo formativo.

Palavras-chave: Feminismo decolonial indígena. Educação profissional. Currículo

O PROTAGONISMO FEMININO INDÍGENA NOS ESPAÇOS SOCIAIS

Gabriela de Araújo Bezerra - gabrieladearaujobezerra@outlook.com
(Faculdade Pernambucana de Saúde - FPS)

Beatriz Elisa de Moura Borba - biamouraaborba@gmail.com (Faculdade
Pernambucana de Saúde – FPS)

Rossana Carla Rameh-de-Albuquerque - rorameh@fps.edu.br (Faculdade
Pernambucana de Saúde – FPS e Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia - IFPE)

INTRODUÇÃO: A partir do século XIX com as ondas feministas, as mulheres se iniciaram na reivindicação de serem reconhecidas como sujeitos políticos, questionando sua condição de submissão e invisibilidade (DUARTE, 2003). Se a mulher branca e feminista já se encontrava em uma posição inferior, há que se considerar que a mulher indígena somava, para além de ser mulher, sua condição de minoria étnica indígena, o que a coloca em uma posição maior de vulnerabilidade. Por espaço social, Bordieu (2013), compreende o campo ou o local em que os indivíduos se situam, a posição onde existem, sua localização. **OBJETIVO:** Analisar o protagonismo feminino indígena na sociedade e sua importância para a inserção destas mulheres nos espaços sociais. **METODOLOGIA:** Método de revisão bibliográfica sistemática a partir da análise de literatura de artigos científicos pesquisados em revistas acadêmicas online dos últimos dez anos. A pesquisa foi baseada em nove artigos selecionados que abordam o tema “protagonismo feminino indígena”, sete dos artigos utilizados foram encontrados na literatura dos últimos cinco anos, apenas dois são dos últimos dez. **RESULTADO:** A partir da revisão desses materiais, percebe-se que a discriminação sofrida pelos povos indígenas ainda é recorrente na nossa sociedade. O processo de colonialidade impõe um lugar de submissão a esse grupo, principalmente quando se fala sobre as mulheres indígenas, que além de serem oprimidas socialmente pela sua etnia, ainda precisam suportar os estereótipos relacionados a seu gênero. Nesse sentido, percebe-se que um dos maiores obstáculos na esfera ampla do movimento indígena é promover espaços de visibilidade da presença feminina e conseqüentemente trazer para o movimento pautas importantes para as mulheres. Sacchi e Gramkow (2012, p. 148) comentam

que “para as mulheres indígenas atuantes no movimento indígena e em organizações, a participação feminina nos diálogos e na prática política seria fundamental para garantir a perspectiva da mulher sobre os problemas coletivos de seu povo e, conseqüentemente, para obter soluções condizentes com a visão feminina sobre a promoção do bem-estar social do grupo em que vive”. **CONCLUSÃO:** Desse modo, nota-se que o protagonismo das mulheres indígenas é de extrema importância para que possam ser inseridas nos espaços sociais e públicos e até mesmo ocupar lugares de poder dentro de sua própria comunidade, dando voz as demandas que cercam esse grupo. Em virtude do que foi mencionado, percebe-se a importância da presença da mulher na ampliação de sua participação nos ambientes, de dar visibilidade às suas demandas de gênero dentro e fora da comunidade, além de proporcionar um lugar de discussão e reivindicações de direitos de um grupo que foi e ainda é silenciado pelo domínio da sociedade eurocentrada e patriarcal.

Palavras-chave: Mulheres indígenas. Feminismo. Minorias étnicas.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM TERRAS INDÍGENAS: UMA EXPERIÊNCIA INTERCULTURAL

Bernard Guedes Dariva - bernard.dariva@gmail.com. Mestrando em educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), Bolsista CAPES.

Bruno Huffel de Lima - bhuffel@unochapeco.edu.br. Mestrando em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó) Bolsista CAPES

Jailson Bonatti - jailson.1bio@gmail.com - Mestrando em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó) - Bolsista CAPES

A presente escrita busca identificar quais os desafios enfrentados pelos docentes ao trabalharem no curso de Licenciatura Intercultural indígena em uma Universidade Comunitária do oeste de Santa Catarina. O estudo transcorreu a partir de pesquisa documental, análise bibliográfica e entrevistas com questionários semiestruturados. Foram entrevistados docentes que participaram do processo de formação do curso de Licenciatura Intercultural indígena. Diante dos resultados ficou evidente a ausência de capacitação prévia para os docentes atuarem no contexto de interculturalidade. Muitos conhecimentos sobre a cultura e os saberes Kaingang foram construídos no decorrer do curso por meio das vivências. As práticas pedagógicas interculturais não foram amplamente planejadas e adaptadas de modo a valorizar a cultura e os saberes das comunidades, de modo a permitir o diálogo entre as diferentes formas de saber. As condições de infraestrutura e acesso a internet não foram consideradas no planejamento inicial das aulas e precisaram ser contornadas ao longo do processo formativo. Durante as entrevistas identificamos a presença de um discurso que, mesmo de forma não intencionada, carrega aspectos da colonialidade. Por se tratar da primeira experiência a ofertar uma formação nesta modalidade quase que integralmente em terras indígenas na região e ainda pela falta de capacitação por parte dos docentes entendemos que, apesar das dificuldades, as alternativas construídas buscaram a viabilização de um ensino integrado com as comunidades Kaingang. Compreendemos que para trabalhar com uma formação pautada em fundamentos interculturais

e que atenda às necessidades dos povos indígenas, se faz necessário avançar a dicotomia de planejamento curricular e didático. Conhecer e compreender o contexto em que estes estudantes se encontram possibilita a construção coletiva de alternativas que sirvam como ferramentas de auxílio em busca de uma educação intercultural.

Palavras-chave: Interculturalidade. Povos indígenas. Colonialidade. Formação de professores.

“SER MULHER INDÍGENA”: GÊNERO E PODER NA LUTA DO POVO TENETEHAR- TEMBÉ PELO DIREITO AO TERRITÓRIO

Thaynã do Socorro Santiago Galvão dos Reis - thaygalvao94@gmail.com, mestranda do Programa de Pós- Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia- Universidade Federal do Pará

Vanderlúcia da Silva Ponte - vantutorapa@gmail.com, doutora pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará e a École Doctorale Erasme da Universidade Paris 13, professora da Faculdade de História- UFPA e do Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia.

Ao longo do processo histórico a figura feminina vem sendo equivocadamente representada com passividade e submissão diante do projeto colonial que, de acordo com Walter Mignolo (2014), estruturado pelo modelo racista e patriarcal. Neste sentido, no que se refere às mulheres indígenas, a violência contra sua historicidade é ainda mais marcante, uma vez que a mesma ocupa um espaço duplo de subalternidade (BIDASECA, 2010), sendo mulher e não branca. No entanto, as mudanças na historiografia, segundo Raquel Soihet (1997), ampliaram os debates e abriram espaço para que estas representações fossem reavaliadas, colocando as mulheres como objetos de estudos na História. Assim, repensar a história das mulheres, respeitando suas diversidades e historicidades configura um ato político que mostra que as mulheres têm história. A partir de uma metodologia que atravessa os campos da História Oral e da Etnografia, este trabalho pretende pautar as relações de gênero e poder que se desenham na sociedade Tenetehar-Tembé, buscando um debate intimista que parte das próprias perspectivas das mulheres Tembé, primeiras vozes neste trabalho. Na cultura Tembé, as mulheres ocupam um papel central, uma vez que a construção do gênero, neste contexto, está diretamente associada à construção do corpo, constituído nos rituais de passagem, espaços estes protagonizados pelas mulheres, seja como conhecedoras dos saberes ou como agentes diretas na interação do povo com a espiritualidade e a cosmologia (LATOURET, 2018), mostrando o território como meio dinamizador da construção do “Ser mulher indígena”, sendo assim, a mulher indígena é ponto central também na luta pelo direito ao território.

Palavras-chave: Gênero. Tenetehar-Tembé. Território.

ENTRE SABERES E SIGNIFICADOS: CONSTRUINDO E RESSIGNIFICANDO SABERES E CONHECIMENTOS EM GÊNERO, ETNIA, RAÇA E SEXUALIDADE COM MULHERES INDÍGENAS E QUILOMBOLAS DO RN

José Mateus do Nascimento - mateus.ifrn@ifrn.edu.br. Professor permanente do Programa de Pós- Graduação da Educação profissional (PPGEP)do IFRN. Vice-Líder do Negedi-IFRN

Josemeire Bezerra Marques - meirebmarques@hotmail.com. Licencianda em Geografia do CNAT/IFRN. Integrante do Negedi IFRN

Maria do Socorro da Silva - socorro.silva@ifrn.edu.br. Professora do IFRN Líder do Negedi IFRN

Meryane Costa de Oliveira - meryaneide@hotmail.com. Graduada em Licenciatura do Campo Ledoc. Ciências Sociais e Humanas. IF Canguaretama. Integrante do Negedi IFRN

O presente trabalho constituem-se um relato das experiências de ações sócio educativas desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Diversidade – NEGÊDI, desde 2015, em formato de projeto de extensão, com mulheres das comunidades indígena do Catu dos Eleotérios nos municípios de Goianinha e Canguaretama e mulheres quilombola de Acauã no município de Poço Branco ambas no RN, que tem como objetivo oportunizar a formação crítica, política e cidadã, através da trocas de saberes, experiências e conhecimentos entre e com as participantes e os (as) integrantes do Negedi IFRN. O grupo participantes é constituído em média por 70 mulheres adultas, mães, negras, agricultoras, oriundas de um segmento vulnerável socialmente e beneficiárias de programas sociais, apresentando baixa escolarização. Os temas em debates, partem inicialmente do interesse das mulheres participantes, relacionadas a temática de gênero, etnia, raça, diversidade e direitos da mulher, definidos a partir de suas vivências e experiências do cotidiano, selecionados a cada encontro. A metodologia utilizou-se da revisão bibliográfica, da literatura da temática em estudo e da pesquisa de campo, com suporte da análise documental, desenvolvidas através de dinâmicas de dialogicidades nas roda de conversas, com enfoque na pedagogia feminista e freiriana. Os resultados podem ser considerados

através da participação, interesse e envolvimento das participantes no projeto e nas ações de extensão promovidas entre as participantes das comunidades envolvidas, o registro da assiduidade e engajamento das atividades e a confiança para a tomada das decisões no processo de empoderamento da mulher na comunidade. Como conclusão do estudo serão produzidos artigos acadêmicos e a produção de um livro com a história das mulheres inseridas no projeto e a continuidade da ação extensionista das atividades realizadas com base em uma avaliação do alcance dos objetivos apresentados quanto a realização do projeto nas comunidades étnicas.

Palavras-chave: Etnia; Raça; Mulheres; NEGEDI; Diversidade.

A MULHER INDÍGENA KAINGANG RETRATADA EM MÍDIA IMPRESSA 1990-2010: O CONSERVADORISMO RELACIONADO AS QUESTÕES DE GÊNERO

Jailson Bonatti - jailson.1bio@gmail.com. Mestrando em educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó) como bolsista PROSUC/CAPES

Bernard Guedes Dariva - bernard.dariva@gmail.com. Mestrando em educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó) como bolsista CAPES

Cláudia Battestin Cláudia Bastesstin - battestin@unochapeco.edu.br. Professora do programa de pós-graduação em educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó

O presente resumo é oriundo de uma investigação que buscou observar e analisar a frequente publicização que os jornais e os meios de comunicação, remetem à representação da mulher indígena, seja através das imagens, ou por meio da escrita. Instigados com essas repetições, buscamos no Centro de Documentação e Pesquisas Históricas do Alto Uruguai – CEDOPH[1], localizar publicações relacionados à imagem da mulher Kaingang da Terra Indígena do Guarita. Uma análise preliminar com foco na metodologia de Análise Textual Discursiva das notícias, apontou para resultados e significados sobre o modo como as mídias regionais elaboram os discursos acerca da representação social e cultural da mulher Kaingang. De modo geral, a escrita jornalística representa de forma peculiar, a memória cultural das mulheres indígenas, construída a partir da perspectiva discursiva do não indígena. Após estabelecido o corpus de análise, delimitamos o tempo de busca do acervo em 21 anos, e selecionamos o jornal Zero Hora[2] para analisarmos as publicações, pelo fato de ser um dos maiores jornais de circulação impressa do estado do Rio Grande do Sul. Os resultados apresentados e discutidos, diante da análise discursiva textual do contexto narrativo das notícias, revelaram pontos importantes e necessários à reflexão crítica. Em muitos aspectos, desde o contexto social, econômico e político da região do Médio e Alto Uruguai do estado do Rio Grande do Sul, observa-se que um imaginário muito recorrente se constrói para explicar e criticar a vivência de outra(s) cultura(s), nesse caso, os indígenas Kaingangs. As discussões expressas

nesta investigação revelam a necessidade de percorrer outros caminhos a fim de compreender tais problemáticas da região. Nesse contexto, a condição da etnia Kaingang, e desafiadoramente, a situação do papel da mulher indígena, encontram-se em constante transição de entre-lugares culturais marginalizados no que diz respeito a composição familiar e cuidados relativos ao fazer cultural próprio dessa etnia. A figura feminina, sua memória cultural é alicerçada em dois pontos, o primeiro pela imposição cultural de um respeito à figura masculina e no segundo ponto a pressão social da cultura do outro que (des)configura a legitimidade da memória cultural e da representatividade política, social e cultural das mulheres Kaingangs. Por fim, essas foram algumas nuances percebidas nesta escrita, capazes de tornar possível um melhor reordenamento epistêmico das questões de gênero e etnologia, principalmente para o campo da educação. [1]Fonte: <http://cedoph.fw.uri.br>. [2] O jornal Zero Hora, também conhecido pela nomenclatura “ZH”, é um dos maiores jornais de veiculação de notícias do estado do Rio Grande do Sul. O jornal é editado na capital do estado, em Porto Alegre, possuindo edição de 17 cadernos, com um número de 200 jornalistas e 100 colunistas. Além disso, o ZH conta com veiculação via redes sociais como Twitter, Facebook, Instagram e Google +. A história de formação do jornal começa no dia 4 de maio do ano de 1964 na antiga sede localizada na Rua Sete de Setembro, centro de Porto Alegre, logo depois no ano de 1969 uma nova sede foi inaugurada na Avenida Ipiranga, no Bairro Azenha. (Fonte: <http://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora/>).

Palavras-chave: Mulheres. Mídia impressa. Acervo.

2.

ST 02 – PRÁTICAS EDUCATIVAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PARA A DIVERSIDADE

COORDENAÇÃO

Bernardina Sousa (IFPE)

E-mail: bernardina.araujo@belojardim.ifpe.edu.br

Tatiele Pereira de Souza (IFG)

E-mail: tatieleufg@gmail.com

MEDIAÇÃO

Robelânia Gemaque (Mestranda ProfEPT/IFPA)

APRESENTAÇÃO DO SIMPÓSIO TEMÁTICO

A proeminente produção teórica no campo da educação produzida e publicada no Brasil, sobretudo nas últimas quatro décadas, tem se notabilizado pelo esforço em

refletir, discutir e apontar a consolidação de um projeto de educação emancipatória, alicerçado na escola democrática e cidadã. Essa mobilidade epistêmico-pedagógica e, também, social serviu para sinalizar consideráveis alterações nas políticas públicas de educação e conseqüentemente nas práticas educativas contemporâneas. No tocante à Educação Profissional e Tecnológica, faz-se destacar as tensões, rupturas e discontinuidades que marcaram a dinâmica específica desse campo de formação, entendendo-se a dimensão da categoria trabalho como formação humana, sendo sua realidade apreendida como princípio educativo. Desse modo, o presente Simpósio se propõe a refletir sobre práticas pedagógicas e formação de professoras e professores que, no âmbito da EPT, sejam contemplativas da diversidade humana, na perspectiva das identidades sexuais e de gênero, assentadas nas dimensões do multiculturalismo e da interculturalidade, a fim de socializar o conhecimento produzido acerca da educação profissional, das relações de gênero e a diversidade sexual.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas em EPT; Diversidade Sexual e de Gênero; Multiculturalismo e Interculturalidade

IDEOLOGIA DE GÊNERO PARA QUEM ESTUDA GÊNERO: UMA DISCIPLINA GÊNERO E MÍDIA COMO PARTE DO CURRÍCULO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Daiany Ferreira Dantas
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
daianydantas@uern.br

Num contexto midiático permeado pela disseminação de notícias falsas e da dissimulação política do conceito de gênero por parte de autoridades estrategicamente preocupadas em descontextualizar as matrizes deste campo de estudo, ministrar uma disciplina como Gênero e mídia constitui importância ética e humanística para os cursos de Comunicação Social. Sabendo disto, o curso de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte aprovou em seu Projeto Político Pedagógico do curso de Jornalismo, instituído em 2017, a disciplina de Comunicação e Gênero como optativa da grade. Ofertada no semestre remoto de 2020.1 pela primeira vez, em função de acordos aludindo a excepcionalidade do semestre, a disciplina, ministrada pela professora Daiany Ferreira Dantas, tem como ementa fixa: “Os estudos de gênero na Comunicação, histórico e tendências. Gênero, Cultura das mídias, consumo. Representações de Gênero nas mídias” (UERN, 2017). E foi apresentada no referido semestre sob os seguintes objetivos: “Geral: Compreender gênero como um elemento estruturante do pensamento crítico ocidental (tal como raça, classe e colonialismo) e o modo como suas construções incidem na narrativa do pensamento comunicacional. Específicos: Reconhecer a distinção entre sexo e gênero, o gênero binário e o conceito de gênero como construção histórica; Analisar a relação entre gênero e demais elementos estruturantes da sociedade: raça, classe e colonialismo; Reconhecer o papel da mídia como tecnologia crítica de poder, controle e resistência das expressões de gênero. As atividades do curso sendo realizadas no período letivo de outubro a dezembro, contemplando aulas síncronas e atividades assíncronas. No presente artigo, realizamos pesquisa bibliográfica e documental do referencial político e institucional e teórico da disciplina, sua estruturação, apresentação e sua proposta didática, com a análise do conteúdo de duas atividades: a construção de poemas sobre o texto Manifesto de Paul Preciado e a realização de dois Podcasts sobre o tema violência de gênero e mídia. Como resultados tivemos a apropriação dos

conceitos atrelados à experiências de vida e dois produtos pautados na crítica da mídia.

Palavras-chave: Gênero e mídia. currículo. Comunicação Social.

PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE E EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA ALDEIA SÃO PEDRO E PITÁWÀ, POVO TEMBÉ

Fabrcio César da Costa Rodrigues
Universidade Federal do Pará
fabmissionufpa@gmail.com

Magno Kamiran Oliveira Sousa TembÉ
Universidade do Estado do Pará
kamirantembe@gmail.com

Zequias Portilho TembÉ

O artigo busca analisar os espaços educativos e a sociabilidade enfatizando as práticas pedagógicas de formação de professores indígenas em duas aldeias indígenas (São Pedro e Pitàwà), localizadas no Território Indígena de Santa Luzia do Pará e Município de Tomé-Açu, que passou a desempenhar uma educação diferenciada no contexto da educação não escolar. A pesquisa foi desenvolvida com professores indígenas e duas lideranças, que atuam junto às crianças indígenas, e com alunos do ensino fundamental. Além disso, reavivando o interesse dos jovens pelas próprias histórias, danças, artesanato, língua, vida social e cultural da comunidade. A metodologia de seu através de um estudo etnográfico, ocorreu entre os anos de 2018 e 2019 de trabalho de campo e buscou pesquisar as praticas pedagógicas e do acompanhamento da formação de professores indígenas. Sendo uma atividade fundamental, pois é a oportunidade de avaliar o resultado da formação desenvolvida nas escolas de suas respectivas aldeias. Durante o acompanhamento, colaborou-se com orientações sobre planejamento de aula, resolução das dificuldades pedagógicas do professor, avaliação do aprendizado dos alunos, das ações não escolares visando seu aprimoramento e, também, procura ouvir a avaliação da comunidade sobre a escola. Os principais resultados demonstram que os professores indígenas desenvolvem nos espaços educativos atividades lúdicas, pois ao brincar, ouvir histórias, jogar e construir materiais didáticos bilíngues, entre outros, a criança e os jovens aprendem diferentes formas de interação que pressupõe um aprendizado diferenciado e prazeroso, sendo elas dinâmicas dentro da concepção de tempo vivenciada no cotidiano das pessoas nas aldeias.

Além de estimular seu aprendizado, considerando o cotidiano sociocultural rico e diversificado. Espera-se com a conclusão desse estudo que a escola seja um espaço político de reflexão e de informação, contribuindo para a instrumentalização dos indígenas Tembé que permita que tais práticas pedagógicas são fundamentais para a construção de conhecimentos e de sociabilidade do público alvo, pois são atividades lúdicas que têm por objetivo valorizar a identidade étnica cultural. Pelo acompanhamento pedagógico tem sido possível observar as diferentes estratégias de aula usadas pelos professores onde os cursos de formação e a vivência do processo de ensino e aprendizado têm trazido mudanças na convivência de professores de diferentes povos.

Palavras-chave: Educação diferenciada. Aprendizado lúdico. Formação de professores. Espaços educativos.

DA LAGARTA À BORBOLETA: SOBRE A CENA “TRANSFOBIA” DO ESPETÁCULO FRAGMENTOS DA DOR, ENCENADO PELO GRUPO ANDALUZ DE TEATRO DO IFRN/MO E A (DES)CONSTRUÇÃO DO SUJEITO TRANS

Maria Luiza Soares Lopes
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
marialuizalopes@gmail.com

Francisco Vieira da Silva
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
francisco.vieiras@ufersa.edu.br

Simone Maria da Rocha
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
simone.rocha@ufersa.edu.br

Considerando as inquietações surgidas durante o processo de montagem do espetáculo Fragmentos da Dor, com o Grupo Andaluz de Teatro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) Campus Mossoró, o presente artigo aborda a importância das discussões sobre gênero e sexualidade no contexto escolar. A pesquisa, caracterizada como de campo, parte da análise do diário de bordo da primeira autora do capítulo e diretora do espetáculo, do texto final do Fragmentos da Dor e de uma entrevista realizada com a estudante/atriz que protagonizou a cena, Sophia Victória Santos. Percebemos que a experiência nessa atividade extracurricular foi fundamental para que a discente pudesse compreender questionamentos referentes à sua identidade de gênero e sexualidade. Pensamos que a experiência da transexualidade é múltipla e que o processo de construção dos sujeitos, especialmente crianças e jovens, segue processos bastante singulares de descobertas, medos e conflitos. No estudo em questão, a arte teatral foi o elemento propulsor para que a atriz Sophia Victória, discente do IFRN, pudesse evidenciar a sua condição de acordo com os mecanismos que a arte proporciona. Ao analisarmos a cena Transfobia e as vivências de Sophia, colocamos em evidência a constituição do sujeito a partir de um processo no qual este se volta para si mesmo, com o intuito de produzir uma verdade sobre si, tendo em vista as dissidências sexuais que o assinalam. Por meio da arte

teatral, essas vivências vêm à tona com todas as cores possíveis e tons inimagináveis, desafiando, assim, os binarismos de gênero e as normas regulatórias da cisgeneridade.

Palavras-chave: Gênero e sexualidade. Teatro. Educação profissional.

FORMAÇÃO DOCENTE: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A DIVERSIDADE

Leidiane Ribeiro Pinto Lopes
Universidade Federal do Tocantins
leidyhappy@hotmail.com

Lorena Kabrini Barros Costa
Universidade Federal do Tocantins
lkabrini@hotmail.com

O presente resumo busca compreender peculiaridades da formação de professores, dentro de uma prática voltada para a diversidade, entre possibilidades e desafios. As reflexões propostas, apontam para os desafios que abarcam a formação e atuação do docente a partir do diálogo e a troca de experiências necessárias a essa formação, num país onde tem a educação, direito de todos e dever da família e do Estado, sendo ela base para a construção e desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária, solidária e livre. Ter um ambiente escolar flexível, que valorize as diferenças, significa adotar uma nova maneira de pensar a educação: saber que a aprendizagem nasce através da interação, estimular a cooperação, construindo novas formas de aprendizado. Como produto de uma investigação teórica, este resumo tem o objetivo de discutir a importância da formação docente para a diversidade e o papel fundamental do professor como interlocutor entre o aluno e a escola, através do estímulo à educação que o faça se incluir na sociedade como cidadão de plenos direitos. Propõe-se analisar a prática, como essa pode interferir de forma positiva ou negativa na vida das pessoas no procedimento de ensino-aprendizado, a escola brasileira atravessa uma crise de paradigmas, uma vez que sua estrutura tem dificuldade de controlar a diversidade que constrói. Investigar e refletir sobre o fazer pedagógico que encontramos em nossas escolas, necessita ser repensado cotidianamente, visando a desenvolver um processo de ensino e aprendizagem que favoreça o acesso e permanência do aluno. As escolas e os professores precisam estar preparados para receber alunos dotados de diversidade, independente de suas diferenças ou limitações. O docente precisa fomentar a discussão sobre o direito, com um currículo comum e flexível às suas peculiaridades, para efetivamente desenvolver-se uma educação inclusiva. A abordagem metodológica

utilizada é de cunho qualitativo bibliográfico com análise da literatura aludida ao tema, pautado em autores como: Cunha (2012), Gardner (1995), Mantoan (2003), Nóvoa (1992), Penin (2002). Esse estudo aborda as perspectivas do “Professor Reflexivo” como uma das principais vertentes da epistemologia da prática e modelo da construção dos saberes docentes. Refletir sobre a formação dos educadores, uma vez que ela não é para preparar alguém para a diversidade, mas para a inclusão, porque a inclusão não traz respostas prontas, não é uma “multi” habilitação para atender a todas as dificuldades possíveis na sala de aula, mas uma formação na qual o educador olhará seu aluno de um outro modo, tendo assim acesso as peculiaridades dele, entendendo e buscando o apoio necessário. Por fim, cabe refletirmos sobre que é ser igual ou diferente? Se olharmos em nossa volta, perceberemos que não existe ninguém igual, na natureza, no pensamento, nos comportamentos, ações e que a diversidade não é sinônimos de incapacidade ou doença, mas de equidade humana.

Palavras-chave: Diversidade. Formação. Prática docente.

CONFISSÕES DE ADOLESCENTE: UMA PROPOSTA DE (DES)CONSTRUÇÃO DE FEMINILIDADES NA ESCOLA, EM MEIO À PANDEMIA

Lyzia Toscano da Silva
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
lyziarj@gmail.com

Vanessa Soares Matos—
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
vanessas2matos@gmail.com

Ivan Amaro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
ivanamaro.uerj@gmail.com

Este trabalho focaliza a reflexão sobre uma proposta interdisciplinar de intervenção pedagógica, em curso, que vem se realizando durante a pandemia, no 8º ano da EMOC Nelson Prudêncio. O objetivo é questionar possíveis construções sócio-discursivas modelares e performativas dos alunos sobre o que significa, hoje, ser mulher, construções essas que, por vezes, fomentam preconceitos e diversos tipos de violência no espaço escolar. Partimos de dois problemas: somos professoras em uma escola olímpica, vocacionada para o esporte, e ouvíamos discursos excludentes e machistas em relação ao universo feminino do local. Se ainda hoje as mulheres lutam por espaços oficiais no esporte, na escola, o contexto não é diferente, apesar de sermos ampla maioria em exercício na docência. Com a suspensão das aulas presenciais, o modo remoto foi a alternativa. Percebemos ser necessária uma ação mais lúdica, pois os nossos materiais enviados não mais geravam retornos. O trabalho nasce de leituras/discussões no NuDES/UERJ (Núcleo de Estudos e Pesquisas Diferença, Educação, Gênero e Sexualidades). Entrelaçando assuntos de Ciências (noções de puberdade) e de Língua Portuguesa (noções de gêneros discursivos) o trabalho traz, como mote, partes da série Confissões de Adolescente (1994) de Daniel Filho, e atualizadas com o filme (2014). O objetivo geral é incitar, por meio de perguntas desafiadoras, o engajamento discursivo dos alunos, que, por espelhamento sugerido pelo título da série, falariam de suas vivências/opiniões mais íntimas, (re)significando experiências e (re)pensando o

processo de subjetivação, a partir da comparação de duas diferentes expressões de feminilidade: as irmãs Natália (16 anos) e Carol (13 anos). Elas fazem escolhas que geram díspares consequências para o mundo social. Questionando essas escolhas e consequências, a intenção era despertar a consciência crítica dos alunos, convidando-os a (re)pensar visões acerca das feminilidades. Numa perspectiva de ação-reflexão-ação da Pesquisa-ação, criamos um grupo de Whatsapp e utilizamos as mensagens printadas como corpus de análise. Para enfrentar a pesquisa histórico-cultural na cibercultura, adotamos Couto Junior; Oswald; Ferreira (2017) e para as questões de sexualidade e gênero, que, emergem, principalmente, das confissões/autoconsciências (Bakhtin, 2010), adotamos Butler (2015), Louro (2013; 2014) e Foucault (1996; 2017). Como resultados: resgatamos a participação de alunos ausentes; conseguimos engajamentos discursivos com opiniões mais fundamentadas; as certezas dos alunos acerca do universo feminino deram lugar às negociações de sentidos com os colegas; criamos um espaço de confiança, com confissões inclusive dos professores, o que horizontalizou a abordagem e incentivou os alunos a falar de si.

Palavras-chave: (Des)construções de feminilidades. Escola. Gênero. Sexualidade. Confissões de Adolescente.

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA A FORMAÇÃO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Rafael Nogueira Furtado

Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora
rnfurtado@yahoo.com.br

A escola e as práticas educacionais desempenham um papel decisivo para o desenvolvimento humano. Por meio das relações estabelecidas no processo educativo, os indivíduos interiorizam elementos culturais que constituirão seu psiquismo, apropriando-se da experiência e valores humanos produzidos ao longo da história. Os processos educacionais nunca são neutros, mas sim ideológica e politicamente determinados. A educação atende a interesses políticos e econômicos dominantes, sendo palco de negociações entre diferentes grupos sociais. Práticas escolares são atravessadas por interesses de classe, pela lógica de acumulação do capital e ideologias dominantes, por vezes reproduzindo relações de exclusão e injustiças sociais. De modo a superar estas relações de exclusão, a Psicologia poderá contribuir para práticas inclusivas e de afirmação da diversidade na formação de professores da Educação Profissional. Para tanto, este trabalho propõe duas linhas principais de ação e reflexão. Por um lado, trata-se de questionar a lógica de mercado e neoliberal presente na educação e como esta lógica influencia a compreensão e manejo das relações de ensino/aprendizagem. Michel Foucault destaca que, com a emergência do neoliberalismo, observamos a extrapolação da lógica econômica para diferentes esferas da atividade humana, como, por exemplo, as relações interpessoais, a cultura e, também, a educação. Por outro lado, a Psicologia poderá contribuir para a promoção da inclusão, primeiramente, ressaltando que indivíduos possuem características e necessidades de aprendizagem únicas e os sistemas educacionais devem levar em conta esta diversidade de características. Em seguida, cumpre destacar a importância do acesso à escola regular, para indivíduos com necessidades especiais de aprendizagem. A Psicologia pode instruir sobre o fato de que salas especiais acabam por segregar estes indivíduos e estimular atitudes de discriminação, quando o que se deseja é criar comunidades mais acolhedoras. Por fim, a Psicologia pode contribuir para a inclusão ao evidenciar que o desenvolvimento humano não pode ser pensado de forma dissociada de questões como: gênero, raça, etnia, orientação

sexual, classe social. Questões que perfazem o cotidiano escolar e estão na base das contradições da realidade brasileira, afetando diretamente o desenvolvimento de indivíduos e coletividades. Palavras-chave em português

Palavras-chave: Inclusão; Diversidade; Psicologia; Desenvolvimento Humano; Educação Profissional.

PRÁTICAS EDUCATIVAS EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO PRODUTO EDUCACIONAL

Robelania dos Santos Gemaque
Instituto Federal do Pará
robelania_gemaque@hotmail.com

Natália Conceição Silva Barros Cavalcanti
Instituto Federal do Pará
natilbarros1@yahoo.com.br

Apresentamos resultado de prática educativa, sobre gênero e sexualidade no Ensino Médio Integrado, desenvolvida em colaboração com dez estudantes do 3º ano do Curso de Design de Interiores da Escola Estadual de Ensino Tecnológico Professor Francisco das Chagas Ribeiro de Azevedo. Vinculada à linha de pesquisa “Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica”, atende ao disposto no art. 17 do Regulamento do Programa de Pós - Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT e teve como objetivo geral construir uma prática educativa sobre Gênero e Sexualidade no Ensino Médio Integrado. Para tanto, nos orientamos de acordo com os seguintes objetivos específicos: a) investigar as narrativas proferidas no Ensino Médio Integrado e seus efeitos sobre os estudantes LGBTI+; b) pautar a temática gênero e sexualidade entre os jovens da EETEP; c) produzir uma história em quadrinhos sobre gênero, sexualidade e trabalho a partir das discussões e narrativas dos estudantes. Metodologicamente, adotamos a pesquisa-participante caracterizada pelo envolvimento entre a professora - pesquisadora e os estudantes em um projeto comum de investigação, e educação produzido dentro da ação. Os procedimentos foram organizados em três momentos: Problematização inicial, organização do conhecimento e aplicação do conhecimento, este movimento culminou na materialização da história em quadrinho. Os resultados da prática educativa, apontaram para o interesse dos estudantes na discussão dos temas, principalmente por se verem nesta discussão. A escola continua silenciando práticas educativas sobre as temáticas, e regulando através de normatizações nos documentos – Projeto Político Pedagógico – o comportamento dos estudantes, com base na matriz heterossexual. Há o reconhecimento por parte dos

professores para a importância do debate sobre gênero e sexualidade, entretanto, não assumem o desenvolvimento destas práticas, tornando-se pontuais no cotidiano da escola. Além disso, todos os professores participantes da pesquisa, apresentaram narrativas que caracterizam homofobia no espaço da unidade educacional, contudo, tratam o evento como “brincadeira”, por parte de quem exerce a prática. Concluímos que a escola funciona como uma “escola-armário”, em que estudantes LGBTI+ ao entrar, devem despir –se de sua orientação sexual e tornar-se um igual a partir de uma base heteronormativa, lhe sendo permitido vestir-se conforme sua orientação sexual somente “fora” da escola. Sinalizamos para a importância de pensarmos nas interseccionalidades para a concepção de formação humana integral, tendo em vista a superação tanto das desigualdades econômicas quanto das desigualdades socioculturais, e para a formação de professores sobre os temas gênero e sexualidade para tornar possível uma formação humana integral com base no reconhecimento do direito a todas as diversidades.

Palavras-chave: Práticas Educativas. Gênero. Sexualidade. Educação Profissional e Tecnológica.

INSPIRAÇÃO NA ABORDAGEM DE PESQUISA E ENSINO SOCIOPOÉTICA: UM CAMINHO PARA EDUCAR E APRENDER COM OUTRAS, OUTROS E OUTRES

Wanderson William Fidalgo de Sousa
Universidade Federal do Piauí
wandersonfidalgo33@gmail.com

O presente trabalho tem por objetivo mostrar a metodologia de pesquisa e ensino sociopoética, para que através dela docentes tenham uma inspiração e possam ter práticas educativas diferenciadas com respeito a heterogeneidade e promover um educar e aprender com a inter e transculturalidade. A metodologia de pesquisa e ensino utilizada foi criada pelo filósofo, pedagogo e francês Jacques Gauthier. A aplicação da sociopoética em pesquisas e no ensino devem ser norteadas por cinco orientações da abordagem: a primeira é sobre a formação de um grupo-pesquisador (participantes) e cada participante está ativo dentro da pesquisa e pode interferir no devir da pesquisa; a segunda é sobre a valorização das culturas dominadas e de resistência para que tenham-se maneiras de interpretar o mundo; a terceira é sobre a utilização do corpo inteiro, pois o corpo é uma fonte de conhecimento é quando relaxado os saberes recalcados são expressados; a quarta é sobre a produção de dados e às formas artísticas são valorizadas como a dança, teatro e arte, e a quinta é sobre a responsabilidade ética, política, noética e espiritual do grupo-pesquisador (GAUTHIER, 2020; 2010). Refletir sobre uma prática educativa com inspiração na metodologia sociopoética é pensar múltiplas formas de aprender, visto é a aprendizagem é sempre um encontro com o outro, com o diferente e assim têm-se possibilidades de aprender (GALLO, 2012). Em conformidade com o autor supracitado (2012, p. 02) “[...] este controle sobre o aprendizado, através do ensino, leva a uma homogeneização: o objetivo é que todos aprendam as mesmas coisas, da mesma maneira”. Diante disso, por meio da sociopoética docentes podem criar práticas educativas inventivas e por meio dessas práticas efetivar um processo de ensino e aprendizagem diferenciado. Docentes que se utilizam da abordagem sociopoética podem criar um diário de itinerância, para que haja uma auto-avaliação de seu processo de ensino e aprendizagem por parte do corpo discente e nesse diário cada discente pode propor desejos, críticas e sugestões. Recebendo essa avaliação cada docente ver as possíveis mudanças que

poderá fazer em suas aulas, pois o aprendizado acontece, singularmente, com cada um e quando o docente tem uma escuta sensível está buscando novas formas de ensinar (GAUTHIER, 2010; GALLO; 2012). Infere-se, portanto, que através da abordagem sociopoética o processo de ensino e aprendizagem tornar-se coletivo. Além de coletivo tem-se uma valorização das diversidades e docentes que em sua prática pedagógica tem inspiração na sociopoética é um docente revolucionário.

Palavras-chave: Prática educativa. Metodologia de pesquisa sociopoética. formação humana.

IGUALDADE E RESPEITO: COMO A LITERATURA PODE CONTRIBUIR NAS DISCUSSÕES DE GÊNERO EM SALA DE AULA

Mariana de Almeida Inácio
marialmeida.letras@gmail.com
UERJ/FFP

Simone Bacellar Moreir
simonetrales@yahoo.com.br
UERJ/FFP

Este trabalho visa abordar a importância das discussões de gênero e sua relevância no âmbito escolar. Além disso, o presente estudo pretende verificar o impacto positivo desses diálogos no âmbito escolar. Por fim, tem, como objetivo, compreender como a Literatura pode ajudar no desenvolvimento de tais discussões em sala de aula. Para alcançar os resultados desejados, este trabalho, no intuito de compreender como a Literatura pode auxiliar nas discussões de gênero, utilizará os postulados de alguns teóricos. Serão utilizadas as teorias de Tzvetan Todorov, no que tange à importância do uso da Literatura para discussões sociais e diálogos em sala de aula. Ainda no viés das discussões em sala de aula, a obra de Paulo Freire será o principal ponto de partida no que diz respeito aos temas e abordagens no âmbito escolar. Também serão consideradas as obras de Roxane Rojo, no que se refere ao papel da escola no processo de inclusão social e como essa relação é importante e eficaz. Ademais, será considerado o artigo científico de Ritielli Pires da Silva que abordará, de maneira objetiva, a importância das discussões de gênero no ambiente escolar. Dialogando com tal abordagem, está a obra de Clecio Bunzen e Márcia Mendonça que reforça o aspecto social da educação. Entretanto, este estudo não poderia ser plenamente efetivo, principalmente considerando sua pretensão de aplicabilidade em sala de aula, se não considerasse os documentos oficiais. Sendo assim, serão utilizados os PCNs e, de acordo com as novas determinações, os postulados da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) Além de tais embasamentos teóricos, o presente estudo também pretende trazer à luz as maneiras como as questões de gênero são apresentadas nos documentos oficiais da educação no Brasil. Concomitantemente, abordará tais discussões pela perspectiva das aulas de Literatura. Como forma de ilustrar e ampliar sua dissertação, este trabalho visa, por fim,

apresentar experiências de sala de aula que utilizem os postulados aqui apresentados. Somado a isso, serão abordadas propostas didáticas que abordem a temática de gênero nas aulas de Literatura. Ademais, o trabalho com os gêneros, masculino e feminino, e seus estereótipos consolidados na sociedade, encontra diversas barreiras. A primeira delas, mais específica para o estudo em questão, é a das barreiras para as discussões de identidade de gênero em sala de aula. Algumas temáticas são grandes tabus nos diálogos com alguns discentes e, dentre elas, certamente, estão as questões de gênero. Sendo assim, uma abordagem sutil para tal temática nem sempre é fácil de ser encontrada. Ainda nesse sentido, serão verificadas possíveis mudanças nos documentos oficiais e nas grades curriculares que possam, eventualmente, interferir no processo de aplicação das propostas que aqui serão apresentadas. Por fim, é preciso que tanto o corpo discente quanto o docente alcancem um esclarecimento sobre a relevância das discussões que aqui serão apresentadas e sua importância no âmbito escolar. Neste estudo, especificamente, no que diz respeito às questões de gênero, o enfoque principal será a desigualdade entre os sexos, o machismo estrutural e todos os desdobramentos sociais que tais questões podem causar. Além disso, este trabalho tem a pretensão de compreender como a Literatura pode organizar esses aspectos e dissolver tais tabus em sala de aula. Sendo assim, há o objetivo de identificar como justificar tais debates, tendo como base os documentos oficiais de educação, que obras podem ter maior contribuição para os diálogos de gênero e quais são as melhores formas de organizar, estimular e desenvolver o debate em sala de aula. Resultados Ao longo do estudo, foi desenvolvida uma proposta didática baseada na obra *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz. Além disso, essa mesma proposta didática foi aplicada, em sala de aula, em uma turma do Segundo Ano do Ensino Médio de uma Escola Estadual no Rio de Janeiro. A partir das atividades desenvolvidas ao longo da sequência didática, foi possível perceber o machismo enraizado dentro e fora dos muros da escola e o quanto ele influencia a visão de mundo dos adolescentes. Tal percepção foi possível graças ao processo de escuta que iniciou todo o projeto. Apesar disso, a literatura mostrou-se eficaz enquanto ferramenta de diálogo. Além disso, gerar os debates com base em elementos ficcionais (como as personagens do romance) para, só então, partir para elementos da vida real, revelou-se uma estratégia satisfatória, pois deu aos alunos o distanciamento necessário para visualizar as situações com maior racionalidade. Nesse sentido, as atividades iniciais desenvolvidas em sala de aula demonstraram que, para alguns alunos, a abordagem machista da sociedade era considerada

como a correta. Para outros discentes, a sociedade patriarcal e misógina era vista com naturalidade e conformismo, mesmo que gerasse certo desconforto. Em raras exceções, havia desconforto e revolta diante de uma realidade de desigualdade entre os gêneros. Ao longo das atividades, foi possível, primeiramente, ouvir todas as opiniões. Por estarem os debates ligados a situações da vida de personagens ficcionais, os alunos eram capazes de colocar suas opiniões com maior tranquilidade e quase que sem pudor. Depois disso, foi interessante fazer a ponte entre a realidade ficcional e a situação real da sociedade em que os discentes estão inseridos. A partir da troca de perspectivas, desenvolvendo diversas formas de expressão (imagens, texto escrito, debate, desenhos) e procurando sempre conscientizar a turma acerca das consequências de uma sociedade misógina, foi possível provocar uma série de reflexões e construir outras perspectivas.

Palavras-chave: Gênero. Igualdade. Literatura. Linguagens. Misoginia.

3.

ST 03 – MULHERES, RACISMO E POBREZA: AS DESIGUALDADES DE RAÇA E GÊNERO NO BRASIL DA PANDEMIA DA COVID-19

COORDENAÇÃO

Kátia Bárbara da S. Santos (PEBTT/IFPA)
E-mail: kantias105@gmail.com

Maria Amoras (FASS/ICSA/UFPA)
E-mail: mmaria.amoras@gmail.com

MEDIAÇÃO

Shirlene Coelho (Mestranda ProfEPT/IFPA)

APRESENTAÇÃO DO SIMPÓSIO TEMÁTICO

Este simpósio objetiva reunir trabalhos fundamentados na interseccionalidade, como procedimento

teórico-metodológico de análise, que evidencie narrativas de resistências diante das opressões vivenciadas por mulheres subalternizadas no contexto da pandemia da Covid-19. A maioria das famílias no Brasil é destituída das condições materiais/econômicas para a sua subsistência e é chefiada por mulheres empobrecidas. Elas estão, em grande parte, nas periferias das cidades, no campo, nos quilombos, nas aldeias, nos assentamentos e outros, ou seja, ocupam os estratos subalternos da estrutura social. As históricas opressões interseccionais de raça, classe social, gênero e sexualidade são impulsionadas, em âmbito global, pelas tramas econômicas e financeiras, políticas e religiosas e suas interfaces com a produção de desigualdades e de subjetividades durante a pandemia. Pergunta-se: como essas mulheres, de múltiplos contextos sociais e culturais, estão sendo impactadas pela pandemia da covid-19, em um país racista e sexista como o Brasil? Que narrativas de resistências produzem essas mulheres no enfrentamento às opressões nesses tempos de pandemia? Espera-se, por fim, análises fundamentadas nos estudos de gênero e raça; nos estudos dos feminismos negros e aqueles que se filiam aos movimentos feministas da América Latina.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Gênero. Raça. Feminismos

ENTRE FLORESTAS E MULHERES: VIOLÊNCIAS QUE SE CONECTAM

Ana Claudia Aragão Santos
Universidade Federal de Sergipe
anaclaudiaaragao426@gmail.com

Fernanda Amorim Accorsi
Universidade Federal de Sergipe
accorsifer@gmail.com

Este trabalho apresenta um exercício de reflexão sobre as opressões interespécies, bem como questiona as relações de poder, as hierarquias de subordinação, construídas com base nos dualismos, como forte/fraco, homem/mulher, humano/natureza. O cenário é o ano de 2020, marcado pela Pandemia do Covid-19, Sars-CoV-2, que evidenciou ainda mais as desigualdades culturais, sociais, políticas e econômicas no Brasil e escancarou as violências contra as mulheres, contra a floresta e contra os animais. Nosso objetivo é discutir as relações entre a violência contra a mulher e as queimadas no Pantanal e na Amazônia durante a Pandemia. Nossa hipótese é que os ódios à mulher e à floresta se relacionam. Não temos a pretensão de esgotar o assunto, pois as reflexões apresentadas aqui são o ponto de partida do Projeto de Iniciação Científica (PIC) intitulado “Feminilidades e animalismos: as opressões se conectam?”, desenvolvido desde agosto de 2020, na Universidade Federal de Sergipe. Nosso aporte teórico conta com Lessa e Toso (2017) Rosendo (2015), Santos (2017), Lorde (1982) e Adams (2018), cujas teorizações sedimentam a concepção de que diferentes violências se conectam e podem se retroalimentar, porque fazem parte de um sistema marcado pela branquitude, pelo patriarcado, pelo antropocentrismo e pelo capitalismo. A pandemia tem reforçado os sentimentos de posse, exploração e ódio, o que pode ser visto com o aumento de 40% das denúncias de violência doméstica na quarentena (TERRA, 2020). “No Pantanal, as queimadas detectadas passaram de 2.887 para 8.106, o que representa aumento de 180,8%. Na Amazônia, o acréscimo de focos foi de 60,7%, se comparado a 2019” (G1, 2020, s/p). Como nos dedicamos aos estudos ecofeministas e animalistas, entendemos que a violência contra a mulher e a violência contra a natureza se relacionam porque ambas são questões de saúde pública. A conexão entre as violências se dá, ainda, na ideia de que a casa das mulheres e dos animais silvestres

ST 03 – Mulheres, racismo e pobreza: as desigualdades de raça e gênero no BR da pandemia da Covid-19

não tem sido um lugar seguro que preserve suas existências e dignidades. “Essa ligação manifesta-se na obsessão pela dominação e controle tanto sobre as mulheres quanto sobre as outras espécies” (LESSA, TOSO, 2017, p. 28). Neste sentido, vemos que a tentativa de domínio das mulheres e da natureza parte da mesma origem: os homens – especialmente os brancos, heterossexuais e bem sucedidos. Para fazer a manutenção de seus privilégios na sociedade capitalista, eles se sentem à vontade para devastar a floresta, bem como o imaginário, o emocional, a corporalidade, a vida das mulheres. Vale lembrar que a violência contra a mulher não é sinônimo de agressão física, há outras formas que encarceram e machucam conforme explica a Lei Maria da Penha, nº 11.340/2006 (BRASIL, 2006). Da mesma forma que as queimadas não são as únicas maneiras de violência especista, em razão de que a negligência, a omissão e a caça podem ser naturalizadas em prol do prazer dos predadores.

Palavras-chave: Pandemia; Violência; Ecofeminismo.

A EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA DE CONSTRUÇÃO DA CARTILHA DE COMBATE ÀS PRÁTICAS DE RACISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Ana Kelly Dos Reis Nonato
Campo Universidade Federal Rural do Semi-Árido
anakellyreis28@hotmail.com

Maria Aparecida da Silva
Campo Universidade Federal Rural do Semi-Árido
mrprcddslv@gmail.com

Ady Canário de Souza Estevão
Campo Universidade Federal Rural do Semi-Árido
adycanario@ufersa.edu.br

Este trabalho pretende apresentar uma experiência em andamento de ação de extensão na produção de uma cartilha educativa voltada para o combate às práticas de racismo em tempos de pandemia. O objetivo é possibilitar e incentivar à reflexão crítica acerca da igualdade racial como forma de disseminar conhecimentos e dessa forma combater o racismo. Para tanto, utilizamos de estudo bibliográfico e documental a partir da Constituição Federal de 1988 e a Lei nº 12.288, de 20/07/2010, que criou o Estatuto da Igualdade Racial, bem como autores/as que trabalham com linguagem, tais como, Oliveira (2003), Santos e Silva (2005), Guimarães (2002), Paixão (2003), Munanga (2006), Borges (2005), Almeida (2018), Freire (2014), Foucault (2003), Louro (1997). Como metodologia, partimos da abordagem qualitativa e participativa entre pesquisadores, professores, profissionais e estudantes, em discussões coletivas de construção das etapas em eixos temáticos até a escrita final do produto. Esperam-se como resultados, a difusão de conhecimentos no cenário da pandemia da Covid-19 e o tratamento educativo e humano da população negra vulneravelmente exposta ante ao racismo estrutural em esferas governamentais e de assistência, que envolvem a participação de toda a sociedade. racismo.

Palavras-chave: Cartilha. Racismo. Extensão Universitária.

VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19: REFLEXÕES SOBRE A INTERSECCIONALIDADE E A VULNERABILIDADE DA MULHER NO ESTADO DO MARANHÃO

Angela Bárbara Lima Saldanha Rego
Instituto Federal do Maranhão
angela.saldanha@ifma.edu.br

Maria Emília Miranda Alvares
Instituto Federal do Maranhão
maria.alvares@undb.edu.br

Este trabalho tem por objetivo discutir o impacto da pandemia do Coronavírus nos casos de violência contra a mulher no Estado do Maranhão. O contexto pandêmico vem provocando um grande impacto na saúde, no trabalho, na educação e nas relações humanas em uma escala mundial. As medidas de isolamento social, restrição de deslocamento e suspensão de atividades rotineiras, isto é, as mudanças impostas pela reorganização socioeconômica frente às ameaças de contaminação e morte, invariavelmente, impactam na saúde mental da população, resultando no aumento do estresse, no agravamento da convivência conflituosa e exposição a situações de violência. Como método de pesquisa, são analisados os dados apresentados a partir de reportagens veiculadas em portais de notícias, promovendo-se a interlocução de tais informações com a teoria do mandato de masculinidade da antropóloga argentina Rita Laura Segato e a teoria do racismo e sexismo na cultura brasileira, da antropóloga Lélia Gonzalez. Dessa forma, constata-se que as mulheres tiveram sua vulnerabilidade acentuada em diferentes graus, quando considerados os recortes de raça, classe, sexualidade e faixa etária. A pandemia traz, portanto, um acirramento de ânimos em todos os contextos da vida social, evidenciando a dinâmica dominado-dominador como uma das neuroses culturais da sociedade brasileira consubstanciadas no racismo e no sexismo, naturalizados pelo mito da democracia racial e pelo patriarcado, sistema autorizativo fértil ao aumento da violência de gênero, inclusive contra aqueles que, de qualquer forma, o desacatam. Por fim, a importância dessa reflexão repousa na necessidade de se trazer para o âmbito público o debate acerca dos crimes de gênero como pauta dos direitos humanos, contrariamente à crença de que se trata de um assunto

ST 03 – Mulheres, racismo e pobreza: as desigualdades de raça e gênero no BR da pandemia da Covid-19

de foro íntimo, compreendendo-se que a solução desses problemas, invariavelmente, perpassa a questão da interseccionalidade e, ao que tudo indica, não encontrará no Estado, da maneira como ele se configura, um ente disposto a promover mudanças efetivas no status quo, ainda que, formalmente, coloque à disposição das vítimas um aparato policial e jurídico com vistas à repressão da violência.

Palavras-chave: Pandemia. Violência de gênero. Racismo. Interseccionalidade. Patriarcado.

VIOLÊNCIA EM RELAÇÕES PATRIARCAIS DE SEXO EM MOSSORÓ/RN - ASSESSORIA JURÍDICA POPULAR, TEATRO DO OPRIMIDO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA DE EXTENSÃO “DESCONSTRUINDO AMÉLIA”

Ana Letícia de Oliveira Bezerra Fernandes
Universidade Federal Rural do Semiárido
leticiafernandes1277@gmail.com

Ana Maria Bezerra Lucas
Universidade Federal Rural do Semiárido
hannaire@ufersa.edu.br

Evillin Lissandra Cosme Santana
Universidade Federal Rural do Semiárido
evillinlissandra13@gmail.com.

Vitor Carlos Nunes
Universidade Federal Rural do Semiárido
vitorcarlosnunes@hotmail.com

Este trabalho objetiva socializar a experiência do Programa de Extensão Desconstruindo Amélia: Teatro do Oprimido e assessoria jurídica popular no contexto de violência em relações patriarcais de sexo em Mossoró/RN, em andamento na UFRSA. Intenta-se relatar a atividade de assessoria psicossocial e jurídica da extensão popular na comarca de Mossoró/RN. O Programa tem o propósito de realizar o atendimento psicossocial e jurídico às mulheres em situação de violência doméstica e familiar que são atendidas no Juizado Especial de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher na comarca de Mossoró. Tem como fundamentação teórica e metodológica, a Educação Popular, tomando como referência Paulo Freire (1969; 1983; 1992) e o Teatro do Oprimido baseado na obra de Augusto Boal (1998). Para tanto, planejam-se as ações de prevenção à violência de gênero; acolhimento psicológico; assistência e assessoria sociojurídica, sobretudo na formação. Os resultados preliminares são positivos, devido a abordagem interdisciplinar das formações, que contam com a participação de profissionais especializados da área do serviço social e da psicologia, que, aliados aos profissionais do direito. Como conclusão, essa experiência vem colaborando para a iniciação

ST 03 – Mulheres, racismo e pobreza: as desigualdades de raça e gênero no BR da pandemia da Covid-19

extensionista de três estudantes da graduação em direito, demonstrando que a universidade pode, e deve, ser um espaço de construção de saberes, de conhecimentos capazes de transformar o meio social e a vida das pessoas. Também que, a Extensão Popular contribui para a discussão sobre denúncias de situações de injustiças e opressões, sobremaneira para formar profissionais engajados com as questões sociais.

Palavras-chave: Extensão popular. Violência Doméstica. Teatro do Oprimido. Assessoria Jurídica.

COMBATE ÀS PRÁTICAS DE RACISMO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO POPULAR NO SEMIÁRIDO NORDESTINO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Ana Letícia de Oliveira Bezerra Fernandes
Universidade Federal Rural do Semiárido
leticiafernandes1277@gmail.com

Ana Maria Bezerra Lucas
Universidade Federal Rural do Semiárido
hannaire@ufersa.edu.br

Evillin Lissandra Cosme Santana
Universidade Federal Rural do Semiárido
evillinlissandra13@gmail.com.

Vitor Carlos Nunes
Universidade Federal Rural do Semiárido
vitorcarlosnunes@hotmail.com

O trabalho pretende relatar a experiência extensionista de estudantes do curso de Direito da Universidade Federal Rural do Semi-Árido em uma ação de extensão, durante a pandemia do Covid-19. O objetivo da Ação é a elaboração de uma Cartilha Educativa que visa proporcionar à reflexão crítica acerca da importância da igualdade racial como mecanismo de combate ao racismo que se agravou tanto durante essa pandemia, bem como disseminar conhecimentos sobre a temática. A Ação é uma atividade conjunta do Coletivo Negras e do Programa de Extensão Desconstruindo Amélia e é construída de maneira coletiva, com uma abordagem qualitativa e participativa entre os estudantes do curso de Direito e Licenciatura em Educação do Campo, professores da UFRSA e da UERN. A Ação será finalizada no mês de novembro e está sendo elaborada a partir de seis eixos. 1) Educação, Cultura, Esporte e Lazer, 2) Acesso à Terra e Moradia, 3) Trabalho, 4) Meios de Comunicação, 5) Segurança à Alimentação e Saúde e 6) Jurídico, Legislativo e Segurança Pública. A divisão dos eixos entre os participantes da Ação considerou as experiências, a formação acadêmica e de militância nos Movimentos Sociais. Como metodologia utilizamos o relato de experiências a partir das diferentes percepções e impressões, principalmente por sermos

ST 03 – Mulheres, racismo e pobreza: as desigualdades de raça e gênero no BR da pandemia da Covid-19

estudantes brancos e não fazermos parte da população negra a partir da perspectiva da Extensão popular. Para esse fim utilizamos como referências as obras de Paulo Freire, Educação como prática da liberdade(1969), Extensão ou Comunicação (1983) e Pedagogia do Oprimido (1992). Como resultados esperamos, para a Ação de Extensão: uma difusão de informações confiáveis, neste atual cenário pandêmico, contribuindo para que a população negra possa conhecer as práticas de racismo e suas punições, que já se encontram regulamentadas pelas legislações brasileiras, e com isso colaborar com a luta contra quaisquer tipos de preconceitos e discriminações sociais, étnicas e raciais no contexto mossoroense, potiguar e nacional. Com o relato de experiência esperamos que a extensão universitária popular possa colaborar, junto aos movimentos sociais e na organização dos trabalhadores para sua emancipação e autonomia enquanto classe organizada e que a Extensão Universitária Popular da UFERSA, através do Grupo de Estudos Direito Crítico, Marxismo e América Latina, do qual somos participantes, possa “quebrar” a corrente de transmissão que predomina na formação dos profissionais do Direito e formar profissionais engajados no compromisso de lutar pela efetivação e garantia dos direitos sociais. Os projetos de extensão popular são oportunidades de aproximar os estudantes universitários das comunidades, segmentos sociais e populações que não têm suas pautas consideradas pelas pesquisas acadêmicas de cunho mercadológico.

Palavras-chave: Extensão Universitária Popular; Combate ao racismo; Pandemia; Covid-19; Relato de experiências.

A VIOLÊNCIA SEXUAL EM NOTÍCIAS JORNALÍSTICAS: CORPO, MULHERES E CLASSE SOCIAL

Maria Regina Bezerra De Lima
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
reginabezerra777@gmail.com

O referente trabalho tem como principal objetivo uma análise de notícias do jornal Diário de Natal, que mostrava relatos de violência contra a mulher nas décadas de 1950 e 60. As frequentes notícias sobre abuso e estupro revelavam, além do quantitativo de violência contra a mulher, as formas como era tratado o corpo feminino. Muitas vezes tratadas como “sexo frágil”, as notícias falavam da necessidade de proteção das mulheres. Outras vezes, falavam da necessidade do recato, dos perigos da rua e de andar desacompanhadas. As relações entre corpo e classe social também podem ser analisadas através dos jornais, principalmente quando ficavam evidentes a diferença no tratamento entre mulheres pobres e ricas. Nas páginas do jornal, os aspectos relativos à sexualidade feminina em meados do século XX eram atravessados por preconceitos, suspeitas e discursos sobre a honra da mulher. Mesmo os crimes de estupro, na lógica da dominação masculina e nos discursos construídos pela imprensa, não isentavam indistintamente todas as vítimas. Assim, é importante estudar as relações entre mulheres e lugares sociais, observando como a violência sexual (que afeta todas as mulheres, mesmo que indiretamente) é também definida por marcadores de classe. Para a realização desta pesquisa, foram realizadas leituras sobre gênero, história das mulheres e a importância dos jornais na circulação de discursos e na formação de opiniões. As edições do Diário de Natal foram consultadas on line, em números depositados na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Escolheu-se abordar as notícias sobre a violência contra a mulher, filtrando as informações e organizando fichas. O estudo faz parte das atividades do projeto de pesquisa “Mulheres e Famílias na imprensa potiguar em meados do século XX: alteridades e (in)visibilidades”, que está em andamento no IFRN – Campus Canguaretama. Durante o percurso da pesquisa foi possível observar que as mulheres em condição de vulnerabilidade, com empregos informais ou no serviço doméstico, estavam ainda mais sujeitas a certo tipo de violência, percebendo-se os desafios das mulheres pobres diante dos cenários de dominação de seus trabalhos e de seus corpos. Espera-se

ST 03 – Mulheres, racismo e pobreza: as desigualdades de raça e gênero no BR da pandemia da Covid-19

debater sobre o direito ao corpo e sobre as desigualdades de gênero na história das mulheres.

Palavras-chave: Mulheres, domésticas, trabalho.

MULHERES PRETAS QUILOMBOLAS E RESISTÊNCIA: ENFRENTAMENTOS DE MÚLTIPLAS VIOLÊNCIAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID -19

Maria Santana dos Santos Pinheiro Teixeira- m.stana@hotmail.com -
Universidade Federal do Pará- UFPA

Objetivo: Este trabalho tem como propósito evidenciar uma reflexão sobre a realidade das mulheres negras quilombolas durante o contexto da covid-19. Metodologia: trata-se de uma pesquisa qualitativa, dividida em etapas. A primeira com revisão de literatura sistemática (RSL) e a segunda seria pesquisa de campo, mas, devido a Pandemia da Covid-19, ficou impossibilitada a realização das entrevistas, e optou-se pelo levantamento das lives produzidas durante a Pandemia, no período de março a setembro de 2020. Para obtenção dos resultados da pesquisa, utilizou-se o protocolo de levantamento de dados pela internet, nas plataformas digitais: Youtube, Instagram e Facebook., a partir dos descritores: “quilombolas pandemia”, “populações quilombolas covid-19” “mulheres negras pandemia”, “mulheres quilombolas pandemia”, “gênero raça pandemia”. Dessa feita, esses resultados são um recorte de uma pesquisa maior intitulada: MULHERES QUILOMBOLAS EM MOVIMENTO: o protagonismo feminino na organização social e política do território. Resultados: Foram encontradas 42 lives e selecionadas 15 para os estudos. Evidenciou-se que o período da pandemia trouxe a tona a realidade vivida pela população negra e especificamente pela mulher negra e quilombola, dados esses apontados pelos indicadores sociais, mostram um quadro imenso das desigualdades sociais existentes desse o período da colonização e perpetuadas até nos dias de hoje. Entre os resultados encontrados destacou-se: crescimento da violência contra mulher no campo, o lugar da mulher quilombola na luta pelo território, acirramento das desigualdades sociais, empoderamento das mulheres negras pela participação em movimentos sociais e organizações, divulgação de saberes tradicionais, construção de espaços de luta e fortalecimento, características regionais e territoriais que são um desafio no acesso aos serviços públicos, saúde mental afetada, aumento do desemprego e da pobreza, patriarcado, ausência de políticas públicas, resistência e protagonismos social e político de mulheres negras, racismo ambiental, sofrimento com os grandes empreendimento das empresas multinacionais, impactos das barragens e outros empreendimentos etc.

ST 03 – Mulheres, racismo e pobreza: as desigualdades de raça e gênero no BR da pandemia da Covid-19

Conclusão: Aponta-se que as difíceis condições vivenciadas pelas mulheres negras quilombolas, estão imbricadas com o racismo estrutural e ambiental, fruto de condições econômicas, sociais e históricas, que mantem o sistema de desigualdade social. Nesta perspectiva a interseccionalidade é um precioso aporte teórico, uma categoria analítica para leitura, interpretação da realidade, pelo recorte de: Gênero, Raça e Classe. Contribui significativamente no fortalecimento da luta das mulheres negras e quilombolas.

Palavras-chave: mulheres pretas. quilombolas. resistência. pandemia. covid-19

4.

ST 04 – MEMÓRIAS DAS MINORIAS POLÍTICAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

COORDENAÇÃO

Profa. Dra. Francinaide de Lima Silva Nascimento (IFRN)
E-mail: francinaidesilva@gmail.com

Profa. Dra. Natália Conceição Silva Barros Cavalcanti (IFPA)
E-mail: natibarrois1@yahoo.com.br

MEDIAÇÃO

Rhayara Souza (Mestranda PPGE/IFRN)

APRESENTAÇÃO DO SIMPÓSIO TEMÁTICO

Onde estavam as mulheres, os sujeitos LGBTQI+, as pessoas com deficiência, os negros e as negras e outros sujeitos considerados “minorias” ou “dissidentes” na trajetória das instituições de Educação Profissional e Tecnológica? Como recolocar as narrativas sobre a história

da EPT e dar visibilidade à história e memória dessas pessoas? Que fontes podem ser utilizadas? Os arquivos em seus moldes tradicionais são capazes de garantir a representatividade e visibilidade de suas experiências? Como suas contribuições foram consideradas na historiografia da educação? Que lembranças e esquecimentos são postos em disputas quando esses sujeitos são ouvidos? Partindo da ideia de que a memória é um campo de disputa e poder, consideramos relevante garantir um espaço para a circulação e debate das pesquisas e pesquisadores que se debruçam sobre as problemáticas aqui colocadas. Discutir sobre a participação ou mesmo a negação da participação dos grupos supracitados nos espaços da Educação Profissional, coloca-se como uma questão imprescindível ao entendimento verdadeiramente democrático deste campo. Uma vez que a Educação Profissional coloca-se à sociedade enquanto instrumento de distribuição de renda, ascensão social e ocupação de espaços nas mais variadas áreas do desenvolvimento humano, é crucial lançar luz sobre a forma como se deu o acesso a ela e sua construção, por quem se deu e para quem se deu. Por essas questões e tantas outras que visam um entendimento mais humano e múltiplo sobre a EPT é que se justifica este simpósio.

Palavras-chaves: Educação Profissional. Políticas para a Educação Profissional. Memórias. História.

ESTADO DA ARTE SOBRE A POLÍTICA EDUCACIONAL PROFISSIONAL NA CIDADE FABRIL DE RIO TINTO-PB (1944-1984)

Alzenir Souza da Silva Universidade
Federal da Paraíba
alzenir.s@gmail.com

Maria Valdenice Resende Soares
Universidade Federal da Paraíba
maria.valdenice@academico.ufpb.br

A cidade fabril de Rio Tinto - Paraíba começou sua história antes mesmo do município ser emancipado (1956), com a chegada da família Lundgren. No ano de 1918 se inicia o projeto de criação da fábrica e paralelo a construção deste poderio econômico, a família Lundgren buscou independência para os seus negócios e obteve o consentimento do governo Camilo de Holanda (1916- 1920) para a isenção do imposto estadual por vinte e cinco anos, em compensação, a Companhia de Tecidos Rio Tinto - CTRT seria a responsável por prover, no lugar do Estado paraibano, assistência médica, segurança e educação. Nesse contexto em 1944 é instalada a Escola de Aprendizagem Coronel Frederico Lundgren - EACFL por intermédio do acordo de isenção entre SENAI/PB e CTRT. Esta instituição de Ensino Profissional funcionou até o ano de 1984. Todavia, o fim do referido acordo em que a EACFL era mantida excepcionalmente pela fábrica de tecidos ocorreu bem antes, em 1967. Embora, o ensino ofertado tenha por objetivo atender as camadas populares, o acesso a este ensino era muito restrito, destinada apenas aos filhos dos/ou indicados pelos operários. O objetivo deste artigo é mapear estudos acadêmicos que retratam a Política Educacional Profissional na cidade fabril de Rio Tinto - Pb, especificamente, da escola do SENAI (1944-1984). Como caminho metodológico utilizamos o Estado da Arte ou Estado do Conhecimento da produção acadêmica e para rastrear esses estudos optamos por pesquisar no repositório digital no catálogo de teses e dissertações da CAPES. Poucos trabalhos foram localizados em torno do Ensino Profissional desenvolvido pelo SENAI na cidade de Rio Tinto - Pb o que não ocorre com a produção escrita sobre a fábrica, entre estes um estudo sobre as mulheres operárias que até aponta indícios da vida delas no Ensino Profissional da EACFL. Mas, não se aprofunda. Neste sentido, concluímos que existe uma necessidade de

ampliar os estudos acadêmicos (dissertações e teses) em torno deste objeto de estudo.

Palavras-chave: SENAI. Ensino Profissional. Rio Tinto/PB.

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ESTADUAL DO RN E SUAS RELAÇÕES COM AS SUBJETIVAÇÕES DAS ESTUDANTES: UM ESTADO DA ARTE

Ana Cristina Santos Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
acristinasc@gmail.com

Larissa Maia de Souza
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
larissamaiadesouza@bol.com.br

Maria Carolina Xavier da Costa
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
c.xavier@escolar.ifrn.edu.br

Avelino Aldo de Lima Neto
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
ave.neto@gmail.com

O presente trabalho apresenta o estado do conhecimento acerca das categorias estereótipos de gênero, educação profissional, subjetivação, tomando como campo empírico os Centros Estaduais de Educação Profissional do Rio Grande do Norte. Nosso objetivo foi verificar possíveis lacunas na produção científica, a fim de melhor circunscrever a problemática dos processos de subjetivação de meninas/ mulheres em relação às escolhas profissionais. Este trabalho está inserido como parte de uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGE/ UFRN) e situa-se no interior de um projeto de pesquisa mais amplo intitulado Corpo, gênero e sexualidade na Educação Profissional: cenários epistemológicos e subjetivos, desenvolvido no grupo de pesquisa Observatório da Diversidade (IFRN/CNPq). As buscas relativas à temática lançam mão do estado da arte, estratégia investigativa de um estudo bibliográfico. As buscas iniciaram pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT, depois no Repositório do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE/

UFRN, no seu banco de teses e dissertações, finalizando a busca com o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, utilizamos os seguintes descritores: estereótipos de gênero (EG), educação profissional (EP), subjetivação (SUB) combinados entre si pelo uso do operador booleano and (EG and EP and SUB, EG and EP, EG and SUB, EP and EG, EP and SUB, SUB and EG, SUB and EP) e ainda usamos isoladamente a busca pelo descritor centro estadual de educação profissional (CEEP), as buscas tiveram como recorte de tempo os anos de 2008 a 2020, justificado pelo ano de início das atividades no campo empírico escolhido. Após os levantamentos constatamos que o estudo que propomos não é encontrado de forma integral a partir dos descritores e combinações nas plataformas de buscas que utilizamos e poucos foram os resultados relevantes, num total de oito, mas após leitura cuidadosa de cada resumo, concluímos que os achados não podiam ser considerados em nossa pesquisa, pois a maioria trata dos temas isoladamente. A escassez de publicações apontou uma oportunidade para o desenvolvimento de nossa pesquisa, pela inédita temática. Assim, justificamos a necessidade de uma investigação que explore a educação profissional de mulheres na rede estadual do Rio Grande do Norte, levando em conta as imbricações entre os estereótipos de gênero e as escolhas pelos cursos. Esses indicadores epistemológicos nos fornecem material para aprofundar, em nossa pesquisa, o questionamento acerca das desigualdades entre homens e mulheres em nossa sociedade, bem como as conexões existentes entre essas discrepâncias com as articulações entre o capitalismo e o patriarcado.

Palavras-chave: Estereótipos de Gênero. Educação Profissional. Centros Estaduais de Educação Profissional. Estado da Arte. Subjetivação.

O CORPO E A FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Ana Kamilly de Souza Sampaio
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
kamilly.sampaio@ifrn.edu.br

Robério Nunes Maia
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
roberionunespsi@gmail.com

Avelino Aldo de Lima Neto
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
ave.neto@gmail.com

O presente estudo teve o objetivo de identificar as relações entre as práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto da Educação Física do Ensino Médio Integrado e a formação humana integral pressuposta pela Educação Profissional. Para tanto, apresentamos as relações entre o corpo e a formação humana integral, a partir do olhar sobre as práticas pedagógicas, em três etapas. Inicialmente, discutimos sobre as práticas pedagógicas no currículo integrado da Educação Profissional. Em seguida, no sentido de localizar o corpo na formação humana integral no âmbito do IFRN, optamos por realizar uma análise do Volume V do Projeto Político-Pedagógico do IFRN (PPP/IFRN), documento no qual são apresentadas as Propostas de Trabalho das Disciplinas nos Cursos Técnicos de Nível Médio Integrado Regulares – PTDEM (IFRN, 2012b). Por fim, na tentativa de desvelar os saberes e fazeres para o desenvolvimento da formação integral por meio das relações entre o corpo e as práticas pedagógicas de Educação Física no IFRN, analisamos alguns estudos que abordam as práticas pedagógicas de Educação Física na Educação Profissional. No campo metodológico, o estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica com abordagem de natureza qualitativa, realizada por meio de Análise de Conteúdo. Os resultados alcançados apontam que, embora muito se fale sobre politecnia pelos principais estudiosos das práticas pedagógicas da Educação Profissional, não é possível observar de forma clara o reconhecimento do corpo no processo de formação humana integral. Identificamos também que, apesar dos documentos norteadores da Educação Profissional no Brasil e no IFRN

adotarem a formação humana integral como um de seus princípios norteadores, de modo geral, o corpo não está presente nas práticas pedagógicas da maioria dos componentes curriculares da instituição, sendo tímida ou superficialmente considerado nos componentes Arte, Filosofia e Biologia, e mais profundamente discutido apenas no documento referente à Educação Física. Além do mais, percebemos que já existe um esforço de outros pesquisadores de visibilizar o corpo na Educação Profissional a partir de um olhar da Educação Física. Concluímos que, de modo geral, a formação omnilateral proposta pelo PPP/IFRN não é completamente abarcada pelo corpo docente das diferentes áreas de ensino da instituição, salvo as exceções já citadas e especialmente a área de Educação Física. Além disso, sem negar a riqueza do campo teórico do materialismo histórico- dialético, destacamos a prevalência de distintos e ricos recortes teóricos com perspectivas que diferem dessa concepção filosófica, o que aponta para outros domínios teóricos cujas contribuições também podem enriquecer a reflexão sobre as Práticas Pedagógicas na Educação Profissional.

Palavras-chave: Corpo. Formação Humana Integral. Práticas Pedagógicas. Educação Profissional.

MAGISTÉRIO FEMININO NA ESCOLA DE APRENDIZES E ARTÍFICES DO RIO GRANDE DO NORTE

Francinaide de Lima Silva Nascimento
Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Rafaela Caroline Alves
Instituto Federal do Rio Grande do Norte

O conhecimento sobre a formação profissional da professora primária e sua atuação ainda é insuficiente, principalmente no que tange à Educação Profissional. Que relações de conflito se estabeleciam no espaço de sociabilidade que é a instituição escolar? O que reivindicavam as mulheres professoras? Como se dava a partilha entre os polos feminino e masculino nessa configuração? No início do século XX assistimos à uma reapropriação de uma questão antiga: os papéis sexuais de homens e mulheres entre o público e o privado. Neste contexto, a escola emerge também como cenário de disputas. Professores e professoras, homens e mulheres, agentes públicos regulados pelo Estado. No Rio Grande do Norte, as professoras normalistas estavam em diferentes espaços de atuação profissional. O magistério transformou-se em trabalho de mulheres. Foi também neste contexto que o primeiro corpo de funcionários da Escola de Aprendizes e Artífices contou com a professora primária Maria do Carmo Torres Navarro. O quadro institucional era composto também por Sebastião Fernandes de Oliveira, na condição de Diretor, Ezequias Pegado Cortez, escriturário, além de mestres de oficinas e porteiros. A referida professora, solteira, aos 21 anos foi nomeada para o curso primário em 24 de dezembro de 1909. Tomou posse em 15 de janeiro de 1910, quando entrou em exercício. Foi somente em 1912 que a segunda professora primária da instituição foi registrada no Livro de Pessoal (1911). Maria Abigail Furtado de Mendonça, então com 18 anos, era também solteira e foi nomeada como adjunta de professora do curso primário. No primeiro semestre daquele ano, o escriturário Ezequias Pegado Cortez redigiu os termos de posse de Maria Abigail Furtado de Mendonça e Raimundo Hostílio Dantas, contratados para dar suporte aos professores Maria do Carmo Torres Navarro e Abel Juvino Paes Barreto, professor de Desenho. Aos homens cabia a direção das instituições, a inspeção do ensino, legislar e escrever sobre o

movimento educacional. Às mulheres, a sala de aula. Esse reflexo da divisão sexual do trabalho é visível no histórico de diretores da Escola de Aprendizes Artífices constituída por homens: Sebastião Fernandes de Oliveira (1909-1915), Silvino Bezerra Neto (1916-1918), Alcides Feijó Raupp (1927-1930) e Floriano Cavalcante de Albuquerque (1930). A inserção das mulheres professoras nas instituições continuava. No dia 25 de maio de 1923, a professora Celina Torres Navarro, solteira, foi nomeada para o cargo de Adjunta de Professora do Curso Primário. Em 26 de junho de 1926 ocorreu a nomeação da professora Maria do Carmo Cavalcanti, 22 anos, solteira. Na década de 1930 foram contratadas as professoras: Maria Rosa Ribas Marinho, solteira, com registro de nomeação no dia 24 de abril de 1933; Maria Angelita Marinho, 24 anos, inicialmente para o cargo de Adjunta de Professora do Curso Primário, firmando-se como professora de Geografia e História do Brasil; Ruth Marinho Souto, viúva, 34 anos, nomeada em 9 de fevereiro de 1935, como Adjunta do Curso Primário, posteriormente, assumiu a disciplina de Português; Maria de Lourdes Torres, solteira, nomeada em 1º de abril de 1936. Convém observar o fato de essas professoras serem solteiras e viúvas. Até esse período não localizamos registros de que fossem casadas no ato da nomeação. Se o celibato pedagógico também era uma exigência para elas, não nos foi possível confirmar. Nesse contexto, o trabalho fora de casa era concebido como ocupação transitória, a qual deveria ser abandonada sempre que se impusesse a verdadeira missão feminina de esposa e mãe.

Palavras-chave: História da Educação Profissional. Magistério Primário. Instituições Educativas. Gênero.

FORMAR PARA O CUIDADO: A FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL E O ENSINO INTEGRADO EM SAÚDE

Larissa Maia de Souza
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
larissamaiadesouza@bol.com.br

Maria Carolina Xavier da Costa
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
c.xavier@escolar.ifrn.edu.br

Ana Cristina Santos Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
acristinasc@gmail.com

Avelino Aldo de Lima Neto
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
ave.neto@gmail.com

O presente resumo é um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (PPGEP/IFRN). Esta se insere em um projeto mais amplo, financiado pelo CNPq e intitulado “Corpo, gênero e sexualidade na Educação Profissional: cenários epistemológicos e subjetivos”. Atrela-se também aos estudos do grupo de pesquisa do Observatório da Diversidade (IFRN/CNPq). A pesquisa objetiva fazer uma discussão breve a respeito da formação humana integral e ensino integral em saúde, destacando sua importância na formação profissional das técnicas de enfermagem na Escola de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (ESUFRN), instituição que compõe a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Considera-se a Enfermagem como uma área do conhecimento, mas também como uma profissão intimamente ligada à noção de cuidado, pois lida diretamente com o corpo, o envelhecimento, a doença e a morte do paciente. Embora essencial ao exercício da profissão, os conhecimentos técnicos não são suficientes para uma assistência qualificada, portanto é necessário estruturar práticas pedagógicas que promovam o cuidado humanizado, e

rompam com o modelo biomédico hegemônico, priorizando a integralidade do ensino. No debate sobre ensino integral, as relações entre práticas pedagógicas e a formação humana integral têm colocado o indivíduo no centro do processo educativo. Trata-se de uma concepção de ensino em que pensar e fazer se encontram integrados na aprendizagem de qualquer disciplina. Para a enfermagem isso envolve a ampliação da dimensão cuidadora, ou seja, produzir uma técnica sem desviar o olhar da subjetividade de cada indivíduo. Nesse sentido, o ensino integrado em saúde deve se contrapor a mera operacionalidade. Para superar esse tecnicismo, Araújo (2014) defende o ensino integrado como projeto pedagógico comprometido com o desenvolvimento de ações formativas integradoras capazes de promover a autonomia e ampliar os horizontes dos sujeitos das práticas pedagógicas, professores e alunos, principalmente. Além disso, atentamos para a necessidade de problematizar, no interior da EPT enquanto campo epistêmico e modalidade educativa, os processos que naturalizam o cuidado enquanto prática vinculada às mulheres, colaborando para a manutenção de relações desiguais entre os gêneros. Empregou-se metodologia de abordagem qualitativa e exploratória com o intuito de proporcionar uma maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito e descrever as características do grupo a ser estudado. O referencial teórico se concentrará na literatura acerca dos estudos de gênero, em diálogo constante com teóricos da Educação Profissional e como resultado, espera-se problematizar o trabalho do cuidado e considerar a onilateralidade na Educação Profissional em Saúde, levando em conta as relações de gênero.

Palavras-chave: Cuidado. Enfermagem. Ensino Integrado. Gênero.

VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: REFLEXÕES SOBRE O ESTADO DO CONHECIMENTO

Maria Carolina Xavier da Costa
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
c.xavier@escolar.ifrn.edu.br

Ana Cristina Santos Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
acristinasc@gmail.com

Larissa Maia de Souza
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
larissamaiadesouza@bol.com.br

Avelino Aldo de Lima Neto
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
ave.neto@gmail.com

Este resumo é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, realizada no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional (PPGEP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). O trabalho também se insere em um projeto mais amplo, financiado pelo CNPq e intitulado Corpo, gênero e sexualidade na Educação Profissional: cenários epistemológicos e subjetivos, desenvolvido como atividade do Grupo de Pesquisa Observatório da Diversidade (IFRN/CNPq). O presente trabalho objetiva apresentar o estado do conhecimento acerca da produção científica relativa à violência de gênero no contexto da Educação Profissional (EP). Fazemo-lo com a intenção de verificar lacunas epistemológicas referentes à temática abordada. As fontes de busca foram a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e, por fim, o Portal Memória – Repositório Institucional do IFRN – neste último caso, com ênfase na coleção do Mestrado Acadêmico em Educação Profissional. Como descritores de busca, escolhemos “Violência de gênero” e “Educação Profissional”; “Violência” e “Educação Profissional”; “Violência de gênero” e “Educação”. Em todas as buscas finais usamos aspas, o booleano AND e o filtro de temporalidade fazendo o recorte de 2008 até 2020. O recorte temporal se justifica pelo fato de no ano de 2008 ter sido criada a Rede Federal de Educação Profissional,

Científica e Tecnológica (RFEPT), pela lei n.º 11.892. Selecionamos os trabalhos com prováveis associações com os descritores. Em seguida, lemos os resumos, conferimos os sumários e fizemos a análise e interpretação dos dados coletados. Como resultado, verificamos que as pesquisas envolvendo “Educação”, “Educação Profissional”, “Violência” e “Violência de gênero” ainda são poucas. Ainda mais raras são as produções que cruzam “Educação Profissional” e “Violência de gênero”: identificamos tão somente oito trabalhos. A maioria das produções está na área de Ciências Humanas com ênfase em Educação. Os anos com maior índice de publicação são 2013 e 2018, com 5 produções cada um. Esses anos são seguidos por 2014, 2017 e 2019, com 3 obras cada. A maioria dos lócus de estudo são escolas e Institutos Federais. Grande parte das autorias dos trabalhos são de mulheres. Finalmente, comprovamos também a inexistência de trabalhos cujos objetos verssem diretamente sobre a violência de gênero no PPGEP/IFRN, programa no qual desenvolvemos a nossa pesquisa. Isso posto, confirmamos que a violência de gênero, um assunto tão importante, pertinente e presente na vida das alunas do IFRN – e das mulheres em geral, enquanto grupo politicamente minoritário – ainda não tem visibilidade epistemológica.

Palavras-chave: Violência de gênero. Educação Profissional. estado do conhecimento.

“TRISTE, LOUCA OU MÁ”: REFLEXÕES EM TORNO DE MULHERES TRANSGRESSORAS NA PÓS-GRADUAÇÃO

Maria Carolina Xavier da Costa
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
c.xavier@escolar.ifrn.edu.br

Ana Cristina Santos Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
acristinasc@gmail.com

Larissa Maia de Souza
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
larissamaiadesouza@bol.com.br

Avelino Aldo de Lima Neto
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
ave.neto@gmail.com

O presente texto é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Especialização em Educação de Jovens e Adultos no Contexto da Diversidade, ofertada pelo Campus Canguaretama do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). A investigação também está inserida em um projeto financiado pelo CNPq e intitulado Corpo, gênero e sexualidade na Educação Profissional: cenários epistemológicos e subjetivos. A pesquisa objetivou compreender como determinados discursos classificam mulheres estudantes de pós-graduação como transgressoras de papéis de gênero. A metodologia da pesquisa segue a abordagem qualitativa. Foi feito o estado da arte, a revisão bibliográfica, análise das leis da EP, do Projeto Político Pedagógico (PPP) do IFRN e do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da Especialização. Recorremos ao grupo focal para compreender as vivências de quatro mulheres estudantes da Especialização em EJA no Contexto da Diversidade. Para analisar, as entrevistas fizemos uma leitura discursiva com inspiração foucaultiana. O corpus foi constituído por documentos, imagens, música e entrevista. Utilizamos a letra e cenas do clipe Triste, Louca ou má, de Francisco, El Hombre enquanto estratégia metodológica e recurso de construção textual. Como resultado, concluímos que os discursos perpassam e se repetem ao longo da

história, reconfigurando-se no decorrer das décadas, sendo as mulheres protagonistas de atos de transgressão das normas do patriarcado. Nossas entrevistadas mostraram ser transgressoras quando se opõem e se posicionam frente aos discursos da sociedade, como exemplo, ao sair de casa para morar sozinha, ao se divorciar, ou voltar a estudar. Por saírem do padrão são vistas como tristes, loucas ou más. Com as entrevistadas pudemos diagnosticar que não é fácil para uma mulher cursar uma pós-graduação. O cansaço e a dificuldade para dar conta de uma tripla jornada foram identificados, o que reflete em seus corpos e no desempenho acadêmico. Isso nos levou a pensar sobre como é importante para as instituições educativas ficarem atentas aos corpos de suas discentes e elaborar estratégias de planejamento e organização curricular promotoras de uma formação humana integral. Por fim, entendemos que as mulheres que resistem são aquelas que aceitam que tudo deve mudar, porque um homem, o seu corpo e sua casa não as definem. Elas desatam os nós, queimam o mapa, reinventam a vida e rejeitam a tão comum receita cultural. Ser Tristes, loucas ou más não é visto aqui como algo ruim, enxergamos isso como prática de sujeitos revolucionários. De mulheres transgressoras do *modus vivendi* que o patriarcado tentou a todo custo lhes impor.

Palavras-chave: mulheres. pós-graduação. Educação Profissional.

MEMÓRIAS DO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE EM NARRATIVAS DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Natasha Mendonça Nogueira
Instituto Federal do Pará
nogueira.natasha@hotmail.com

Natália Conceição Silva Barros Cavalcanti
Instituto Federal do Pará
natibarrois1@yahoo.com.br

O presente resumo tem como objetivo dar visibilidade às narrativas de estudantes LGBTQI+ no contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), particularmente suas percepções e memórias sobre a vivência no ambiente escolar, apresentadas em curtas metragens que tematizaram os estereótipos, preconceitos e desafios enfrentados dentro do IFPA-Campus Belém. Metodologicamente, a primeira fase deste estudo foi baseada na escolha de um material audiovisual que consistiu em três curtas-metragens: “Histórias silenciadas: um debate sobre o território da transexualidade no IFPA Belém”; “Sexualidade e Estigmatização”; e “É proibido minissaias”, produzidos por estudantes do curso de Licenciatura em Geografia do IFPA- Campus Belém no contexto da disciplina Ética e Cultura Profissional. Estes curtas abordam as memórias das minorias políticas considerando seus depoimentos quanto ao corpo, gênero e sexualidade que perpassam suas vivências e relações dentro da EPT. Na segunda fase foi realizada a transcrição das falas dos alunos e alunas que se identificam como trans, gays, lésbicas e bissexuais que frequentam os diversos espaços do IFPA- Campus Belém. E por fim, na terceira fase foi realizada a análise dos depoimentos destes(as) estudantes a partir das suas percepções e relatos quanto às questões da identidade, acolhimento, respeito, liberdade e cidadania no contexto educacional. São lançados aqui alguns trechos dos relatos dos discentes que protagonizaram os curtas, dentre eles: “Eu acredito que o dever da escola é acolher, promover conhecimento científico e espaços de lazer e respeito para os seus alunos”; “Eu vejo que a gente tem pouca fala sobre o que é ser trans, sobre o transgênero, digamos assim sobre a comunidade LGBT em si, entende?”; “Eu já sofri muito preconceito fui julgado fui agredido verbalmente e fisicamente, mas quando eu comecei a me entender e aceitar eu decidi que ninguém mais iria fazer isso

comigo”; “ A mulher se sente oprimida por não usar uma blusa transparente e decotada, uma saia ou um short, em que medidas as roupas que eu uso interfere no processo de ensino e aprendizagem?”. No contexto geral dos três curtas aqui apresentados, a instituição educacional, mostra-se como escola-polícia, escola-igreja, escola-tribunal, orientada pelo poder centrado na disciplina dos corpos e na regulação dos prazeres, segundo Peres (2009); por outro lado, Melo (2016) aponta uma solução, dizendo que a educação é um instrumento capaz de minimizar os efeitos das ações de homofobia, desigualdades, patriarcalismo, machismo, que são excludentes e desumanas e que uma sociedade tolerante, humanizadora e democrática só pode ser constituída através de práticas pedagógicas que são facilitadoras de discussões no processo de ensino e aprendizagem e que acolhem opiniões diferentes acerca da diversidade humana. Deste modo, é fundamental destacar que o material audiovisual produzido por esses discentes seria uma das possibilidades de recurso didático a ser aplicado na prática pedagógica com o objetivo de proporcionar visibilidade e reconhecimento das memórias e vozes da juventude LGBTQI+ no contexto educacional.

Palavras-chave: Educação Profissional. Memórias. Corpo. Gênero. Sexualidade.

AS (DES)ORDENS DOS DISCURSOS MASCULINOS: REFLEXÕES ACERCA DOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DE HOMENS PROFESSORES DA EJA

Rita de Cássia Angelo da Silva
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
ritinhaangelo@gmail.com

Avelino Aldo de Lima Neto.
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
avelino.lima@ifrn.edu.br

Objetivos: Antes de apresentarmos as subseções e seus referidos conteúdos, dos quais compõem o estudo em xeque, faz-se necessário falar do documentário que nos serviu de estratégia metodológica para relacionar à algumas discussões. Nesse intuito, o documentário tem como nome “Precisamos falar com os homens”, desenvolvido pela fundação UNESCO no ano de 2017. Esse documentário tem como objetivo fortalecer a busca por igualdade de gênero a partir de discussões, projetos e iniciativas educativas com os homens. Nisso, professores desempenham reflexões de alta relevância para o combate ao machismo e a defesa das várias formas de viver a masculinidade e a feminilidade. A motivação para a realização pesquisa foi despertada a partir de uma disciplina do curso de especialização em Educação de Jovens e Adultos, denominada: “Relações de gênero, sexualidade e educação”. Na referida disciplina debateu-se sobre os papéis determinantes do homem e da mulher e a maneira como essas concepções são fortemente influenciadas pelo meio social. Face ao exposto, o presente trabalho tem como objetivo geral compreender os processos de subjetivação vivenciados por homens que exercem a docência na Educação de Jovens e Adultos. Para isso, iremos identificar os motivos que os levaram a optar pela docência, investigar os desafios por eles enfrentados no cotidiano docente e visibilizar as tensões subjetivas provocadas pelo machismo e pela masculinidade hegemônica. . Metodologia: Sobre a metodologia, primeiramente realizou-se a análise documental do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Especialização em Educação de Jovens e Adultos no Contexto da Diversidade. Também realizamos a apreciação do documentário Precisamos falar sobre os homens (2017), dirigido por Ian Leite e Luiza de Castro e produzido pela ONU Mulheres e pelo Papo de

Homem. Essas análises nos permitiram prepararmos-nos mais apropriadamente para a construção do roteiro a ser utilizado na entrevista semiestruturada. As entrevistas ocorreram com Antônio, Samuel e Roberto – nomes fictícios empregados para preservar o anonimato dos sujeitos. As entrevistas foram realizadas com eles: Antônio tem 50 anos, é negro, estudou somente em escolas públicas. É Policial Militar, tem curso de inglês e licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. É casado, mora com esposa e filhos na cidade de Tibau do Sul/RN. Já Samuel tem 46 anos, é pardo, estudou somente em escolas públicas. É professor de Geografia – disciplina na qual exerce a docência na EJA – e cursa, como segunda licenciatura, a Licenciatura em Educação do Campo, estudou em instituição privada no ensino superior - é casado, mora com esposa e filhos no distrito de Piquiri, na cidade de Canguaretama/RN. Roberto, por sua vez, tem 26 anos, é pardo, estudou somente em escolas públicas, é formado em Educação Física por instituição privada- Centro Universitário Facex, e pratica artes marciais. É casado, mora com esposa e filhos em Baía Formosa/RN. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Resultados: Reflexões sobre os processos de subjetivação de homens professores da EJA: a formação de um discurso sobre a masculinidade: As construções sociais acerca do homem e da mulher estão firmadas de predeterminações e julgo infundável ao que concerne ao gênero e suas materializações corporais (maneiras de vestir, se comportar, andar, mover-se falar, gesticular, enfim, se expressar). Tudo isso permeia diversos campos sociais, e talvez um destes mais tensos no que diz respeito aos conflitos e surgimento de estereótipos seja a profissão. As Ciências Humanas e Sociais, porém, demonstram que a subjetividade não se articula ao fator biológico como a única dimensão para a compreensão dos comportamentos e papéis no que concerne ao tema em questão. Connell (2010, p. 605), nessa direção, afirma que “[...] os padrões de gênero não são fixos, que identidades são negociadas nas vidas individuais e que categorias emergem historicamente, que as masculinidades e as feminilidades são múltiplas”. A obra de Michel Foucault (1997) apresenta algumas contribuições iniciais para compreendermos a produção de sujeitos a partir da sexualidade, pois o autor mostra as estratégias de dominação. A partir de sua obra, outros estudos foram desenvolvidos levando em conta os postulados básicos da articulação entre os dispositivos de saber e de poder, no interior dos quais ocorrer os processos de subjetivação. Nesse sentido, Bento (2012) discute tipos de masculinidades e como a partir de vários outros contextos são evidenciados aspectos que deterioram a

masculinidade hegemônica. Os estudos de Bento postulam que a masculinidade está interligada a um movimento de relações subjetivas a serem vivenciadas por cada sujeito, não havendo uma única maneira de tornar-se homem. Connell (1987) sustenta que a masculinidade hegemônica nada mais é que a aplicação de um conceito de masculinidade a vários tipos de masculinidades – característica que, como veremos, emerge nos discursos por nós analisados. Albuquerque Júnior (2013), em sua pesquisa arqueológica sobre a invenção da figura do macho nordestino, reflete, dentre outras questões, sobre as relações entre o tradicional e o moderno, entre os espaços do sertão e o urbano, e como as questões de gênero emergem nesse contexto. O autor refere-se à construção de um macho nordestino, configurado pelas rédeas do patriarcado. Denuncia, além disso, as conexões entre verdade, saber e poder, admitindo o gênero como produto de várias relações, que assume formas diversas na constituição de cada indivíduo. Masculinidades e o ambiente familiar: Antônio morava na zona rural, em sítios na sua infância, numa casa de taipa com seis cômodos suas brincadeiras de criança foram sempre com meninas e meninos brincando juntos. Na frente da casa de Samuel tinha um jardim muito bonito, a sua avó toda a vida gostou de plantas, na frente tinha esse jardim que era uma cerquinha de madeira, a casa era uma casa de taipa, mas toda rebocada por dentro, o seu avô tinha esse cuidado para prevenir dos insetos, era revestida, era composta, como ele era comerciante também além de ser agricultor, ele tinha uma barraquinha na feira, então tinha um quartinho na frente onde ele guardava, tinha um quartinho com uma sala, dois quartos, uma sala de jantar, uma sala de estar e uma cozinha com uma dispensa, além disso, uma cozinha com dispensa onde sua avó guardava. Na casa de Roberto tinha uma garagem grande, um portão onde ele ficava a maior parte do tempo, tinha cozinha, os banheiros e os quartos. Inclusive, ele dormia no quarto desse tio e teve uma época que ele o tirou do quarto. Ele passei a dormir no colchão no chão na sala. E tinha o quarto dos seus avós, tinha uma salinha com cerâmica bem antiga. E assim, ele passou a maior parte do tempo na garagem ou na calçada brincando com seus amigos. Era onde ele passava a maior parte do tempo. Foi onde ele se divertia mais, de onde ele carrega as melhores lembranças. Durante sua infância conviveu com seus avós, uma tia e um tio relata que sofria agressões verbais e físicas de seu tio - o que o fez crescer revoltado com a vida, diz ele: “Eu tive uma dificuldade em estabelecer o que era família foi criado como eu já vós e fugir um pouco da tradição, porque eu consigo tradicional e a família pai mãe e filho que vende uma tradição”. Além disso revela que sobre as violências que sofreu do seu tio, ele sempre

procurava recorrer para seu avô, mas ele passava a maioria do tempo trabalhando, só resta refletir que em meio a esse contexto de violência não havia espaço para sensibilidade. Roberto descreve suas memórias falando sobre os seus desenhos favoritos; Cavaleiros do Zodíaco e Dragon Ball Z. Além de ter esses desenhos como referência na construção de sua identidade masculina, Roberto sofreu fortes e negativas influências do seu contexto familiar. Para a Constituição da sua concepção sobre homem sobre o exercício da masculinidade: primeiro que era chamado de viado todas as vezes que era xingado pelo seu tio, o que o fez enxergar o homossexual como alvo de tudo que fosse de ruim. “Como algo ruim porque estava atribuído como um momento de raiva”. É perceptível nos relatos certa carência advinda da falta dos pais. Há uma associação desses vazios à um processo de sofrimento. Ao enfatizar essa ausência na sua criação, Antônio diz: “não me sentia bem”. Já Samuel demonstra esse sofrimento em diferentes momentos da entrevista: “eu fiquei com meus avós na comunidade, e assim, sentia falta como toda criança sente falta de pai e mãe”; “chegava à festa das mães e eu não via a minha mãe, chegava à festa dos pais e eu não via meu pai”. Similarmente, Roberto demonstra sofrimento ao dizer: “minha mãe sempre foi muito distante por muito tempo e eu cresci meio revoltado da vida”. Antônio, desde cedo, não tem a figura do pai e é criado entre quatro irmãos homens; Samuel e Roberto, ambos criados por seus avós, compartilham ainda um contexto espaço-temporal peculiar: o do campo. Os responsáveis, sobretudo os homens, dedicavam muito tempo ao trabalho com a roça e pouco a outros deveres, inclusive a atenção aos filhos e netos. Em seus relatos, notamos não só a ausência das figuras masculinas no espaço doméstico, mas a falta de espaço para a sensibilidade. Nessa perspectiva, a formação da masculinidade está em tensão constante com o discurso do machismo, o qual se concretiza a partir de fatores históricos e culturais reproduzidos e pré-existentes ao sujeito e organiza e hierarquiza as relações entre os gêneros. Ainda sobre o machismo, no documentário, uma das participantes fala que ele se manifesta de forma direta ou indiretamente, muita das vezes escondido pelas sutilezas, mas não menos violento que outras versões. Essa sutileza se mostra nos sujeitos entrevistados, quando se referem a “ajudar” nas tarefas domésticas, por exemplo. Entre uma expressão e outra, esse termo aparece, levando-nos a crer que eles não reconhecem estas atribuições como sendo deles também. Masculinidades e educação escolar: Não raro, é na escola que acontece, mais ou menos veladamente, a reprodução do machismo e a fabricação das diferenças pela escolarização dos corpos e das mentes Louro, (1997). Nela se

mantém e se defende a divisão de gênero em praticamente em todos os aspectos: maneiras de se comportar em diferentes situações, forma de andar, de falar, de vestir, atitudes. Uma cena do documentário Precisamos falar com os homens é significativa nesse contexto. Num determinado momento, o professor mediador do debate solicita que os alunos registrem, sem expor o nome, algum sentimento que estejam experimentando, algo que eles gostariam de expressar, mas não conseguiam. Os sentimentos revelados foram: carinho/afeto, carinho/liberdade, amor/afeto sensibilidade e nada. É relevante notar como esses dados coincidem com os relatos das nossas entrevistas, mostrando os atravessamentos dos discursos e das subjetividades. Enquanto Antônio diz: “quando eu estava triste eu procurava minha família”, Samuel e Roberto afirmam, respectivamente, “sempre quando eu estou triste estou cansado ou com algum problema eu sempre procuro uma área no máximo que esteja só eu” e “eu chorava escondido [...]. Realmente, quando eu era mais novo, tinha muito a questão mesmo não chorar”. Verifica-se, assim, o esforço para não tornar visível o próprio sofrimento e vulnerabilidade. As evidências no documentário e nos relatos sobre a carência afetiva estão relacionadas diretamente com o modo como os homens lidam com os próprios corpos: estes são mórbidos, parecem estar sempre evitando o contato físico com outros sujeitos – principalmente com outros homens. Não experimentam os benefícios de um abraço e, por consequência, as contribuições do compartilhamento afetivo para a sua própria formação. Nesse sentido, apesar da afirmativa de Antônio de que tinha em quem se amparar nos momentos de tristeza, quando perguntado sobre as questões sobre como ele descobriu seu corpo, o que ele poderia dizer sobre as suas memórias e sobre a própria masculinidade, as respostas, em sua maioria, foram bastante sintéticas e/ou lacunares: “nada porque eu nunca mudei, sempre fui essa pessoa que eu sou”. Em seguida foi feita outra pergunta na esperança de tentar prolongar a discussão: “você tinha colegas que querendo ou não te influenciaram ‘não faça isso porque você é um homem’?” A resposta foi: “não. Nunca tive isso na escola”. O silêncio é um dado muito relevante na conversa com esse entrevistado. Nesse contexto, houve mais perguntas reformuladas, na tentativa de obter outras respostas: “Então você não tem nenhuma memória de distinção entre homem e mulher”? Antônio diz que não. No intuito de, ainda obter informações acerca das memórias escolares e como isso pôde ter influenciado na sua masculinidade, como a questão do preconceito supostamente possa ter causado tristeza e sentimento de inferioridade, a resposta foi surpreendente. A fala de Antônio transparece forte relação com a sua identidade etnicorracial.

Quando se é mulher, negro, pobre ou LGBT, a estratégia de ser “o melhor aluno possível” exige um enorme dispêndio de energia para tentar “compensar” o fato de ser mulher, negro, gay etc. Em consonância com esta análise, no documentário, Aline Ramos relata que, por ser mulher negra, deve realizar trabalhos em dobro, sempre lhe é cobrado mais - sem falar nas frequentes situações de preconceito racial nos mais variados espaços. Masculinidades e a escolha pela docência: Sabe-se que a profissão docente é majoritariamente ocupada por mulheres. Isso se deve a um processo cultural sobre como as atividades foram se disseminando a partir de concepções de gênero. Através da articulação da história da vida familiar e escolar, conseguiu-se diagnosticar fatores relevantes os quais teceram, de certo modo, os fios que construíram o caminho da escolha feita por esses sujeitos pela docência: Antônio carrega memórias de bastante entusiasmo e satisfação de suas vivências no espaço escolar. Pelo menos por três vezes afirma ter sido um aluno exemplar, que sempre se relacionou muito bem com todos os professores, fossem eles homens ou mulheres. Isso pôde ter motivado à sua segunda profissão: a docência. A convivência prazerosa com mestres e colegas, o rendimento escolar impecável, parece tê-lo influenciado, de modo que ele passa a perceber seus professores como exemplos a serem seguidos. Ainda sobre a escolha da docência por Antônio, é importante dizer que a sua esposa, que é professora, foi um exemplo importante para ele. Além disso, ela o incentivava a fazer cursos de licenciatura, tal incentivo se dava pelo jeito descontraído e bem humorado, popular - características que formam a subjetividade de Antônio. Nessa direção, ele afirma: “na minha outra profissão eu sempre gostei de interagir com o público. Eu entrei na Polícia Militar em um ano e no outro ano passei para outro curso, eu dava aula também quando eu ia fazer curso”. Desde cedo, Samuel parece ter sido influenciado pelo trabalho com o seu avô no que concerne à escolha pela docência: “Ele levava a gente, ia e chamava ensinava e a gente ia porque tinha muito interesse em aprender alguma coisa”. Mais à frente, Samuel diz que acha o trabalho da roça um serviço humilhante e desvalorizado, acrescentando que apresentava dificuldades com a escola devido à dislexia. Diante da angústia sobre o futuro que lhe aguardava - a agricultura - e ter dislexia, ele se refugia na educação. O mais interessante é ele achar que educação não era “o forte” dele, mas no fim das contas se tornou professor. Ademais, diz ter “fugido do campo”, mas mora e exerce a docência no campo, além de fazer uma licenciatura em Educação do Campo. Das dificuldades por ser professor, além da dislexia, Samuel falou: “mas eu sempre sofri, sempre sofri. Eu costumo dizer o seguinte: eu

tenho que fazer da melhor forma, agora reconheço que tem limitações. Claro, a mulher, como dizia meu avô, a mulher tem dons, a mulher é um ser divino é uma coisa que merece nosso respeito. O homem não consegue ser tão sensível quanto a mulher”. Percebe-se que no excerto acima ele manifesta os estereótipos de gênero sobre o feminino, concepções presentes no senso comum. Quanto ao entrevistado Roberto, de início é válido relatar uma cena das suas memórias escolares, ao ser questionado acerca da possível diferença de tratamento na sua interação com docentes homens e mulheres: “Cara! Eu com minhas professoras era normal, o tratamento era normal, eu senti até mais facilidade de chegar nelas, né ?! Nas mulheres... com homem era mais resistente mesmo até porque os homens tinham cara de durão demais. O cara pergunta e o professor fala: ‘seu burro!’ Aquilo me envergonhou eu fiquei muito tempo travado sem querer perguntar”. Conclusão: Com este trabalho, propusemo-nos compreender os processos de subjetivação vivenciados por homens que exercem a docência na Educação de Jovens e Adultos. Identificamos os motivos que os levaram a optar pela docência: Percebemos que esses motivos se derivam das influências do campo familiar, no caso de Samuel que relata relações de ensino aprendizagem com seu avô, no caso de Antônio, influências advindas da família também e do campo profissional civil, já Roberto, na fase acadêmica tendo como referência um professor. Investigamos também os desafios por eles enfrentados no cotidiano docente: É possível dizer desse objetivo que os docentes passam obstáculos na sua prática docente no aspecto da divisão de gênero, perceptível quando Samuel diz que na escola em que atua as mulheres se juntam para desempenhar determinadas atividades. Antônio aponta a questão do trabalho com a sexualidade e Roberto também quando fala que dos casos de professores que se envolvem com alunas. Visibilizamos as tensões subjetivas provocadas pelo machismo e pela masculinidade hegemônica: Acerca desse objetivo, encontramos os impactos da identidade de cada sujeito articulados à discursos sobre masculinidade, isto é, dentro de cada um dos seus contextos, a transparência de concepções hegemônicas sobre gênero. Assim, é válido dizer que este trabalho contribuiu para a compreensão acerca do caráter construído da masculinidade, eliminando a visão ideológica de que as relações de gênero consistem em conceber aos sujeitos comportamentos determinados a partir do seu sexo biológico. Além do conhecimento de que o gênero é algo relativo em cada indivíduo, considerando sua história, suas experiências, é possível quebrar as forças do preconceito, tratando de assuntos realmente pertinentes para uma sociedade

igualitária, humana, e para uma formação de professores da EJA adequada à sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Gênero. Docência. Masculinidade. Subjetivação.

MEU FUÁ TEM PODER: CORPOS NEGROS NA LUTA ANTIRRACISTA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO (IFPA-CAMPUS BELÉM)

Shirlene do Socorro Coelho Santos
Instituto Federal do Pará
shirleneufpa@hotmail.com

Natália Conceição Silva Barros Cavalcanti
Instituto Federal do Pará

Trata-se de pesquisa-ação desenvolvida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA Campus Belém, com estudantes do Ensino Médio Integrado. A partir das memórias de dor e sofrimento da juventude em torno da estética do corpo negro, particularmente dos estereótipos sobre o cabelo crespo, colaborativamente organizamos um desfile de beleza e produzimos um documentário (produto educativo), tendo por objetivo apresentar aos estudantes os pressupostos da educação antirracista, bem como construir estratégias educativas para ressignificar o conceito de beleza. Os produtos dessa pesquisa são a realização do evento (Desfile), a roteirização do desfile e o que chamamos de desdobramento, que foi a elaboração de um documentário encenado por atores, cujo texto principal foi inspirado nas respostas dadas pelos estudantes nas fichas de inscrição, nos relatos no dia do desfile e em publicações nas redes sociais dos participantes. A pesquisa transita entre a experiência pessoal da sala de aula e o diálogo teórico- metodológico com as bases conceituais da educação profissional e tecnológica.

Palavras-chave: Educação Antirracista. Ensino Médio Integrado. Memória. Corpo.

PERCEÇÃO DE GRADUANDOS USUÁRIOS DE MACONHA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O USO DA DROGA E SEU DESEMPENHO ACADÊMICO

Thiago José Ferreira de Sousa
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
thiagojfsousa@hotmail.com

Debora Lana Alves Monteiro
Universidade Estadual da Paraíba
a.deboralana@gmail.com

O uso de maconha foi muito discutido na imprensa nos anos 50, por meio da qual o usuário de cannabis era taxado de “vagabundo” e de “doente mental” pelos médicos. Essas representações contribuíram de forma significativa na forma como a sociedade enxerga o uso da maconha. Cerca de 70 anos depois, mais especificamente em 2019, discursos que rotulam alunos de Universidades Públicas e Institutos Federais de “maconheiros” têm-se intensificado nas redes sociais e na mídia em geral. Tais manifestações se configuram como tentativa de desqualificar as instituições públicas de ensino superior e justificar o corte de verbas anunciado pelo Ministério da Educação naquele ano. Tendo em vista a problemática acerca dos discursos preconceituosos direcionados aos estudantes usuários de maconha, buscamos dar voz a esses sujeitos por meio deste estudo, “assumindo o papel clássico do antropólogo como mediador e tradutor de culturas” (MACRAE; SIMOES, 2016). Destarte, o objetivo deste estudo foi compreender a percepção de graduandos usuários de maconha sobre a relação entre uso da droga e desempenho acadêmico. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, realizado a partir de entrevistas semiestruturadas e grupos focais. Participaram do estudo, graduandos usuários regulares de maconha com idade entre 18 e 30 anos. Cabe ressaltar que a realização de um estudo que envolve a questão polêmica do consumo de drogas ilícitas não é simples. Por isso, foi de suma importância a definição prévia da amostra: a amostragem por bola de neve, que consiste em uma amostragem não-probabilística, com cadeia de referências, onde os participantes não são escolhidos aleatoriamente, mas sim, por meio de indicações de outros participantes. Seguimos nesse percurso metodológico até observar a saturação das informações. Escolhemos a Análise de Conteúdo de Bardin (2011) de

forma a melhor organizar e expor as informações coletadas. A totalidade do material produzido por meio das entrevistas e grupos focais resultou em duas categorias principais: 1. O uso não afeta negativamente o rendimento acadêmico, e 2. O uso afeta negativamente o rendimento acadêmico; relacionadas a percepção acerca da relação entre o uso de maconha e o desempenho acadêmico, principalmente pela recorrência das mesmas. A partir da análise dos enunciados constatou-se que alguns dos graduandos usuários de cannabis, em meio a controles informais, utilizam estratégias para mesclar tempo de uso e tempo de estudo, outros preferem se abster totalmente do uso de cannabis enquanto estudam, outros afirmam que o seu desempenho acadêmico melhora sob o efeito da droga. Este estudo contribui para lançar luz sobre um problema de pesquisa pouco abordado, mas muito atual. Dado o exposto, enfatiza-se a necessidade da realização de estudos que deem voz a grupos minoritários, buscando entender a partir do ponto de vista dos pesquisados, os traços da sua cultura, suas percepções de mundo e suas práticas.

Palavras-chave: Uso de Maconha. Graduandos. Desempenho Acadêmico.

DO ASSENTAMENTO AO SONHO: A HISTÓRIA SOBRE COMO UMA MULHER DO CAMPO PODE GANHAR O MUNDO POR MEIO DA EDUCAÇÃO

Rhayara Lira de Souza
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
lira.rhayara@escolar.ifrn.edu.br

Francinaide de Lima Nascimento
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
francinaide.silva@escolar.ifrn.edu.br

Ser mulher do campo significa conviver diariamente com algumas das principais heranças coloniais radicadas no Brasil, como as consequências do Patriarcalismo e as desigualdades de uma divisão de terras baseada no Latifúndio monocultor e elitista. Ser mulher do campo é vivenciar opressões sistemáticas e hierarquizadas. Mas ser mulher do campo é também conservar as tradições das nossas ancestrais, compartilhar o imenso valor do poder de grupo e entender humanamente o significado da palavra comunidade. Ser mulher do campo é ser de resistência e luta e ter sua vida revolucionada pela educação. Mas qual espaço a história destinou para que esse relato fosse contado? Muitos foram os espaços e direitos sociais negados institucionalmente a esse grupo, bem como a voz e a representatividade de suas memórias. A partir do entendimento da necessidade de ouvirmos e protagonizarmos essas vozes, o presente resumo é uma iniciativa frutificada a partir do trabalho de pesquisa (em fase inicial) realizado em conjunto com as professoras Francinaide de Lima Nascimento (IFRN) e Sara Amorim (UERN) sobre as mulheres camponesas e o poder transformador e revolucionário da educação em suas vidas, na construção de suas trajetórias, e, conseqüentemente, de suas memórias. Baseando-se nos exemplos de um grupo de mulheres que teve suas vidas desenhadas pelo trabalho, pela agricultura familiar e pela vivência nos assentamentos do estado do Rio Grande do Norte, de uma sondagem de suas condições sociais e das interferências do IFRN e da experiência educacional transformadora proporcionada pela instituição em suas vidas, por meio da aplicação de entrevistas, está sendo construído o registro escrito desse processo. O presente trabalho propõe trazer a público parte da história da primeira delas, embasando-se teoricamente na obra problematizadora do trabalho feminino da filósofa e

feminista Silvia Federeci, na Educação Libertadora de Paulo Freire e da conceituação de memória proposta pelo historiador francês Jacques Le Goff. Em suma, o trabalho sobre o qual nos debruçamos faz jus à visibilidade necessária a um grupo historicamente destacado no cenário de luta por direitos políticos e sociais, que encontrou na força de grupo e do trabalho suas próprias formas de coesão social e que merece ocupar os mais variados espaços de representatividade, a começar pelo registro de suas memórias, ao que aqui nos propomos a apresentar metodologicamente por meio de pesquisa qualitativa, baseando-se na realização de entrevistas individuais com o intuito de captar as vivências das mulheres do campo em seus registros orais e afetivos, relacionando o material obtido com a bibliografia selecionada e posterior escrita de capítulo de livro a ser publicado pela Editora do IFRN.

Palavras-chave: Mulheres. Campo. Memória. Educação Profissional. Revolução.

5.

ST 05 – NÚCLEOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: ESTRATÉGIAS E RESISTÊNCIAS

COORDENAÇÃO

Daniela Torres (IFPE)

E-mail: danielatorres@recife.ifpe.edu.br

Socorro Silva (IFRN)

E-mail: socorro.silva@ifrn.edu.br

MEDIAÇÃO

Natasha Nogueira (Egressa IFPA)

APRESENTAÇÃO DO SIMPÓSIO TEMÁTICO

O objetivo deste Simpósio é favorecer o compartilhamento de experiências entre integrantes do Núcleos de Gênero e Diversidade dos Institutos Federais de

Educação do país/norte nordeste e pesquisadores (as) da área de gênero, diversidade e educação. Os NEGEDS são uma estratégia teórica e metodológica importante para mudança dos currículos e de práticas educativas da educação profissional no tocante às questões de gênero, raça, etnia e diversidade. Com isso, pretendemos oportunizar um espaço de partilhas de saberes e conhecimentos e de ideias, a partir das discussões de problemáticas e proposição de soluções produzidas coletivas.

Palavras-chave: NEGED; gênero; EPT; diversidade.

LINGUAGEM E DISCURSO: A EXPERIÊNCIA DO NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, APRENDIZAGENS E SABERES – NEGRAS (2015-2020)

Ady Canário de Souza Estevão
Universidade Federal Rural do Semi-Árido-UFERSA
adycanário@ufersa.edu.br

Auristela Crisanto da Cunha
Universidade Federal Rural do Semi-Árido-UFERSA
auristela@ufersa.edu.br

Este trabalho tem por objetivo socializar a experiência do Núcleo de Estudos de Gênero, Relações Étnico-Raciais, Aprendizagens e Saberes (NEGRAS), da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), campus sede Mossoró, entidade autônoma, de caráter social e educativo, composto por estudantes, professores da universidade e escolas e outras pessoas interessadas na temática da diversidade. Intenta-se fazer um balanço das atividades realizadas pelo Núcleo entre 2015-2020, no que se refere à formação, pesquisa e extensão referentes às mulheres negras na universidade e em diálogo com as comunidades. Adotamos os pressupostos teórico e metodológicos do Estudos da Linguagem e da Educação, especialmente da Análise do Discurso (AD) em Michel Pêcheux e Michel Foucault, dos estudos das relações étnico-raciais em Nilma Lino Gomes e de letramentos de (re)existência em Ana Lúcia Silva Souza, entre outros autores/as que discutem as práticas sociais antirracistas. Dentro de uma abordagem interpretativa e qualitativa, no viés discursivo, os resultados apontam para o empoderamento feminino negro e iniciação de comunidades populares no ensino, pesquisa e extensão, sobretudo de mulheres negras, a partir do curso de graduação da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, quilombolas, do campo, da periferia, assentadas da reforma agrária, em todas as duas diversidades. Concluímos que, a experiência do NEGRAS vem contribuindo para a construção de projetos em prol da promoção da equidade racial para a população negra, bem como a educação das relações étnico-raciais.

Palavras-chave: Linguagem; Discurso; Educação; Mulheres Negras.

E SE MARIE CURIE FOSSE NEGRA?

Elisson Lima Santos
Universidade Federal de Sergipe
1999elissonlima@gmail.com

Fernanda Amorim Accorsi
Universidade Federal de Sergipe
accorsifer@gmail.com

As ciências foram constituídas histórica, social e epistemologicamente como atividades androcêntricas, brancas e eurocentradas, negando e invisibilizando tanto a mulher, quanto o povo negro e não europeus em seu desenvolvimento e atividades (SARDENBERG, 2002; RIBEIRO, 2019). Algumas figuras conseguiram ludibriar tais normas hegemônicas das ciências como a polonesa Marie Curie, vencedora, respectivamente, do Nobel de Física em 1903 e de Química em 1911 (STRATHERN, 2000). Por mais que tenha contribuído para o rompimento sistêmico da ideia de que as ciências não eram para as mulheres, Marie possuía privilégios de raça e etnia, afinal, era uma mulher branca e europeia. Portanto, o que aconteceria se Marie Curie fosse negra? A referida questão pode descortinar o apagamento histórico e epistemológico de mulheres negras, que são duplamente atingidas pelas normativas androcêntricas e raciais nas ciências, refletindo sobre a sua representatividade. É preciso saber que a Ciência Moderna é fundamentada em normatividades biológicas e em dualidades como, mente/corpo, razão/emoção, ativo/passivo e homem/natureza, das quais, histórica e socialmente, os primeiros se referem ao homem com um ideal de regedor, enquanto os segundos se referem à mulher, ideologicamente, como submissa, não podendo, assim, fazer ciências (SARDENBERG, 2002; ALBUQUERQUE, 2006; RIBEIRO, 2019). Logo, sendo a ciência um lócus de dominação do homem sobre a natureza, jamais a mulher poderia estar no espaço de cientista, pois a ela é atribuído o sentido de natureza (ALBUQUERQUE, 2006). Todavia, “a luta, digamos que hegemônica em sua configuração histórica representada por mulheres brancas, nunca representou a história das mulheres negras: invisibilizadas por serem negras e mulheres” (RIBEIRO, 2019, p. 31). Nesse contexto, proponho como estratégia de resistência pedagógica o trabalho com a história de mulheres negras nas ciências como, as físicas Katherine Johnson, Shirley

Ann Jackson, Sônia Guimarães e Katemari Rosa, além das químicas Alice Augusta Ball e Marie Maynard Daly (MORAIS e SANTOS, 2019; SILVA e PINHEIRO, 2019) para que as mulheres negras que integram ou queiram integrar as áreas científicas se vejam representadas, assim, desestruturando as redes hegemônicas de opressão de gênero e racial. Posso afirmar que “quem possui privilégio social possui privilégio epistêmico” (RIBEIRO, 2019, p. 33), por isso, as mulheres foram excluídas das ciências. Ademais, contar a história das contribuições científicas de Marie Curie é importante para evidenciar uma história diferente daquela que nos foi dita e escrita por homens. No entanto, ela não representa todas as mulheres devido às questões étnico-raciais. Dessa forma, questionar a branquitude de Marie pode revelar o duplo apagamento histórico e sociocultural que as mulheres negras foram/são submetidas, bem como buscar ressaltar as histórias não contadas de importantes nomes das ciências, que foram invisibilizados por serem mulheres e/ou negras.

Palavras-chave: Mulher na Ciência. Mulher Negra. Apagamento Cultural. Representatividade.

POLÍTICAS DE INCLUSÃO E DIVERSIDADE NO INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE

Fabio Castanheira
Instituto Federal Catarinense campus Camboriú
fabio.castanheira@ifc.edu.br

Leonardo Caparroz Cangussu
Instituto Federal Catarinense campus Camboriú
leonardo.cangussu@ifc.edu.br

Pensar em políticas que discutam as relações de gênero e diversidade e promovam a inclusão de todos no âmbito da educação brasileira e, neste caso específico, na Rede Federal, é compromisso que deve ser assumido por gestores e servidores no combate a exclusão e o silenciamento. Nesse contexto, inicia-se em 2018 as discussões para a criação das Políticas de Inclusão e Diversidade do Instituto Federal Catarinense (IFC). Para isso, um grupo de trabalho foi constituído resultando na aprovação dessas políticas em dezembro de 2019. Objetivo: Discutir e criar propostas de políticas de inclusão e diversidade no âmbito da Rede Federal de Educação Científica e Tecnológica. Metodologia: Em 2017 foi realizado levantamento das demandas institucionais sobre inclusão e diversidade, a partir de experiências observadas por servidores do IFC. Em 2018 houve o acolhimento das demandas pela reitoria assim como a identificação e convite de profissionais pesquisadores da área para composição de grupo de trabalho (GT) além de representantes da Pró-reitoria de ensino (PROEN) para discussão e criação das políticas. Foram realizadas reuniões periódicas do GT em 2018/2019 para constituir documento norteador sobre as temáticas de inclusão e diversidade no âmbito do IFC. Resultado e conclusão: Como resultado do trabalho do GT, foi elaborada a minuta da resolução que institui as políticas e que, após tramitar pelas instâncias superiores, a mesma foi aprovada sem alterações resultando na resolução 033/2019, que pode ser consultada na página oficial da instituição no endereço: <https://estudante.ifc.edu.br/2019/09/18/politica-de-inclusao-e-diversidade-do-instituto-federal-catarinense/> A partir da institucionalização dessas políticas, os campi constituíram os núcleos inclusivos e de diversidade que encontram-se atualmente em seu primeiro ano de atividades e implementação. Espera-

se a partir do acompanhamento dos trabalhos dos núcleos promover uma instituição cada vez mais inclusiva e diversa.

Palavras-chave: Inclusão, Diversidade, Políticas Institucionais.

PERFORMANCES E POÉTICAS DO CORPO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Heleniara Amorim Moura
Instituto Federal de Minas Gerais
heleniara.moura@ifmg.edu.br

Heloísa de Souza Rocha
Instituto Federal de Minas Gerais
heloisarocha2003@gmail.com

Luciana Baêta Silva
Instituto Federal de Minas Gerais
lucianabaetasilva@hotmail.com

Marie Luce Tavares
Instituto Federal de Minas Gerais
marie.tavares@ifmg.edu.br

Mônica de Freitas
Instituto Federal de Minas Gerais
monica.freitas@ifmg.edu.br

Paloma Fernanda Sabino Tavares
Instituto Federal de Minas Gerais
palomafernandastavares@gmail.com

Este projeto nasceu no chão da escola, ao observarmos esse espaço profundamente modificado por estudantes que, em 2019, idealizaram um coletivo de mulheres, auto-organizado, composto por alunas, professoras e servidoras que buscavam ocupar e construir seu lugar, reivindicando os direitos e as demandas das mulheres. A criação do Coletivo Matriciarias no IFMG - Campus Ouro Branco realizou uma mudança significativa na abordagem à questão de gênero, tensionada no ambiente acadêmico do instituto, especialmente, pela forma de ação do grupo: intervenções artísticas por meio da música, da poesia e da dança, além de oficinas, palestras e rodas de conversa dentro e fora do ambiente escolar, envolvendo mulheres num círculo em que a arte é instrumento de luta e de cura. A partir desses processos e na interação com os debates propostos pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça/Etnia e

Sexualidade (NEPGRES), houve a necessidade de pesquisar o tema mais profundamente, estabelecendo critérios de análise e observação, não apenas dos processos de criação, como também da recepção das performances artísticas criadas. Em, 2020, o projeto Performances e poéticas do corpo: mulheres em versos tem se voltado para o estudo de conceitos como o feminismo, a interseccionalidade, a performance e a poesia. Como são conceitos complexos, a prática artística se apresentaria como ferramenta cognitiva de uma aprendizagem a partir do corpo e da experiência da recepção. Com a incidência da pandemia COVID19 e com o isolamento social, o projeto foi impactado pela ausência do corpo físico e os encontros têm sido mediados por tecnologias que nos aproximam e distanciam. Entre perdas e ganhos, a pesquisa voltou-se para esses novos contextos de produção das performances desses “corpos poéticos” em cena digital. Nesse sentido, o projeto realizou encontros com performers e coletivos que têm também repensado sua prática artística. Além disso, coube-nos analisar a própria prática artística do Coletivo Matricarias e os processos de compreensão da performance em outro contexto de produção. Do isolamento, surgiram outras formas de compreensão do feminino, num olhar para os interiores e o espaço privado. A performance dos corpos em telas digitais realizou-se na proximidade dessas mulheres que, juntas, pensam suas trajetórias, influências e inspirações, não apenas em processos artísticos autorais de poesia e fotografia, como também na análise de músicas, pinturas e performances de diversas artistas que fazem parte da construção identitária das componentes do Coletivo. Entre versos e canções, pinturas e fotografias, há a busca da construção de uma poética coletiva em tempos de pandemia, como forma de resistência e cura.

Palavras-chave: Performance. Poéticas do Corpo. Gênero; Poesia. Artes Visuais.

ESTUDO DE RELAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO À ESTEREÓTIPOS

Ieda Fraga Santos
Instituto Federal de Sergipe
iedafragaufs@gmail.com

Elza Ferreira Santos
Instituto Federal de Sergipe
elza.ferreira@ifs.edu.br

Este trabalho deriva de estudos que envolvem Educação Profissional e Tecnológica e relações de gênero. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e participante que buscou compreender qual a percepção das/os estudantes do 2º ano do Ensino Médio Integrado em Eletrônica do Instituto Federal de Sergipe (IFS), Campus Aracaju quanto aos estereótipos e preconceitos de gênero que permeiam esse espaço escolar e como essas relações refletem no mundo do trabalho. Essa investigação se insere no grupo pesquisa Educação Profissional e Tecnológica do IFS e foi articulada durante o processo que culminou na dissertação desenvolvida no mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica em 2019. Com o intuito de desenvolver estratégias de enfrentamento contra a desigualdade de gênero nas carreiras e nas profissões, apresentamos à comunidade acadêmica: CieM (Ciência e Mulheres), um jogo digital lúdico pedagógico; e o Caderno Pedagógico – “Mulheres entre Ciência e Arte”. A pesquisa contou com a participação de estudantes e docentes do segundo ano do ensino médio Integrado de Eletrônica do Campus Aracaju do Instituto Federal de Sergipe (IFS). Além disso, houve o apoio, por meio de uma bolsa, da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC/SE). Propomos um diálogo entre as abordagens qualitativa e quantitativa; como método, fizemos uso da Pesquisa Participante; e as técnicas de coleta de dados utilizadas foram: a pesquisa bibliográfica a observação participante, com anotações de caderno de campo e questionário. Os dados qualitativos foram analisados segundo a análise de conteúdo proposta por Bauer (2007) e Bardin (2011). Já a sistematização quantitativa dos dados foi feita por meio do programa Excel com a elaboração de tabelas que propiciaram sua análise. Os resultados demonstram que é preciso desconstruir estereótipos de

gênero e quebrar com preconceitos que estão cristalizados na sociedade e são produzidos e reproduzidos nos diversos locais pedagógicos – dentre os quais, a família, a escola, a mídia e instituições sociais diversas. Espera-se que essas produções possam transmitir conhecimento em tomo das trajetórias das cientistas e artista bem como defender a formação pedagógica que priorize o respeito e a equidade de gênero.

Palavras-chave: Educação Profissional. Relações de Gênero. Equidade. Jogo digital. Caderno Pedagógico.

UMA NARRATIVA HISTORIOGRÁFICA SOBRE O NÚCLEO DE GÊNERO E DIVERSIDADE DO IFPE CAMPUS BELO JARDIM

Ivanildo Alves de Lima Júnior
Instituto Federal De Pernambuco
ivanlimajr@hotmail.com

Bernardina Santos Araújo de Sousa
Instituto Federal De Pernambuco
bernardina.araujo@belojardim.ifpe.edu.br

Este trabalho representa um fragmento da pesquisa de mestrado, realizada por mim, acompanhada por minha orientadora, vinculada ao ProfEPT, em fase de conclusão. Propõe-se a apresentar o Núcleo de Gênero e Diversidade (NEGED) do IFPE Campus Belo Jardim, numa perspectiva historiográfica. Para atender a essa finalidade tomou-se como referência o corpus documental que trata da criação e atuação do referido núcleo. O acesso a esse acervo se deu a partir do site institucional, redes sociais, documentação interna disponibilizada pela Pró-reitoria de Extensão e pelo próprio NEGED. No âmbito o IFPE, a gênese do núcleo se dá em 2009 quando da participação da instituição no Prêmio Naíde Teodósio de Estudos de Gênero, cujo objetivo é fortalecer e estimular a produção crítica de conhecimentos sobre relações de gênero, contemplando as dimensões de classe social, raça, etnia, geração e orientação sexual das mulheres em Pernambuco (FACEPE, 2019). Assim sendo, elaborou-se uma minuta de criação dos núcleos de gênero e diversidade em 2016. O texto define a organização, o funcionamento e as atribuições do Núcleo de Estudos Gênero e Diversidade. O NEGED é definido como um núcleo interdisciplinar que como objetivo promover, planejar e executar ações referentes às temáticas de Gênero e Diversidade, propiciando a formação de uma consciência crítica a respeito dessas relações. Entre 2016 e 2017 ocorreram alguns encontros para a realização de ajustes no regulamento. Em 2019, o documento foi enviado ao Conselho Superior da instituição para apreciação e aprovação. Entretanto, a anuência por parte do referido conselho não foi oficializada em publicação até o presente momento. No Campus Belo Jardim, as atividades do NEGED tiveram início em 03 de agosto de 2016, através da Portaria nº 183/2016. De 2017 até a atualidade, o NEGED vem protagonizando diversos eventos

envolvendo a temática Gênero e Diversidade Sexual. Dentre as atividades realizadas, destaca-se o Ciclo de Debates de Gênero do IFPE Campus Belo Jardim. Além disso, ressalta-se a sua atuação perante a comunidade externa, materializada na participação de docentes, técnicos e estudantes em audiências públicas promovidas pelas entidades governamentais e em outras ações. Os relatórios trazem registros sobre um notável campo de tensões gerado internamente, demarcado pelas diferentes orientações político-ideológicas que marcam esse campo conceitual. No atual contexto, envolvendo a COVID-19, os NEGEDs do IFPE encontraram nas reuniões virtuais um modo de oferecer suporte à comunidade acadêmica, realizando palestras, rodas de diálogo etc., a fim de debater Gênero e Diversidade Sexual, considerando o contexto em que estamos inseridos. Desse modo, concluímos que o NEGED presta uma valiosa contribuição no processo formativo e de inclusão de estudantes LGBTQIA+, sendo também agente de transformação da comunidade local rumo à superação de preconceitos.

Palavras-chave: NEGED IFPE. Covid-19. Inclusão de estudantes LGBTQIA+. Gênero e diversidade sexual.

“MULHERES SELVAGENS”: REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS DE SOFRIMENTO DE ESTUDANTES CAMPESINAS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Maria Clara do Nascimento
Instituto do Rio Grande do Norte
nascimento.clara@academico.ifrn.edu.br

Avelino Aldo de Lima Neto
Instituto do Rio Grande do Norte
avelino.lima@ifrn.edu.br

Este resumo apresenta o desenvolvimento de um Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Educação do Campo/Habilitação em Ciências Humanas e Sociais. A investigação em questão é um recorte do projeto de pesquisa Corpo, gênero e sexualidade na Educação Profissional: cenários epistemológicos e subjetivos (CNPq). Essa investigação afirma existirem poucas pesquisas acerca de experiências de sofrimento ligadas às questões de gênero, do corpo ou da sexualidade na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). No presente trabalho, objetiva-se compreender como as estudantes de Ensino Médio Integrado do IFRN/Campus Canguaretama experienciam sofrimentos relativos às questões de gênero. Para desenvolvimento e execução da pesquisa, foi empregada metodologia de natureza qualitativa. Enquanto estratégias de construção de dados, foram realizadas análise documental e entrevistas semiestruturadas, interpretadas a partir da Análise Textual Discursiva (ATD). A pesquisa se organizou em três fases: na primeira, foi realizado o estado da arte e revisão de literatura, processo feito através da verificação de trabalhos de cunho semelhantes. Na segunda fase, momento em que a investigação se encontra atualmente, procedeu-se à realização de entrevistas online através do WhatsApp e Skype. Após a transcrição das falas, recorreremos aos procedimentos da ATD e chegamos a três categorias principais: As violências na relação com o corpo; A sociabilidade juvenil e a percepção de si e o processo de autoconhecimento e o empoderamento juvenil. Pretende-se ao fim da pesquisa obter uma compreensão sobre esses sujeitos de modo que possam ser propostas políticas institucionais aptas a dar suporte a jovens mulheres camponesas que experienciam sofrimento na EPT, bem como contribuir para o campo epistemológico em questão.

Palavras-chave: Gênero, Juventudes do campo, Sofrimento, Ensino Médio Integrado, Corpo.

CURRÍCULO, GÊNERO E ESCOLA: A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Marie Luce Tavares
Instituto Federal de Minas Gerais
marie.tavares@ifmg.edu.br

Adriano Gonçalves da Silva
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
adriano@curvelo.cefetmg.br

Adilson Ribeiro de Oliveira
Instituto Federal de Minas Gerais
adilson.ribeiro@ifmg.edu.br

Arthur Cardoso Lana
Instituto Federal de Minas Gerais
arthurc.lana412@gmail.com

Ulisses Expedito Pereira Teodoro das Dores
Instituto Federal de Minas Gerais
ulisses0@gmail.com

Falar sobre as masculinidades perpassa questões urgentes que nossa sociedade precisa endereçar, como, por exemplo, o modo como a construção social da(s) masculinidade(s) tem condicionado o percurso escolar dos jovens. A instituição escolar é estruturada em bases hierárquicas de poder, local onde jovens relacionam-se cotidianamente, as identidades são construídas, reforçadas e sedimentadas, notadamente a identidade de gênero. Nesse sentido, o presente trabalho busca analisar a construção sobre as masculinidades no discurso de jovens do Ensino Médio Integrado no contexto da Educação Profissional Técnica e Tecnológica, identificando o modo como interpretam, contestam e/ou negociam os valores da masculinidade hegemônica. Para tanto, nesta pesquisa junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade (NEPGRES), buscamos suporte nos Estudos Culturais e nas Teorias Pós-Críticas na área da Educação, especificamente na discussão de currículo. O percurso metodológico compreende combinação da

pesquisa bibliográfica e de campo, considerando a elaboração de narrativas de si a partir da produção de textos. Os jovens, em sua diversidade, estão, cada vez mais, transpondo os seus muros, trazendo suas experiências e novos desafios para o espaço escolar. Dentre eles, uma questão central passa a ser as transformações que vêm ocorrendo nas formas desses jovens se constituírem como estudantes. Compreendemos que os sujeitos têm identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Neste sentido, enfatizamos que as construções acerca das masculinidades estão relacionadas às experiências de vida dos jovens, sendo imprescindível o diálogo e a participação ativa das/dos educadoras/es. Ademais, no que se refere às relações de gênero, a escola tem um enorme desafio pela frente.

Palavras-chave: Gênero; Masculinidades; Escola; Ensino Médio Integrado; Experiências.

DAS FOLHAS AO CORPO: POSSIBILIDADES DE UM OLHAR PARA SI

Heleniara Amorim Moura
Instituto Federal de Minas Gerais
heleniara.moura@ifmg.edu.br

Mônica de Freitas
Instituto Federal de Minas Gerais
monica.freitas@ifmg.edu.br

Luciana Baêta da Silva
Instituto Federal de Minas Gerais
lucianabaetasilva@hotmail.com

Heloísa de Souza Rocha
Instituto Federal de Minas Gerais
heloisarocha2003@gmail.com

Paloma Fernanda Tavares
Instituto Federal de Minas Gerais
palomafernandastavares@gmail.com

Compreendendo que o pessoal é político e que, portanto, as experiências individuais afetam e são afetadas por aquilo que acontece na esfera pública, o Coletivo Matriciarias (coletivo formado por alunas do Ensino Médio Integrado) parte da realidade de um não-lugar destinado às mulheres em todas as esferas da sociedade, e mais especificamente no ambiente escolar, buscando ocupar e construir seu lugar, recusando a marginalização dos corpos e das opiniões, dos direitos e das demandas para dentro do espaço do IFMG – Campus Ouro Branco. Com a atuação do coletivo e com as reflexões do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade (NEPGRES), percebemos a necessidade de reivindicar, via projeto de extensão, um espaço para a discussão da saúde das mulheres e das famílias. Assim, nasce o projeto de extensão Natureza Feminina: das folhas ao corpo, pelo qual buscamos por meio da interseccionalidade, entender as particularidades de cada mulher para compreender a luta em totalidade, em ações de resistências coletivas no enfrentamento ao sistema patriarcal-racista-capitalista, tendo o corpo como foco das discussões. A partir dessa experiência, este

trabalho objetiva analisar as representações das mulheres em relação ao corpo como território de resistência em meio aos atravessamentos com os saberes tradicionais. Para tanto, buscamos analisar as rodas de conversa realizadas pelo projeto de extensão através da análise de conteúdo das falas transcritas das participantes. As rodas de conversa realizadas buscaram conhecer e difundir as práticas da ginecologia natural e autônoma na interlocução com os saberes tradicionais e com as práticas sobre o uso terapêutico das plantas medicinais. Os encontros tem sido oportunidade de encontro com outras, consigo mesma e com o próprio corpo. É no encontro que se potencializa o entendimento do próprio corpo como território, e possibilidade de (r)existências. O projeto vem estabelecendo e fortalecendo elo entre o conhecimento dito popular e o científico na aproximação da academia e das mulheres das comunidades e instituições de ensino; mobilizando o conhecimento acerca dos saberes tradicionais e aproximando os campi do Instituto Federal de Minas Gerais das diversas comunidades da região.

Palavras-chave: Saberes Tradicionais; Mulheres; Ginecologia Natural e Autônoma; Corpo; Interseccionalidade.

DIÁLOGOS (IN) FORMATIVOS EM EDUCAÇÃO, GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE - A EXPERIÊNCIA NO NEGEDI IFRN NA PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO NA ESCOLA

Maria do Socorro da Silva
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
socorro.silva@ifrn.edu.br

Isabela Ludimila de Oliveira Bezerra
Universidade Federal da Paraíba

Gabriely Nascimento Varela
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
gabriely-varela@hotmail.com

Maria Almeriza e Silva
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
marizasilva673@gmail.com

O Núcleo de Estudos em Educação, Gênero e Diversidade (NEGÊDi), IFRN- CNAT, dedica-se às questões de gênero, raça, etnia e diversidade sexual e preocupa-se com a formação de sujeitos críticos e reflexivos nas temáticas de estudos do Núcleo, atuando de forma teórica e prática nos espaços acadêmicos e fora dele. O objetivo deste trabalho consiste em apresentar um relato de experiência de um curso promovido pelo Negedi IFRN, desde 2013, denominado Formação de Multiplicadores nas temáticas de Educação, Gênero e Diversidade. A experiência do curso em suas diversas realizações, contou com a média de 45 participantes, formando um total de 30 cursistas. O curso teve como proposta capacitar profissionais e interessados para atuarem nas temáticas de gênero, raça, etnia e diversidade sexual, conforme seus espaços educativos, no entanto, para além de capacitar, objetivamos formar o/a participante como sujeito/a multiplicador/a das temáticas discutidas durante o curso, visto que, compreendemos que formações desta natureza temática tem o propósito de somar na construção de um novo cenário social. A metodologia utilizada teve como aporte teórico a revisão bibliográfica, a literatura na temática de estudo e a análise documental, com enfoque na pedagogia feminista e freiriana. O curso foi desenvolvido em módulos temáticos, em formato de Roda de Conversas e elaboração de um

produto de intervenção pedagógica que resultasse na compreensão dos estudos desenvolvidos, estas intervenções se deram em territórios indígenas e quilombolas. Os resultados constituíram-se em participação em eventos científicos e acadêmicos dos envolvidos, ingresso no núcleo de pesquisa e atuação qualificada em organizações e movimentos sociais em suas comunidades, construção de material científico como a cartilha, que debate sobre as questões de gênero. O curso é ofertado em modalidade de extensão a cada 02 anos e será objeto de análise quanto a sua eficiência efetividade e alcance de seus resultados através de projeto de pesquisa, envolvendo seus participantes na sua totalidade no ano de 2021.

Palavras-chave: Educação. Gênero. Formação de multiplicadores. NEGEDI. Diversidade.

AS SEXUALIDADES DISSIDENTES E A FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Robério Nunes Maia
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
roberionunespsi@gmail.com

Ana Kamily de Souza Sampaio
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
kamily.sampaio@ifrn.edu.br

Avelino Aldo de Lima Neto
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
avelino.lima@ifrn.edu.br

O presente trabalho, de natureza teórica, é fruto de uma dissertação em processo de finalização no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e objetivou desvelar os lugares das sexualidades dissidentes na proposta pedagógica da Educação Profissional (EP). Para tanto, pretendeu-se perceber como o corpo e a sexualidade juvenis se situam no Projeto Pedagógico da Educação Profissional; problematizar as interfaces entre o currículo integrado e as demandas subjetivas relativas ao corpo e à sexualidade no contexto institucional; e, por fim, revelar as articulações existentes entre a formação humana integral preconizada pela Educação Profissional e as práticas de subjetivação referentes à sexualidade. O fenômeno em questão foi investigado à luz do referencial teórico dos estudos de gênero e sexualidade, em diálogo com teóricos da Educação Profissional. A abordagem metodológica da pesquisa é de qualitativa, de natureza exploratória. Nesse sentido, inicialmente, através de um estado da arte, identificamos lacunas existentes no campo epistemológico da Educação Profissional — a saber, a inexpressiva quantidade de estudos sobre corpo e sexualidade nessa modalidade educativa. Após esse momento, analisamos leis e documentos institucionais referentes à proposta pedagógica da Educação Profissional. Em seguida, identificamos a existência de situações de sofrimento vinculadas às questões de gênero e sexualidade recebidas pelos setores de Assistência Estudantil e de Psicologia do IFRN. Esses três movimentos prévios ajudaram-nos a compor o corpus da pesquisa, constituído de três

filmes: *Corpo Elétrico* (2017); *Ferrugem* (2018); *Moonlight: sob a luz do luar* (2017). Como estratégia metodológica de ampliação dos olhares sobre o problema estudado, empregamos a Ficha de Análise Fílmica, debruçando-nos sobre as categorias de análise a seguir: corpo e educação; corpo e sexualidade; corpo e trabalho. O trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro, apresentamos por meio do estado da arte, as lacunas epistemológicas acerca do corpo e da sexualidade na EP; em seguida abrimos o debate teórico sobre o cinema na educação; por fim, resgatamos a sexualidade e o trabalho – categorias centrais da pesquisa – no cinema contemporâneo, a partir dos filmes supracitados, direcionando nosso olhar ao problema do estudo. No segundo capítulo, discutimos as (in)visibilidades do corpo e a sexualidade na EP, analisando criticamente os pressupostos da pedagogia histórico-crítica da EP e os modos como as sexualidades dissidentes se encontram no PPP da Educação Profissional. No terceiro capítulo, abordamos a formação humana integral e as sexualidades no currículo integrado do IFRN, fazendo emergir as práticas de subjetivação referentes à sexualidade, a partir dos currículos integrado e oculto, trazendo o Serviço de Psicologia como ator indispensável para a materialização da formação humana integral. A pesquisa contribuiu a identificar as lacunas existentes quanto as questões de corpo e sexualidade dissidentes no campo epistemológico da EP, bem como a identificar a ausência dessas questões no PPP do IFRN, integrando-o de maneira generalista dentro da categoria diversidade. Neste sentido, o Assistência Estudantil, apresenta-se como lugar privilegiado da escuta desses sujeitos, desvelando, inúmeros fazeres e práticas que integram as questões postas pelo currículo integrado, como pelo currículo oculto, chegando a lacunas não alcançadas pelo currículo formal.

Palavras-chave: Educação Profissional; Corpo; Sexualidades dissidentes; Cinema; Formação Humana Integral.

6.

ST 06 – MUNDO DO TRABALHO, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E IDENTIDADE DE GÊNERO

COORDENAÇÃO:

Ilane Cavalcante (IFRN)
E-mail: ilane.cavalcanti@ifrn.edu.br

Jaqueline Gomes de Jesus (IFRJ)
E-mail: jaqueline.jesus@ifrj.edu.br

MEDIAÇÃO

Josean Silva (SEDUC/AP)

APRESENTAÇÃO DO SIMPÓSIO TEMÁTICO

Este simpósio temático tem a intenção de ampliar as discussões sobre as interrelações entre as categorias trabalho e identidade de gênero no âmbito das instituições de Educação Profissional e Tecnológica. A proposta volta o seu olhar para a diversidade no âmbito da educação

profissional, seja na formação seja na interface com o mundo do trabalho, buscando dar visibilidade às experiências de grupos minoritários e movimentos sociais ligados às identidades de gênero. Espera-se receber contribuições acerca das trajetórias profissionais de pessoas LGBTI+, a partir de perspectivas inclusivas, e de homens e mulheres cisgêneros, sob uma perspectiva crítica da cisnormatividade enquanto formadora de privilégios. Estimulamos a referência ao conhecimento produzido por pensadoras/es e pesquisadoras/es trans; estudos sobre diversas estratégias de inserção, ascensão e enfrentamento dos obstáculos interpessoais e organizacionais para a empregabilidade de mulheres e da população LGBTI+, reconhecendo sua diversidade sexual, de gênero, etnicorracial, etária e regional, visando a propositura de estratégias organizacionais e políticas públicas para a superação da transfobia institucional.

Palavras-chave: Identidade de gênero. Gênero e trabalho. Gênero e Educação Profissional.

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: VOZES DE PÓS-GRADUANDOS

Antonio Leoni dos Santos Junior
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
leoni_jr@hotmail.com

Ilane Ferreira Cavalcante
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
ilanecfc@gmail.com

A perspectiva de gênero na produção do conhecimento científico começa a ganhar maior destaque no campo epistemológico das ciências sociais. Os obstáculos ao longo do percurso, como afazeres domésticos e cuidados com filhos e idosos, incidem na baixa representatividade feminina na ciência e em posições de prestígio e poder (ALBORNOZ et al, 2018). Do mesmo modo, a pandemia da Covid-19 está ampliando o abismo da desigualdade na produção científica. Diante do cenário, o presente estudo propõe compreender o impacto da pandemia na produtividade acadêmico-científica de estudantes de pós-graduação no Brasil. O acesso a uma pós-graduação no país ainda é pequeno, embora tenha crescido muito nas últimas décadas. Os dados oriundos da Plataforma Sucupira, que congrega informações de todos os cursos e programas de pós-graduação do país, indicam que, no ano de 2017, último ano de coleta até se completar novo quadriênio, havia o registro de 375.468 discentes matriculados em 458 Programas de Pós-graduação no Brasil. Esse público precisa produzir conhecimento com um agravante: um prazo determinado pela Capes. Em 2020, com a pandemia, que escancarou a desigualdade (BUTLER, 2020), principalmente nos países periféricos, o que fizeram esses pós-graduandos? Continuaram a produzir? Em que condições? Essas são algumas das questões que moveram essa pesquisa. Para buscar respostas e alcançar o objetivo, foi elaborado um questionário semiestruturado no Google forms, aplicado ao público de pós-graduandos por meio de grupos e disseminação em redes sociais. Um total de 32 respostas trouxe alguns resultados possíveis. As respostas (ainda que de uma minoria desse público) permitem a constituição de uma visão parcial de sua vivência. A maioria dos respondentes (75%) se autodeclarou feminino. A maioria também se declarou branca (43,8%) ou parda (43,8%) e (56,3%) informou ser

responsável pelo cuidado com filhos. Além dos dados quantitativos, as respostas às questões subjetivas exigiram a aplicação da Análise Textual Discursiva de Moraes e Galiazzi (2016) com categorias definidas a partir da recorrência às respostas. Foram definidas três grandes categorias de análise: pós-graduação e trabalho; aspectos positivos e aspectos negativos da vivência na pandemia; impactos na produção acadêmica. O quadro geral apresentado informa que a pós-graduação ainda é um espaço restrito, com presença de poucos negros, que há uma presença significativa de mulheres e que esses indivíduos precisaram se desdobrar entre os cuidados com filhos e com as atividades da pós-graduação. Entre as respostas subjetivas, ficou evidente o impacto negativo que a pandemia trouxe para a sua produção, inclusive com adoecimento físico e emocional e com um percentual significativo de estudantes que teve de conciliar o trabalho remoto, as atividades domésticas e os estudos.

Palavras-chave: Produção do conhecimento. Pós-graduação e pandemia. Pós-graduação e trabalho.

EMPREGADAS DOMÉSTICAS NAS PÁGINAS DE UM JORNAL POTIGUAR: UMA HISTÓRIA DA SUSPEIÇÃO

Ana Lúcia da Silva
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
analuciasilva883@gmail.com

Emerson Samy Barreto da Fé
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
emersonsamy@gmail.com

Fernando José Soares
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
soaresfernandojs@gmail.com

Ana Cristina Pereira lima
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
cristina.lima@ifrn.edu.br

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão acerca de como as empregadas domésticas eram representadas na imprensa natalense. Para tanto, tomamos como fonte de informações o jornal Diário de Natal entre as décadas de 1950- 1960, cujas edições estão disponíveis no acervo digital da Biblioteca Nacional. O estudo aqui apresentado surgiu no âmbito do projeto de pesquisa intitulado “Mulheres e Famílias na imprensa potiguar em meados do século XX: alteridades e (in)visibilidades”, em execução no IFRN/Canguaretama. A partir de uma análise do jornal O Diário de Natal, que tinha o maior número de assinaturas entre os jornais impressos no Rio Grande do Norte, percebemos a recorrência de notícias sobre furtos e roubos que apontavam as empregadas domésticas como principais suspeitas desses crimes. É importante observar como a circulação dessas notícias, que às vezes apareciam na primeira página do jornal, acabava por gerar desconfianças com relação às mulheres que desempenhavam serviços domésticos, chamando atenção para necessidade de vigiar os empregados. Nesse processo havia a marginalização de mulheres pobres, construindo uma imagem negativa das empregadas domésticas, postas como suspeitas de roubos, muitas vezes sem haver uma investigação. A metodologia adotada foi a de perceber o jornal não só

como fonte de informação, mas como objeto de estudo, tentando identificar interesses políticos econômicos e o público ao qual se destinava. Assim, realizamos oficinas para identificar os elementos estéticos e discursivos do jornal. Em seguida, foram produzidas oficinas de organização e o inventário das publicações. Utilizamos fichas individuais para cada matéria, sendo realizado um levantamento das diversas notícias sobre empregadas domésticas entre as décadas de 1950/60. Abordamos o material a partir da análise comparativa entre as matérias (Exploratória e Descritiva), tentando identificar como esse veículo de informação abordou a temática. Essa pesquisa é parte de um projeto em andamento que se encontra na fase de coleta de dados. Entretanto, evidenciam-se algumas questões acerca do lugar social das mulheres pobres, dos discursos e construções imagéticas de criminalização da pobreza, além da vulnerabilidade que marca historicamente a condição de emprega doméstica no Brasil. Assim, esperamos contribuir com o debate sobre as opressões cotidianas sofridas por mulheres trabalhadoras, ainda tão presentes na atualidade.

Palavras-chave: Empregadas domésticas. Jornais. Marginalização.

MULHER, MÃE E PROFISSIONAL: UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE OS DESAFIOS DA REINserÇÃO DE MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO APÓS TER FILHOS

Beatriz Elisa de Moura Borba
Faculdade Pernambucana de Saúde
biamouraaborba@gmail.com

Nathalia da Silva Santos
Faculdade Pernambucana de Saúde
nathalia_sotnas@hotmail.com

Rossana Rameh de Albuquerque
Faculdade Pernambucana de Saúde
rorameh@fps.edu.br

Introdução: Os papéis atribuídos as mulheres na sociedade podem ser compreendidos a partir de uma construção social e cultural. Desta forma, esses padrões nos papéis femininos são modificáveis ao longo do tempo. A partir das transformações sociais e o advento do feminismo as mulheres têm se apropriado de papéis diferentes daqueles ditados anteriormente desprendendo-se da esfera privada para o ambiente social e público. A mulher, mãe e profissional tem uma jornada múltipla que encontra diversos desafios nesses processos. Evidencia-se que após ter filhos, a reinserção no mercado de trabalho para mulheres torna-se ainda mais difícil. Objetivo: Desta forma, dada a importância de ampliar o conhecimento sobre esta temática e a escassez de publicações sobre isto, este trabalho objetivou realizar uma revisão de literatura e tecer alguns comentários sobre essas construções e os desafios encontrados por mulheres nesse cenário. Metodologia: Trata-se de uma revisão de literatura realizada a partir de consulta eletrônica ao banco de dados do Scientific Electronic Library Online (Scielo) utilizando das palavras-chaves abaixo e filtrando apenas publicações em português. Resultados e Discussão: Na revisão foram selecionados treze artigos de acordo com a metodologia. Em princípio os artigos selecionados seriam dos últimos cinco anos, porém, devido à escassez de publicações, o intervalo de tempo se estendeu para os últimos vinte anos. Notou-se questões relacionadas aos avanços e desafios das mulheres no mercado de trabalho após ter filhos, bem como se encontrou diferenças significativas

entre mulheres brancas e negras, além de se evidenciar a importância de uma rede de apoio, sobretudo do pai, nesse contexto. Conclusão: Alguns avanços das mulheres nesse campo tornam-se notáveis, porém os desafios acabam se sobressaindo acarretando muitas vezes em limitações, sobretudo quando se tornam mães. Verifica-se a existência de desigualdade e segregação. Ressalta-se a necessidade de novos estudos sobre o tempo ampliando o conhecimento visto a quantidade escassa de artigos encontrados.

Palavras-chave: Mulheres. Mulher e Mãe. Mercado de Trabalho. Reinserção no Trabalho.

O “OLHAR” DE FUTURAS PROFESSORAS E PROFESSORES EM EXERCÍCIO SOBRE A DOCÊNCIA DE HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Cássia Aparecida Sales Magalhães Kirchner
Centro Universitário UNIFAAT
cassiasallesmk@gmail.com

O trabalho resulta de análises de registros realizados durante a atuação como professora em cursos de pedagogia e espaços voltados para a formação continuada de professores. Os registros dedicam-se ao estranhamento das alunas sobre a atuação de professores homens na Educação Infantil e a tentativa de construir argumentos sem a estereotípica associação do homem que atua na educação infantil com a pedofilia ou questões relacionadas a sexualidade. Contudo, apesar dessa tentativa sobressaem argumentos sobre a necessária adaptação do homem ao ambiente considerado apropriado para a Educação Infantil e a manutenção de uma postura entremeada por cuidados maternos. Para Warnier (1999) as técnicas do corpo, ou seja, modos de se servir do próprio corpo enquanto instrumento de ação, padronizados socialmente e aprendidos culturalmente indicam a percepção que um sujeito tem de si mesmo, de suas condutas motoras e das condutas do outro. Ao tentarem “encaixar” o masculino em um ambiente culturalmente moldado para as práticas do cuidar as futuras professoras e professoras em exercício explicitam conflitos com seu eu enquanto corpo feminino, o estranhamento do outro como corpo masculino e anulam o corpo infantil a ser cuidado, ou seja, o corpo é subjetivado tanto quanto os pensamentos. Desse modo, o aprendizado e a incorporação de condutas motoras, culturalmente produzidas, mesmo acompanhadas pela heterogeneidade dos sujeitos e de elementos singularizantes ao considerar os limites admitidos pela cultura interferem na invenção de um eu pessoal impactando na percepção do outro como docente atrelado ao corpo biológico e os significados que carrega.

Palavras-chave: Docência. Gênero. Educação Infantil. Formação inicial e continuada. Técnicas do corpo.

DIFUNDINDO O IDEAL, MARGINALIZANDO O REAL: MULHERES EM PROPAGANDAS DE JORNAIS NA METADE DO SÉCULO XX

Giceli de Souza Silva
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
gicelisouza93@gmail.com

Maria Wiedelania Ferreira de Lima
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
widelania@hotmail.com

Ana Cristina Pereira Lima
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
cristina.lima@ifrn.edu.br

Este trabalho se propõe a observar de que forma a imagem da mulher burguesa foi sendo construída e divulgada como padrão social de referência para outras mulheres na imprensa potiguar na metade do século XX. Partindo de uma pesquisa inicial na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, localizamos os jornais O Poti e Diário de Natal, principais veículos da imprensa escrita natalense nas décadas de 1950-1960. Em tais jornais, investigamos como as mulheres foram representadas nos artigos de opinião, nas notícias e anúncios, buscando identificar os possíveis objetivos/ interesses políticos, sociais ou partidários que estavam associados à imagem da mulher e como sua presença fora requerida e propagada nessas páginas. Nos jornais, analisamos mais detidamente a parte endereçada ao público feminino: o “Suplemento Feminino” – organizado pelo grupo editor do jornal Diário de Natal e republicado no jornal O Poti – que circulava semanalmente. Nesse caderno extra, eram publicadas receitas, modelos de roupas, dicas de costura, além de conter uma seção de literatura voltada às mulheres. Preenchido de anúncios de roupas, produtos de beleza e/ou utensílios domésticos, esse caderno fazia circular conselhos para mulheres casadas, donas de casa e mães. Através de estudos sobre a história das mulheres, sobre as tensões inseridas nas relações de gênero e nas desigualdades sociais, é possível fazer a leitura dessas publicações a fim de entender quais condutas eram forjadas para definir o lugar e o espaço feminino na época. É importante também verificar como a imprensa contribuía para circular padrões de beleza e de consumo. A abordagem

sobre esse tema sugere a importância de estudar as relações de gênero, destacando a fabricação da mulher ideal e, nesse mesmo processo, impondo comportamentos que desconsideravam a vida das mulheres pobres, seus trabalhos e suas experiências. A pesquisa está em andamento e faz parte do projeto “Mulheres e Famílias na imprensa potiguar em meados do século XX: alteridades e (in)visibilidades”, desenvolvido no IFRN/Canguaretama.

Palavras-chave: Mulheres. Imprensa. Propaganda.

VIVENDO A PANDEMIA NA DOCÊNCIA: VOZES MULHERES NO IFRN

Ilane Ferreira Cavalcante
ilane.cavalcante@ifrn.edu.br

Rosemary Pessoa Borges de Almeida
rosemary.borges@ifrn.edu.br

Elizama das Chagas Lemos
elizama.lemos@ifrn.edu.br

No cenário da educação pública brasileira, a rede federal se constitui em um espaço privilegiado para a docência, o privilégio, no entanto, se constitui daquilo que deveria ser o mínimo necessário ao exercício da docência: a possibilidade de dedicar-se de forma articulada a ensino, pesquisa e extensão, a estabilidade profissional, a dedicação exclusiva à instituição, carga horária destinada a planejamento e estudo. Apesar desse suposto privilégio, a realidade da docência durante a pandemia COVID 19 não foi necessariamente fácil ou simples para seus professores. Nesse contexto de múltiplas dificuldades, como ficaram as mulheres professoras? Que aspectos positivos e negativos cercaram o seu cotidiano durante a pandemia COVID 19? Essas questões, que nos atingem diretamente, por também sermos mulheres, professoras e pesquisadoras, guiaram a nossa pesquisa e trazemos aqui os dados coletados e os relatos das professoras como um registro desse momento institucional. Para tanto, aplicamos um questionário contendo perguntas abertas e fechadas, procurando conhecer o perfil dessas mulheres e colher relatos acerca de suas vivências durante a pandemia. O questionário foi elaborado por meio do Google forms e enviado via e-mail e redes sociais, recebendo um total de 104 respostas em apenas uma semana de aplicação. Para a análise dos relatos optamos pela Análise Textual Discursiva (ATD), baseada em Moraes e Galiazzi (2006). Os resultados levam a perceber que o vírus não traz apenas o perigo da letalidade, também atinge as mulheres de outras formas. A tripla jornada, que somava atenção ao trabalho externo e interno ao ambiente doméstico se torna mais complexa sem a ida ao local de trabalho. A atenção aos filhos ou aos idosos sob a responsabilidade prioritária das mulheres torna-se constante, sendo dividida, no mesmo ambiente, com as questões do trabalho externo. A angústia quanto à intervenção no

IFRN transparece na maioria das respondentes (apenas 10 indicaram não terem sido afetadas por essa situação). As relações pessoais tornam-se mais conflituosas, pois a convivência constante no mesmo ambiente gera desgastes.

Palavras-chave: Educação Profissional. Igualdade de Gênero. Educação em tempos de Pandemia. Ensino remoto. Tecnologias educacionais.

CORPO E FORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE MULHERES PERIFÉRICAS UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Iracyara Maria Assunção de Souza
Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Ilane Ferreira Cavalcante
Instituto Federal do Rio Grande do Norte

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) tem como foco a educação profissional a partir de uma perspectiva de formação humana integral. Nesse sentido, oferta cursos em vários níveis e modalidades. O foco deste trabalho recai sobre o Curso Formação Inicial e Continuada (FIC) Artesã em Bordado à mão, que tem como objetivo geral propiciar qualificação profissional atrelada ao eixo tecnológico Produção Cultural e Design, cuja oferta atendeu às ações do Programa Mulheres Mil: Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável, no IFRN- Natal Cidade Alta (Unidade Rocas). No FIC em Artesã foram atendidas 30 mulheres (residentes no bairro periférico das Rocas), com trajetória de vida e experiências diversas, que necessitavam de um saber formal no estabelecimento de um projeto de vida, primando pelos valores humanos e o exercício da cidadania e a retomada e a continuidade dos estudos para elevação da escolaridade. Esse relato apresenta uma experiência desenvolvida na disciplina Saúde da Mulher, com o objetivo de oportunizar as mulheres a vivência das dimensões expressivas da corporeidade por meio de atividades lúdicas, explorando a ludicidade na construção da autoimagem. A proposta das atividades seguiu uma propositiva dialógica, que problematizou o conhecimento atrelado à forma de ser da própria existência das mulheres no contexto social, para melhor se compreender, se conhecer e se transformar (FREIRE, 2012). Aliado a isso, a significação do conhecimento do corpo como realidade que nos permite sentir e perceber o mundo, os objetos, as pessoas. Assim como nos permite imaginar, sonhar, desejar, pensar, narrar, conhecer, escolher (NÓBREGA, 2010). As atividades foram escolhidas em pertinência de favorecer a compreensão do corpo no cotidiano, a construção histórica da corporeidade e da autoimagem da mulher. Em particular, a atividade da exposição fotográfica intitulada “Meu corpo, meu universo!”, realizada na galeria de arte do IFRN-Natal Cidade Alta, resultante da reflexão coletiva

sobre o corpo imersa nas experiências corporais reais das mulheres participantes do programa. Essa atividade foi mediada pela professora, num diálogo sobre a nossa presença no mundo, constituindo-se uma forma privilegiada de ser corpo, que revela nossos pensamentos, ideias, sentimentos e potencial criativo. Portanto, nossa corporeidade, aqui entendida como “tudo aquilo que eu sou”. (SANTIN, 2001)

Palavras-chave: Corporeidade. Autoimagem e educação de mulheres. Ludicidade na educação profissional.

FERIDAS NA MEMÓRIA, RELATOS DE ESTIGMATIZAÇÃO HETERONORMATIVAS NO AMAPÁ

Josean Ricardo de Souza e Silva
joseanricardo@gmail.com

Este trabalho trata de um ensaio que faz parte de uma pesquisa mais ampla realizada no Mestrado Profissional em Ensino de História, o PROFHISTÓRIA, na Universidade Federal do Amapá, defendida em 2018. As feridas causadas aqueles e aquelas percebidas fora da heteronormatividade na cultura escolar, permanecem abertas, são memórias muito dolorosas, de difícil acesso, mas que se mantêm no tempo tanto para quem as viveu quanto para quem as vive, porque o silenciamento contínuo dessas vozes promove a permanência no tempo de práticas violentamente discriminatórias contra quem é percebido fora das normas em relação aos gêneros e sexualidades. O objetivo é pensar e promover outras práticas na educação básica e profissional. A metodologia análise das possibilidades de apreensão dessas feridas nas memórias, com o uso de referenciaos teóricos da história oral. Objetivando promover análises destas memórias para práticas verdadeiramente inclusivas. O principal conteúdo são as memórias daqueles e daquelas que viveram processos de estigmatização na cultura escolar que impactaram na formação profissional destas pessoas.

Palavras-chave: Memória. Estigmatização. heteronormatividade. Cultura Escolar.

O DIREITO E O ASSÉDIO MORAL NAS RELAÇÕES ESTUDANTIS DOS ALUNOS DO IFRN CAMPUS JOÃO CÂMARA

Láiza Vitória de Oliveira França Gomes
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
vitorialaiza05@gmail.com

Maria Alessandra Soares da Silva
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
mariaalessandram174@gmail.com

Maria Antonia Rodrigues de Lima
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
mariaantonio04csa@gmail.com

Marilson Donizetti Silvino
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
marilson.silvino@ifrn.edu.br

O assédio moral é presente em diversas áreas, desde os ambientes escolares aos profissionais e laborais. Configura-se por atitudes abusivas que afetam direta e indiretamente o psicológico do indivíduo, de maneira que se sinta humilhado e constrangido. A pesquisa tem o intuito de analisar a ocorrência do assédio moral nas relações estudantis das alunas do Campus João Câmara do IFRN. Especificamente se objetiva diagnosticar quais as relações estudantis existentes das alunas do campus, e verificar a ocorrência do assédio moral nesta unidade de ensino. Os dados serão coletados a partir de questionários e relatos, realizados digitalmente, a aplicados com todos os alunos do Campus, para que possa ser analisado e divulgado os resultados, em busca de que os estudantes se conscientizem sobre o assunto. Espera-se que se expanda os resultados e que possa se debater a temática que pouco se aborda nas instituições educacionais, propondo divulgar os resultados em palestras, redes sociais, publicações científicas e exposições, para que todos possam reconhecer, repudiar e denunciar o ato no âmbito escolar, fazendo-se necessário o debate com os alunos e profissionais de ensino e outras áreas correlatas. Com a perspectiva teórica nas discussões dos Direitos Humanos e a respeito das Relações Estudantis, aborda o assunto refletindo como o tema pode ser prejudicial a

sociedade, refletindo negativamente, com impactos também à saúde e ao bem estar social da população.

Palavras-chave: Assédio moral. Relações Estudantis. IFRN. João Câmara. Direitos Humanos.

“MULHERES ESCANDALOSAS”: MULHERES POBRES E EMPREGADAS DOMÉSTICAS NA FALA DOS OUTROS

Maria de Fátima da Rocha
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
rochafatima22@gmail.com

Ana Lúcia da Silva
Instituto Federal do Rio Grande do Norte
analuciasilva883@gmail.com

O presente trabalho tem como objeto de estudo a circulação midiática de brigas, agressões e desentendimentos nos quais estavam envolvidas mulheres pobres, em geral, empregadas domésticas. Tais eventos foram retratados como escândalos para a sociedade, publicados em notícias de jornais do Diário de Natal nos anos 1960. O interesse no assunto, enquanto discentes da Licenciatura em Educação do Campo, emergiu da discussão de algumas pesquisas acadêmicas sobre a condição feminina e as formas de representar mulheres das camadas populares na imprensa do século XX. O jornal Diário de Natal se tornou a principal fonte para nosso estudo. Foram consultadas diversas edições disponíveis por meio digital no site da Biblioteca Nacional. A pesquisa teve início com o projeto intitulado “Mulheres e famílias na imprensa potiguar em meados do século XX: alteridades e (in) visibilidades”, estando em andamento no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (Campus Canguaretama). Para atingir os objetivos foram produzidas fichas bibliográficas e catalográficas, buscando um levantamento de informações e interpretações sobre as publicações dos espaços de atuação feminina, em específico as empregadas domésticas, no decorrer dos anos 60. Foi utilizada uma abordagem de caráter exploratório descritivo, com análises e comparações sobre o tema. Com o estudo e análise de notícias e imagens, foi perceptível que o mercado de trabalho feminino era restrito e sofria vários preconceitos, e as publicações acerca das empregadas domésticas como pessoas que causavam escândalos em via pública nos aguçaram a criticidade e curiosidade sobre o tema, visto que forjavam uma associação entre essas mulheres e a falta de civilidade ou “bons modos”. As contínuas notícias sobre os “escândalos” expunham muitas mulheres trabalhadoras, insistindo na construção de violência e indecência como algo que definia as mulheres pobres, cristalizando

muitos preconceitos raciais e de classe. Na fala dos outros (patrões, empregadores, polícia e imprensa) as empregadas causavam tumultos, mostrando um comportamento condenado pela sociedade. Mas o seu trabalho, as suas condições de moradia e suas experiências eram invisibilizados. Ao estudar o tema é possível constatar como é perceptível a desvalorização e invisibilidade das empregadas domésticas, ligadas e comparadas à imagem de violência, evidenciando assim um processo de precarização do trabalho feminino no Brasil. Espera-se com este estudo refletir sobre os direitos das mulheres, debatendo as condições históricas do trabalho feminino e, principalmente, entender a vulnerabilidade das empregadas domésticas.

Palavras-chave: Empregadas Domésticas. Invisibilidade. Discriminação.

COMO CONSEGUIR UM EMPREGO? DILEMAS ENCONTRADOS PELA POPULAÇÃO LGBTQI+

Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior
Centro Universitário UniFacid | Wyden
paulo_juniorpio@hotmail.com

A composição humana é cercada de aspectos diversos, onde juntos constituem a personalidade de cada um. Dentro desse processo esses seres passam por diversas etapas do desenvolvimento, mas se engana quem acredita apenas em transformações biológicas. Uma das formas geradoras da identidade humana é a sexualidade, termo amplo e que abarca diversas expressões. Olhando para esse quesito o desejo é um dos moldes de afeto, destacando a orientação sexual como um exemplo. As sociedades passaram então a reconhecer as várias formas de expressão, rompendo com o binarismo social imposto ao longo de séculos. A população LGBTQI+ foi então dando espaço e visibilidade a essas pessoas que não se encaixam no modelo heteronormativo. Essa luta não é brasileira, mas mundial, onde essa comunidade busca por meio de políticas públicas a efetivação dos seus direitos, sendo um deles o trabalho. É neste cenário que este trabalho surge, traçando como objetivo geral analisar as dificuldades e percalços enfrentados pela população LGBTQI+ em busca de oportunidades de emprego, por meio de uma revisão de literatura. A fundamentação teórica adotada visou utilizar autores que trabalham com a questão de gênero como Michel Foucault, Judith Butler, Paul B. Preciado e Berenice Bento. O trabalho é de caráter narrativo, do tipo compreensivo. Para isso, o lócus da investigação incluiu a busca nas seguintes bibliotecas virtuais: Google Acadêmico, Scielo, PePSIC e BVS Brasil. Os critérios adotados para esta busca consistiam em estudos que abrangiam o período de 2016 à 2020, em língua de portuguesa. Já como critérios de exclusão, escritos classificados como artigos de opinião, resenhas e resumos publicados em anais. Após uma busca inicial foram escolhidos quinze estudos da literatura. Os resultados parciais apontam para duas realidades encaradas no contexto brasileiro. Inicialmente, sujeitos que não aparentam fisicamente algum aspecto que o relacione a sua orientação sexual parecem passar ilesos pelo crivo da sociedade. Também é necessário lembrar que muitos destes indivíduos gozam de privilégios que os fazem possuir uma boa educação e maior possibilidade de inserção no mercado de trabalho. Muitas vezes,

isso é ligado ao aspecto da masculinidade e branquitude presente nessas pessoas. Na contramão desta realidade, travestis e pessoas transgêneras enfrentam dificuldades de inserção social, devido a marginalização e exclusão. Essas pessoas representam em todos os aspectos da sua identidade uma faceta que escancara o ódio e o preconceito. Além disso, muitos não conseguem finalizar seus estudos, sendo ainda mais excluídos. Outro ponto a se destacar são os programas e incentivos governamentais para a inclusão dessas pessoas, mesmo que isso ainda ocorra a lentos passos em relação a políticas de outros países. Conclui-se sobre a necessidade de galgar mais passos nesta caminhada. Este trabalho poderá contribuir com isso? É o que veremos.

Palavras-chave: LGBTQI+. Empregabilidade. Exclusão. Políticas Públicas.

MUNDOS DO TRABALHO: RELAÇÕES DE GÊNERO E AFETOS NO COTIDIANO DOS CANDANGOS DE MOTOR DE AGAVE (CUBATI/PB)

Silvano Fidelis de Lira
silvanohistoria@gmail.com

O texto pretende apresentar algumas reflexões sobre as relações de gênero tecidas entre os candangos de motor de agave, e dessa forma analisar como aqueles sujeitos criaram e viveram afetos, amores, mágoas no contexto das relações de trabalho. Para ter acesso a estas memórias foram realizadas entrevistas com homens e mulheres, de idade superior a cinquenta anos e tiveram suas vidas marcadas pela cultura do agave, assim, criou-se um conjunto de depoimentos e narrativas sobre sensibilidades e memórias plurais.

Palavras-chave: Gênero. Memórias. Sensibilidades.

EDUCAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE CORPORATIVO

Thiago Silva Prado
thiago.silvaprado@hotmail.com

Douglas Doranem
douglasdoranem@gmail.com

O ambiente corporativo costuma ser altamente diversificado, dependendo principalmente do tipo de empresa, região, missão e valores, dos fundadores e muitos outros aspectos. Nesse sentido, vale a pena destacar que, mediante a todos essas variáveis, ainda existe no cenário contemporâneo empresas muito conservadoras, as quais tendem a manifestar processos de gestão que extinguem e excluem pessoas LGBTQIA+. Sendo assim, busca-se neste estudo analisar a educação corporativa como uma alternativa de equalizar os processos organizacionais para que ocorra simultaneamente a gestão da diversidade de pessoal. Os procedimentos metodológicos envolvem pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória. Sobre a metodologia bibliográfica Gil (1996, p. 48) destaca que “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituindo principalmente de livros e artigos científicos”. Quanto a ser qualitativa, para Richardson et al. (2007, p. 35), “é a pesquisa na qual não são utilizados métodos estatísticos, o pesquisador observa o objeto, geralmente de caráter descritivo”, nesse processo existe também a inserção da subjetividade dos pesquisadores. Em se tratando do caráter exploratório, Gil (1996, p. 45) apresenta que “tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilita a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado”. Dessa forma, a pesquisa pretende levantar dados acerca de empresas brasileiras que optaram em não fazer a devida gestão da diversidade. LGBTQIA+ é um termo em que cada letra abrange um espectro da orientação sexual e da identidade de gênero (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros - travestis ou transexuais, Queer, Intersexual, Assexual e o + é utilizado para designar as demais identidades de gênero) (SANTOS, 2020). Nota-se com a sigla uma diversidade que precisa ser absorvida no ambiente do trabalho, sendo que em uma sociedade capitalista a busca por um trabalho remunerado é a condição mínima para manutenção da vida. Entretanto, devido ao preconceito

existente na sociedade, muitos LGBTQIA+ ficam marginalizados e fora dos grupos normativos. Sobre essa população, Moraes e Oliveira (2019) fazem uma explanação apresentando relatos sobre as dificuldades enfrentadas, onde uma das participantes destaca que após a luta para conseguir uma vaga de trabalho, toda continuidade e prática torna-se um desafio, pois, como afirma ela, até mesmo ir ao banheiro é um empecilho. Para os autores, mulheres trans são as que mais são prejudicadas no ambiente corporativo, sendo que existe ainda muita resistência por parte de conservadores em acolher, compreender, respeitar essas pessoas. Portanto, a estratégia proposta é a educação corporativa como uma forma de instruir todos os colaboradores sobre a necessidade da diversidade, uma vez que ela possibilita um ambiente mais criativo, diversificado e competitivo.

REFERÊNCIAS GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1996. SANTOS, L. Seciju explica o que significa cada letra da sigla LGBTQI+ e alguns outros termos usados na luta por respeito e diversidade. Portal Tocantins. Disponível em: <https://portal.to.gov.br/noticia/2020/6/17/seciju-explica-o-que-significa-cada-letra-da-sigla-lgbtqi-e-alguns-outros-termos-usados-na-luta-por-respeito-e-diversidade/> acesso em 08/10/2020. MORAES, G.; OLIVEIRA, S. Os desafios dos LGBTI+ no mercado de trabalho. Folha de Pernambuco. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/os-desafios-dos-lgbti-no-mercado-de-trabalho/113266/> acesso em 08/10/2020. RICHARDSON, R. J. et al. Pesquisa Social: métodos e técnicas. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

Palavras-chave: Educação Corporativa. Relações de Gênero. Trabalho.

QUEM É MARIELLE FRANCO? UMA PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO DAS IMAGENS CONSTRUÍDAS PELOS DISCURSOS MIDIÁTICOS

Verônica Palmira Salme de Aragão
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
veronicaslame@uern.br

Camila Kayssa Targino Dutra
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
camila_targino2010@hotmail.com

O presente estudo visa investigar as imagens midiáticas atribuídas à vereadora Marielle Franco, vereadora, executada, junto com o seu motorista, Anderson Gomes, no dia 14 de março de 2018. Tal perda significou um retrocesso para os movimentos em prol dos direitos humanos, e, principalmente, para as mulheres, pretas e pretos. A pesquisa fundamenta-se na Análise Semiociológica do Discurso, proposta por Patrick Charaudeau, e no Feminismo Negro, na perspectiva do feminismo descolonial (LUGONES, 2014). A Teoria Semiociológica oferece suporte teórico para a compreensão dos processos discursivos, resultantes da posição dos sujeitos discursivos, de acordo com o seu projeto de influência (CHARAUDEAU, 2005). Pretende-se apreender possíveis imagens da vereadora por meio do exame dos imaginários coletivos construídos em torno de suas identidades. Nessa perspectiva, o conceito de interseccionalidade, preconizado pela abordagem descolonial, de Lugones (2014), possibilita a análise dos discursos a favor e contrários ao Feminismo Negro. A apresentação que Marielle Franco, cotidianamente, fazia de si, como mulher, negra, lésbica, mãe e defensora dos direitos humanos, revela a consciência das propostas do Feminismo Negro. Na investigação das duas matérias, dos respectivos jornais, G1 (O Globo) e BBC Brasil, evidencia diferentes identidades da vereadora, engendradas em estratégias de construção discursivas e imaginários coletivos bastantes distintos. Enquanto no G1, a imagem da vereadora é dissolvida em meio ao estereótipo de “mulher carioca”, esvaziando todo o seu potencial interseccional, no segundo jornal, a imagem de Marielle Franco é construída com a valorização de cada característica definidora dela: mulher, negra, militante, feminista e defensora dos direitos humanos, o que aproxima o debate engendrado na matéria da BBC Brasil de

reflexões importantes do Feminismo Negro Descolonial, valorizadas por Marielle Franco.

Palavras-chave: Discursos midiáticos, Identidade. Imaginários Coletivos. Descolonialidade. Feminismo Negro.

A DIMENSÃO DE GÊNERO NA IMPLEMENTAÇÃO DO ENSINO REMOTO: PERSPECTIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS NO PERCURSO DE TRÊS PROFESSORES

Verônica Palmira Salme de Aragão
veronicasalme@uern.br

Daiany Ferreira Dantas
daianyd@gmail.com

Ana Luiza Bezerra da Costa Saraiva
anasaraiva@uern.br

O contexto pandêmico, de contaminação da COVID-19, gerou para uma parte da população, sobretudo as mulheres trabalhadoras, grande parte destas também mães e cuidadoras, o acúmulo de afazeres domésticos e cuidados de pessoas, além das atividades remuneradas. Na implementação do ensino remoto nas universidades brasileiras, o conceito de gênero surge, em documentos de estudo para a adaptação do modelo de aulas, como uma dimensão estruturante a ser considerada. Na literatura institucional recente (UFRJ, 2020) destacam que o ensino remoto possui um caráter de urgência e transitoriedade, e a sua implementação precisa levar em conta a desigualdade entre o seu corpo docente, discente e técnico-administrativo, para que seja preservada a qualidade desse trabalho e a integridade e direito desses sujeitos, muitos deles implicados em cuidados decorrentes das responsabilidades da maternidade e cuidado com pessoas idosas, condição que vulnerabilizou mais as mulheres no contexto pandêmico. Neste artigo, objetivamos analisar o processo de implementação do ensino remoto na UERN, a partir do exercício político de três professoras que reivindicaram a consideração da dimensão de gênero na validação da carga horária da aula remota. Para tanto, observamos as políticas de competências institucionais internas (CONSEPE, CONSAD e reuniões de departamentos), documentos institucionais conclusivos (Resolução 28/2020) e a constituição de uma carta de reivindicações partilhada entre a comunidade acadêmica. Como metodologia, além da pesquisa documental, nos valem do método (auto)biográfico (NÓVOA, 1988), em três relatos de experiência, pontuando o processo de construção da carta e suas repercussões no contexto de discussão do ensino remoto na

UERN, em agosto de 2020. Como resultados, destacamos a coleta de cem assinaturas de adesão, a leitura de trechos da carta no Consepe e as resistências de diversos setores institucionais à consideração do gênero como estruturante nas políticas públicas universitárias. Referências ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUANDOS/ UFRJ. Ninguém fica para trás: propostas e questões para debate sobre aulas remotas. APG/UFRJ, Rio de Janeiro: 2020. NÓVOA, António e FINGER, Matthias (Org.). O Método (auto) biográfico e a formação. Lisboa. Ministério da Saúde, 1988. “Por que as pessoas estão ficando cansadas após videoconferências?”, disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/por-que-as-pessoas-estao-ficando-cansadasapos-videoconferencias/> Cf. “How to Combat Zoom Fatigue”, disponível em: <https://hbr.org/2020/04/how-to-combatzoom-fatigue>. Acesso em 09/08/2020 “Pesquisadoras temem que pandemia acentue diferenças de gênero na ciência”, disponível em: <http://www.faperj.br/?id=3982.2.149> Acesso em 09/08/2020 “Pesquisa feita por mulheres cai durante a pandemia e produção de homens aumenta”, disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2020/05/pesquisafeita-por-mulheres-cai-durante-pandemia-e-producao-de-homens-aumenta.html>. Acesso em 09/08/2020 “Women academics seem to be submitting fewer papers during coronavirus. ‘Never seen anything like it,’ says one editor”, disponível em: <https://www.thelily.com/womenacademics-seem-to-be-submitting-fewer-papers-during-coronavirus-never-seenanything-like-it-says-one-editor/> Acesso em 09/08/2020

Palavras-chave: Ensino remoto. Mulheres trabalhadoras. Universidade. Gênero